

Oswaldo Polidoro
Reencarnação de Allan Kardec

SANGUE
NA
CRUZ

OSVALDO POLIDORO
(reencarnação de Allan Kardec)

SANGUE NA CRUZ

DEUS

Eu Sou a Essência Absoluta, Sou Arquinatural,
Onisciente e Onipresente, Sou a Mente Universal
Sou a Causa Originária, Sou o Pai Onipotente,
Sou Distinto e Sou o Todo, Eu Sou Ambivalente.

Estou Fora e Dentro, Estou em Cima e em Baixo,
Eu Sou o Todo e a Parte, Eu é que a tudo enfaixo,
Sendo a Divina Essência, Me Revelo também Criação,
E Respiro na Minha Obra, sendo o Todo e a Fração.

Estou em vossas profundezas, sempre a vos Manter,
Pois Sou a vossa Existência, a vossa Razão de Ser,
E Falo no vosso íntimo, e também no vosso exterior,
Estou no cérebro e no coração, porque Sou o Senhor.

Vinde pois a Meu Templo, retornai portanto a Mim,
Estou em vós e no Infinito, Sou Princípio e Sou Fim,
De Minha Mente sois filhos, vós sereis sempre deuses,
E, marchando para a Verdade, ruireis as vossas cruzes.

Não vos entregeis a mistérios, enigmas e rituais,
Eu quero Verdade e Virtude, nada de “ismos” que tais,
Que de Mim partem as Leis, e, quando nelas crescerdes,
Em Meus Fatos crescereis, para Minhas Glórias terdes.

Eu não Venho e não Vou, Eu sou o Eterno e o Presente,
Sempre Fui e Serei, em vós, a Essência Divina Patente,
A vossa presença é em Mim, e Quero-a plena e crescida,
Acima de simulacros, glorificando em Mim a Eterna Vida.

Abandonando os atrasados e mórbidos encaminhamentos,
Que lembram tempos idólatras e paganismos poeirentos,
Buscai a Mim no Templo Interior, em Virtude e Verdade,
E unidos a Mim tereis, em Mim, a Glória e a Liberdade.

Sempre Fui, Sou e Serei em vós a Fonte de Clemência,
Aguardando a vossa Santidade, na Integral Consciência,
Pois não quero formas e babugens, mas filhos conscientes,
Filhos colaboradores Meus, pela União de Nossas Mentes.

RESTAURANDO A VERDADE

No estado evolutivo atual da Humanidade, o conceito mais aproximado que se pode fazer da Divindade, é que se resume em Amor, Ciência e Poder no sentido Absoluto.

O espírito, que é uma *centelha do Espírito Total* e anima o ser, necessita, para a sua evolução, empreender longo trajeto através da substância nas suas diversas modalidades – movimento, energia, matéria – a fim de ganhar cada vez mais amor, consciência e personalidade – objeto da vida – tendo por meta a felicidade. Esse dinamismo constante dos seres em busca da perfeição e do bem-estar é manifestado através da fenomenologia universal e constitui o que chamamos – a Revelação. Um elemento básico, fundamental capacita-os à execução desse exercício revelacionista – é a mediunidade ou Espírito Santo ou Paracleto. As entidades emanadas seguem, assim, no ritmo dialético, o curso palingenético das sucessivas existências dentro e fora da matéria.

Por um simples exame do que ficou exposto nessa base filosófica substancial e singela, fácil nos é compreender o seguinte: que a religião, do latim *religio* de *religere* ou *religare*, isto é, tornar a ligar, nada mais vem a ser do que um conjunto de preceitos pelos quais o homem se credencia a compreender, com exatidão e inteligência, a sua verdadeira posição na espiral evolutiva que abrange todo o Universo e a relação que o conecta ao Espírito Absoluto do Emanador. Capacita-o igualmente a saber fazer uso conveniente do referido elemento mediúnico em seu próprio benefício e no de seus semelhantes.

Logo, religião quer dizer ciência, nada tendo a ver com as instituições apócrifas geradas pelo capricho dos homens ou erigidas como escudo dos seus interesses imediatos e desonestos, conforme as conhecemos hoje. É o verdadeiro estudo da Lei desvencilhado dos preconceitos que geram o dogma. É filosofia por excelência. Conhecer o espírito da Lei e seguir o seu ritmo construtivo – eis o seu objetivo primacial.

Por tudo isso e em boa lógica, verifica-se que não pode haver senão uma única religião, porque uma é a Verdade que promana de um só Deus e não há outro caminho que nos possa conduzir com precisão ao seu conhecimento senão a Ciência conjugada ao Amor. Portanto, seja qual for a crença do indivíduo na Entidade Suprema, esta será sempre idêntica a si mesma, de Natureza Invariável e Absoluta para todos os crentes.

Da diversidade de compreensão sobre essa Natureza é que surgem as seitas que se dizem religiosas, todas elas eivadas de erros fundamentais, todas incrustadas de ritualismo inoperante, apoiando-se absurdamente no dogma, assim como o parasita, para viver, agarra-se à sua presa, conduzindo-a à regressão e degradando-a, de onde surge o mais deprimente ignorantismo. No entanto, com essa atitude criminosa, apenas entorpece a marcha da evolução, atirando o homem cada vez mais ao látigo da dor.

Deus não se define porque é Absoluto e o que é Absoluto é Infinito, não se constringe a formas. Ao intentar fazê-lo, o crente apenas acaba por definir o seu próprio grau evolutivo, o seu tipo de consciência, pois nem todos podem ter a mesma concepção de Deus. Dizia Max de Nordau, que se o macaco tivesse noção de Deus, provavelmente o figuraria na compleição de um gigantesco macaco; há fundamentos de Verdade nessa afirmação. Um homem civilizado não concebe o Ente Emanador pela mesma forma com que o faz o selvagem. São graus evolutivos distintos.

Do fetichismo, o homem transitou para o politeísmo, para o monoteísmo e agora marcha para o monismo, aproximando cada vez mais da Verdade o conceito a formar do Ente Supremo. Não mais o deus antropomorfo, eivado de vícios e paixões humanas, deus encolerizado que se vinga e castiga por despeito e ira. Deus – Espírito e Verdade, a Vida que estua no Universo inteiro, que fala no íntimo de todas as coisas, Deus Onipresente, Onisciente, Onipotente, Foco de Eterno Amor.

A religião verdadeira religa o espírito do homem à fonte de onde promanou; se ele se transvia, há o recurso da conversão do transviado ao caminho certo através da Revelação, que mais dia, menos dia, tocará o seu tipo de consciência.

Quantos, até hoje, não se converteram à Verdade? Quantos não foram, antes disso, recalcitrantes pedras de tropeço à marcha ascensional?

Desde Balaão, que se prosternou ante a voz censora da Verdade, desde Saulo, tenaz perseguidor do cristianismo, convertendo-se no caminho de Damasco, até aos sábios de nossos dias, um Lombroso, um William Crookes, um Richet, um Aksakoff, um Ernesto Bozzano, etc., todos finalmente se renderam à evidência dos fatos que a natureza prodigamente nos oferece quotidianamente ao julgamento sereno da razão e do bom senso, e fizeram-no com a máxima honestidade mental.

"Duro te será recalcitrares contra o aguilhão" – disse o Mestre e nós, cômnicos da Verdade, o repetimos aqui à ciência incrédula e contumaz. Einstein – o gênio do nosso século, sentenciou: "O materialismo está morrendo asfixiado por falta de matéria". Edward Appleton, o líder das ondas hertzianas e especialista nas aplicações do radar, ao estudar os sinais captados pelo radiotelescópio – uma de suas adaptações – oriundos das profundezas siderais, parecendo vir das constelações do Cisne (fora da nossa galáxia), da Cassiopéia e de Puppis, acabou por concluir que deve existir, lado a lado, contíguo ao nosso Universo visível e identificável para nós por meios mecânicos, outro Universo transparente aos referidos instrumentos, não perceptíveis por esses meios, mas assinaláveis por meio de outros recursos, ou sejam os das ondas eletrônicas, não menos real do que o nosso.

Essa arrojada, mas verdadeira afirmativa foi proferida, não em um simples diálogo entre amigos, mas em um conclave de mais de 4000 pessoas, onde se encontravam presentes inúmeros cientistas de fama mundial, promovido em Londres pela Associação Britânica para o Progresso das Ciências.

Não há dúvida nenhuma: o homem caminha e agora em ritmo acelerado, para o esclarecimento da Verdade sublime, que o salvará desse entorpecimento somático causador da descrença e do desespero, da dor e da tribulação.

Heráclito Carneiro

Nina rondava o quarto, todo imerso em luz mortiça; circulava, amargurada e gemente, curtindo na alma a dor lancinante, o aguilhão pontiagudo a ferir-lhe em cheio a vida. Aquele menino, seu filho, com apenas cinco anos de idade, já lhe fora um sonho de amor, uma esperança vívida, uma realização feliz e muitos cálculos róseos para o futuro. Agora, ali estava, respirando fundo, largado, pálido e prestes a partir.

Há momentos em que o Cosmo se reduz a um ínfimo acontecimento de ordem individual; em que toda a imensidão sideral se resume em nonadas; em que a fé se apaga, o pensamento se trai e a vontade se curva e embrutece. O Deus de Verdade, o Senhor Total, a Divina Essência, tudo se perde e some, deixa de ser e ter importância, quando a alma infernada clama e ninguém responde, quando o pensamento se atira e nas brenhas do Infinito o seu eco emudece, faz-se nada.

Os últimos lampejos daquela fé estavam sendo gastos, consumidos, liquidados; Nina baqueava em face do filhinho moribundo, que ali estava, no meio do quarto, enterrado em vida entre luz mortiça e prantos de morte. Nina derretia suas lágrimas e queimava seus finais anelos religiosos. Mais do que a morte do filhinho, agonizava a sua crença, empalidecia o lábaro das certezas espirituais em seu coração de mãe aflita e de criatura imortal. Ela representava, uma vez mais, no dorso rugoso da terra e no painel rumoroso da história, a personificação da falibilidade humana, da contradição e do erro.

Paulo era a luz que se apagava, deixando-a mergulhada em trevas. Paulo, que tal nome recebera, por injunção de sua fé, largava-a no mundo. Quando entrara para aquela igreja protestante, já moça e recalcada de sonhos os mais respeitáveis, porque francamente impostos pela ordem biológica, dera de frente, pela primeira vez na vida, com a figura imponente do grande convertido de Damasco. Glicério, o jovem pregador, o fogoso orador, considerando a obra culta e corajosa do *mais culto e voluntarioso* dos Apóstolos, para ela se erguia, no templo de sua afeição, à altura do grande vulto focalizado. Naquela hora, como se lhe falasse fado irrevogável, marcava o destino a sua caminhada, no rumo das mais suspirosas aspirações.

De fato, ano e meio mais tarde, ei-los à frente do bispo, unindo-se perante o Senhor da Vida e dos infintos mundos. Para eles, tão jovens e tão esperançosos, uniam-se o Céu e a Terra! E quem poderia dizer que não? Quem lhes poderia negar tão simples ventura e tão ressomada aspiração humana?

Nem tudo, porém, se reduz ao ignorantismo dos homens. Quem se encontra *embutido* no presente, vivendo apenas do momento, fazendo tinir apenas o cordilhame das impressões locais e épicas, não tem o direito de julgar a Sabedoria Divina, não pode se arrogar o privilégio de opinar e decidir sobre as origens e as finalidades. Se Deus soubesse e quisesse, apenas o que sabe e quer a mente dos homens, ainda que de todos os homens sábios, bem pouco saberia e quereria Deus!

Não há dúvidas, portanto, de que os cálculos de um casal humano, sendo tão pobres de emolumentos básicos, viessem a combalir em face dos trâmites da Vida, ou defronte aos profundos arcanos da Sabedoria Divina, que traduzem as realidades fundamentais – a Origem, o Plano de Evolução e a Finalidade, fatores que encerram tudo quanto se contém na função de ser, existir e pretender.

Nina e Glicério formavam, apenas, um par humano. Eram crentes protestantes; estavam, de certo modo, abraçados ao Cristo, ao Paradigma ou Divino Modelo. Em boa vontade possuíam tudo. E o mal foi esse mesmo, foi terem muito em boa vontade e pouco ou nada em conhecimentos fundamentais. É falso o conceito que afirma, ser possível amar a Deus, com toda a força do coração, mesmo quando não se comporta o recurso dos conhecimentos básicos, das Verdades transcendentais. Se a fé sem as obras é morta, porque não adianta mesmo clamar “Senhor! Senhor!” em vanidade, não é menos verossímil que, sem os apanágios do *melhor conhecimento*, também a fé bruxuleia e morre!

Eles eram, de fato, um casal feliz, amoroso e compreensível até certa monta. A tragédia começou, entretanto, quando os acontecimentos atravessaram os limites extremos da *fé cega* que os alimentava e conduzia. No verdor da idade, e agrilhoados por absorvente paixão, não podiam admitir a tangência intransferível da Lei de causa e efeito. Ao se defrontarem com a Justiça Divina, que lhes cobrava, de dentro para fora, os compromissos do passado delituoso, perderam as estribeiras e lançaram-se no torvelinho das incertezas e das quedas.

Glicério, seis meses depois de casados, vira surtir em si incurável mal. E começaram, então, os rogos ao Senhor. Deus e o Cristo fervilhavam em sua mente, enquanto escondia à delicada esposa o monstro que o ameaçava devorar por inteiro, e que não dava mostras de pretender recuar, nem mesmo ante suas invocações fervorosas. Definhavam, nele, aos poucos, o vigor físico e o poder da fé... A luta que sustentava, havia meses, em surdina, estava prestes a baquear. Os recursos da medicina e os arroubos da fé cega de nada valiam. E como não possuía aquela fé que se origina do conhecimento das leis transcendentais, fé que não se aloja apenas no arcabouço da vida terrenal e dos interesses que lhe são correlatos, eis que, de grau em grau, foi se entregando à desilusão em geral.

Muitos haviam orado, rogado, e foram sarados. Por que não devia sarar ele? O Senhor não reconhecia nele o bom filho e o marido ideal? Não estivera sempre a postos, auxiliando a igreja e os irmãos? E como, então, na hora para si mais dolorosa, mais aflitiva, quando o seu corpo e o seu espírito tudo desejavam da Vida, não o escutava o Senhor?

Nina acordara, certa noite, e ouvira soluços. Bem que vinha ela percebendo alguma variação na conduta psico-emotiva de seu amado esposo. Mas, sabedora de que crises há, passageiras, na vida de todo mortal, quietara qualquer indagação. Sem esforço, redobrou atenções e carinhos, na esperança de ver triunfar aquele que um dia, visto pela primeira vez, fizera morada em seu coração de moça.

– Que tens?! Que se passa contigo?!... – indagou, sobressaltada.

E ouviu, do jovem esposo, a história dolorosa:

– Nina, meu bem, sou um caso perdido... Nem mesmo Deus quer me valer...

– Não te oprimas tanto, meu querido. Pediremos preces a todos os irmãos. O Senhor não nos olvidará, tenho certeza. Tens pedido, muitas vezes, por quantos irmãos recorrem ao Senhor. Como não farão por ti?

E novas elucidações do marido:

– Já pedi a muitos... Dois meses há que centenas oram por mim...

– Eu nunca vi nem ouvi que orassem por ti! – replicou ela, admirada.

– Roguei sigilo, meu bem. Pensava triunfar sobre o mal, sem que viesses a saber e a sofrer. Entretanto, não me ouve o Senhor!... Em que não lhe sou fiel adorador?...

Compreensível, interveio Nina:

– Não te dêes à descrença. Lembra-te de Jó, a quem valeu o Senhor na hora justa. Que sabes tu das graças de Deus? Não percas a fé, não esmoreças... Se me falhas, querido, como ficarei no mundo? Estou para ser mãe, bem sabes... Vamos dizer a Deus, em nossas orações...

– Antigamente... – gemeu o esposo, silenciando a seguir.

– Antigamente o quê? – voltou a esposa, enxugando as lágrimas no rosto de seu marido.

– Lepra era praga... Antigamente era praga...

Nina emudeceu, fez-se grave; pouco depois, num amuo, pronunciou-se:

– Deus não pode amar menos do que eu! Ou não há Deus!...

Daquela hora em diante, não se ouviram mais palavras. As lágrimas, vertidas em surdina, passaram a falar tudo e a considerar o pior dos credos, porque o credo negativo, porque a falência do espírito perante as *leis de causa e efeito*.

Glicério teve o seu passamento por entre as debruas da mais negra solidão e do mais inconsolável ateísmo; não apenas ateísmo passivo, e sim rebelde, pois em sua mente era vibrante a idéia rancorosa, por se julgar preterido pela Justiça Divina. Seria mesmo aquela a morte de um ateu? Não; era antes o passamento de um *crente revoltado*, magoado, feito inimigo da crença e dos seus objetivos ao mesmo tempo conhecidos e imprevisíveis. Pior do que a fé não existente é a revolta que existe em função de alguma razão ferida, considerável ou presumível, fatal ou hipotética. E Glicério morreu, diremos, envolto nas brumas da mais desenfreada e insólita desavença contra o Céu.

Nina, que dentro de alguns dias seria mãe de um filho exposto ao mundo, sabe Deus como se sentira em semelhante contingência. Nenhum quadro poderia ser pintado com mais negrume, nenhuma situação poderia ser mais inconsolável. Sua mente, percutida pela dor, infringia os postulados da mais ínfima reverência aos Poderes Superiores da Vida, proclamando que não podia haver Deus. Poderia pedir e oferecer tudo ao mundo em que se via como parte e relação; mas jamais iria gastar tempo ou resquício de esforço, pensando num possível Senhor da Vida e dos Infinitos Mundos. Se a ela não respondera o Céu, se a toda a igreja se não fizera ouvir, claro que seria pela própria ausência.

Seu acontecimento valia, agora, como comprovante de todos os casos de dor e de miséria em que se desdobra a humanidade. A falta de resposta em que ficara, naturalmente somava-se ao rol sem fim das tragédias que o mundo apresenta, sem que haja, segundo o julgamento dos que ignoram as leis regentes e de causa e efeito, explicação consentânea com o entendimento rampeiro e os desejos inconscientes da fé cega. Pelo seu caso, julgava ela os casos à granel, perfilhando a idéia das motivações materialistas e o partido da mais fremente negação de Deus.

– Lembra-te, filha – disse-lhe um dia o bispo – que a nossa fé verte da Revelação! Os Patriarcas, Moisés, os Juizes, os Reis, os Profetas, João Batista, Jesus Cristo, os Apóstolos, foram luzes do Céu a iluminar as trevas do mundo. Não seria desprezar demais, e ferir na mesma ordem, esquecer ou negar tão farta contribuição celestial?

– Senhor bispo – respondeu-lhe Nina – se naqueles tempos o Senhor ouvia os homens, porque os não ouve agora? Falava o próprio Deus, falavam os anjos, valia o Céu nas horas de incerteza e de dor. Agora tudo são palavras de homens, conceitos de grupos, cantorias e fé no passado. O presente está vazio, morto, sem Revelação... Eu creio que tudo são romances, obras do pensamento humano... Se o Senhor existe, que me devolva o meu esposo!...

Argumentava o bispo e replicava ela. O bispo valia-se dos recursos do passado e firmava-se na fé contemplativa, e nos testemunhos decorrentes da Criação; Nina queria um Deus igual ao do passado, que se vazava pela Revelação, e que lhe devolvesse o esposo. Defronte a tamanha divergência, como conciliar os ânimos e fazer justiça aos trâmites legais? E se Nina pedia o impossível, por não conhecer as leis e não compreender o mecanismo da Justiça, não é certo que o bispo, digno representante de uma igreja, também militava em campo avesso, em terra árida, por não estar a par da Revelação? Ou teria Jesus Cristo fracassado, na promessa de um Consolador, de um recurso informativo perene?

– Onde está o Paracleto? – indagou-lhe Nina, veemente.

– Para nós permanecem a fé, a esperança e a caridade – respondeu-lhe o bispo.

Nina arranjou, com esforço, um pouco de irônico sorriso, chacoteando-o ao seu matiz sectário:

– Que ridículo!... O Cristo veio ao mundo para deixar um Informante perene, para não permanecermos órfãos, como está escrito. Pelo menos alguém escreveu tudo isso!... E lá vem um bispo dizer que tudo se resume em fé, esperança e caridade... Afinal, onde está a tal Verdade? Que

fizeram vocês do Consolador? Eu li que os Apóstolos o deixaram no mundo, vigorando efetivamente, cumprindo o seu dever. E onde foi parar? Ou é tudo mentira, historietas de escritores?

– São as vozes da consciência, às quais devemos atender respeitosamente – replica-lhe o bispo.

E a desolada viúva dá-lhe a devida resposta:

– Para isso não precisava pregarem o Cristo numa cruz! Sempre houve consciência e sempre houve ignorância e fraude. Demais, deve ter lido mais do que eu, tudo quanto sucedeu depois do Pentecoste, em fenômenos fortes, tangentes, coisas que assustavam, que faziam temer. A diferença, senhor bispo, entre aqueles tempos e os seus cultos é tremenda. Ou tudo aquilo é farsa inventada ou vocês estão fora do verdadeiro cristianismo!

– Eu só posso responder pela minha ordenação – explica-lhe o bispo.

– Ordenação de homens... Jesus ficou de lado ou nunca esteve senão de lado? Os Apóstolos, como diz a Escritura, continuaram a cultivar o Batismo de Espírito, o Paracleto enviado pelo Divino Mestre...

O bispo interrompeu-a:

– Como sabes disso?

Motejando, revidou-lhe Nina:

– Sim senhor! Acaso não leu jamais o décimo quarto capítulo da primeira carta de São Paulo aos Coríntios? Ou quer afirmar que tudo são mentiras? Ora! Eu me esquecia de que o senhor ganha a vida assim... Precisa ter um ofício...

Discutiram alto, quase se xingaram, sem chegar a uma conclusão satisfatória. O bispo foi estudar, matutar; Nina foi descrever, foi lagrimar pela vida, ensombrando cada vez mais seu espírito já bastante endividado.

E, assim decorrendo os tempos e as conceituações, via-se agora entre quatro paredes, enfiada em angústia cruel, ruminando atroz sofrimento, sem ao menos contar com o lenitivo da fé, de uma fé qualquer, viva pelos alentos do conhecimento superior ou cega porque jungida aos tentáculos do ronceirismo dogmático.

Marcava passos em torno ao filho moribundo. Rodeava o leito onde Paulo arfava seus últimos suspiros. Mais rebelde do que mesmo incrédula, de quando em quando lhe faiscava, ao longe dos pensamentos desesperados, a idéia de algum possível recurso celestial. Entretanto, perguntava-se, e via-se em sobras de razão, por não terem sido atendidos durante a enfermidade e morte do marido. Se não valeu naqueles tempos, como e por que deveria valer agora, qualquer rogo feito?

Perdia-se Nina através daqueles vagalhões cruciantes, quando alguém bateu à porta de seu humilde domicílio, de seu pobre quarto.

Abriu a porta, viu uma senhora jovem e perguntou-lhe:

– Que deseja, senhora?

– É dona Nina? – perguntou-lhe a senhora, por sua vez.

– Sim. Por quê?

– Tem aí um filhinho à beira da morte?

– Tenho... Quem lhe informou? Eu a ninguém disse e sou nova no local. Mas, entre... Entre e veja...

A senhora entrou, viu, entristeceu e disse:

– Pois é. Eu aqui vim a mando de meu guia...

Nina, surpresa, indagou-lhe:

– Que guia?

– Um médico. Faleceu faz muitos anos e receita por meu intermédio.

A pobre mãe admirou-se:

– Deus acordou muito tarde! Muito tarde!... Mas, a senhora é espiritista? Onde mora?... Qual!... Meu Paulinho está morto! Morto!...

Enquanto Nina chorava, a visitante falava, respondia:

– Moro a meio quilômetro daqui. Fazemos sessões todas as quintas-feiras, e ontem, como de costume, orando pelos doentes, fomos informados do seu caso... Temos valido, como Deus tem querido...

Nina interrompeu-a:

– Deus!... Deus!... Como sabe agora e não soube antes?... Meu marido era um servidor, um pregador!... Um pregador!...

A visitante, sempre dócil, aconselhava-a:

– Minha querida, não se volte contra Deus. Afinal, nunca foi Deus o responsável pelos erros e desmandos de Seus filhos. Ninguém pode acusar a Justiça Divina. Antes, apelando para a melhor razão, que confere a máxima prudência, devemos procurar conhecer as leis... *Todo efeito se origina de alguma causa*. Como pode a senhora discutir seus atos pretéritos, se não lembra sequer o que comeu há cinco ou seis dias? Nós temos tido muitas vidas... E isso quer dizer culpas e agravos, defeitos e virtudes. Ora, por tudo se responde, como está escrito...

– Não consigo acreditar no Espiritismo. A reencarnação parece-me um erro tremendo, que em Deus jamais poderia haver. Eu não creio nem em Deus... Vivo por viver... Eu nem sei se estou vivendo... Faz meses que não creio, faz dias que não durmo... Sinto-me tonta, esquecida, sumida!

– A senhora está de fato envolta em *aura negra*... Sua cor é trevosa...

Nina encarou-a:

– Como sabe? Quem lhe disse? Eu estou é infernada pela dor!... A senhora já teve um filho à morte, como esse que aí está? Veja-o! Veja-o!...

A visitante repetiu-lhe:

– De qualquer forma, minha querida, é como já lhe disse. A dor fê-la descreer e blasfemar. Eu a ninguém acuso, antes deploro os males e os erros. Demais, Deus e Suas Leis vigoram por si e não pelas concepções de homens e de credos humanos. Não foram os homens que deram origem a tudo quanto é... Quando muito, os homens deturpam as verdades reveladas e inventam credos a seu modo e gosto. Sim, os homens são bons construtores de corrupções e negociatas. Tudo lhes serve de motivo e de exploração, nada respeitam devidamente. Não querem aprender com Deus, antes querem ensinar a Deus. O que vem de Deus é posto de lado, para que vigore aquilo que eles querem impor... E impõem sempre o que lhes renda materialmente. Querem títulos, validades mundanas, satisfações sectárias, honrarias temporais, etc. Eu sei como está o mundo...

Chorosa, Nina revidou:

– Mas eu também pedi no meu recinto, de portas fechadas, de espírito para espírito. Se a igreja em que militava estava errada, ou ainda está, que me valesse Deus no íntimo da consciência! Nós rogamos muito, muito... E agora, minhas lágrimas não são preces, se é que há mesmo um Deus?... Ou Deus ama ainda menos do que eu? Qual!... Se Deus existisse...

A visitante sussurrou:

– Jesus só pediu fé... Nunca pediu mais do que isso e boas obras...

– Não me sinto culpada: e tinha a minha fé... Glicério, meu marido, chegava a lagrimar quando falava em Deus. Era um bom, era sensível em extremo. E Deus o abandonou... Deus nos esqueceu... Se é que existe!...

– *E no passado?* Como terão agido?

– Isso é muito discutível, senhora. São conceitos humanos, são...

A visitante interrompeu-a:

– Muito mais discutível é a sua negação. Afinal, existe a chamada Criação, que em si testemunha um chamado Criador. Quanto à lei de *reencarnação*, saiba, ela vem de Deus e é afirmada pela *Revelação*. Todos os verdadeiros Reveladores a testemunharam. E o Divino Mestre foi anunciado centenas de séculos antes, tendo nascido ou encarnado mais tarde. E o que disse ele de João Batista?... Bem, quem procura acha... A senhora não deve esquecer isto – quem procura acha, na razão direta, mais tarde ou mais cedo. Eu sei que tem procurado negar ou ignorar...

Fez um sinal de abandono, acrescentando:

– Eu vim a mando de meu guia. E meu guia falou-me de ordem superior. Se a senhora quer me ouvir, apegue-se a Deus e deixe o seu filhinho partir... Deve ele ir-se... Devia perder o esposo e perdeu; deve perder o filhinho e perdê-lo-á... A *vantagem* consiste em saber confiar em Deus... É o *passado* quem determina o presente, assim como o *presente* determinará o futuro. Lembre-se – em Deus não há erro! Seja forte, seja fiel.

Nina atirou-se sobre o filhinho moribundo e a visitante confortava-o como podia. Ambas choravam a valer, gemiam e sofriam. No fundo, nas profundezas de tudo, a Lei vigia, determinava, acima de contingências subalternas. **Lei é Lei!**

Paulinho fora enterrado, por sua mãe, e com isso fizera ela o sepultamento de algum resquício de crença em Deus, que porventura ainda restasse em sua estrutura concepcional. Mudara para outro local e entregara-se à cata de outro marido, no que fora bem sucedida. Olhar para trás, pelo prisma das recordações, era relemburar e reviver dores e revoltas. Por isso, bem se aconselhara, propondo-se a jamais crer em Deus. E assim partiu, no rumo dos dias que lhe restavam, muitos dias, bastante pródigos, fartos em cometimentos de toda ordem, porém cheios de alegrias terrenais.

Mais cinco filhos tivera, todos instruídos, a seguir, em sua maneira de ver; e como ao pai importava muito o seu negócio em madeira, em comum ficou assente que boa religião era a maior soma de rendimentos. Fazer fortuna e aumentá-la, eis o culto daquela família. Entretanto, diga-se, não foram jamais desumanos; pelo menos, jamais negaram dádivas aos que lhes pediam e de fato careciam. Apenas, para cobrir gastos dessa ordem, procuravam subtrair a outros, em forma de comércio.

Quando alguém falava em Deus, emitiam conceitos que variavam com o grau de amizade e liberdade possíveis ou não. A uns atendiam, dizendo que cada qual pode ter a sua crença, ou nenhuma crença, sem afetar o modo de vida, a decência nos tratos e deveres. A outros, onde a liberdade podia ser algum tanto extensa, ousavam afirmar que os mancos necessitam de muletas e os tolos de superstições.

Todavia, como os preconceitos e conceitos humanos jamais detiveram a marcha do tempo e o andamento das contingências da Vida, da Vida Maior, eis que atingem os marcos finais e dobram nas comissuras do ciclo, entregando os corpos à terra e os espíritos à eternidade da vida e aos trâmites da Lei. Ao menos disto deviam todos lembrar – que morrem os sábios e os ignaros, os ricos e os pobres, os sãos e os doentes, os simples e os orgulhosos, etc. E que podem ter seguimento, alternativas as mais complexas, conseqüências as mais inesperadas e fatais.

Em virtude das falhas dessa ordem, nossos e vossos ambientes, aqui os inferiores, apresentam legiões de elementos incrédulos; descreem de Deus e da continuidade da vida, mesmo tendo a Deus por FUNDAMENTO e à vida por herança eterna. Nada há que discutir por isso, porquanto meras discussões nunca poderiam resolver tais problemas. De todos os argumentos até ao presente utilizados, nenhum outro fez tanto, como aquele que se constitui das *soberanas lições* da vida! É a vida comum quem mais ensina e melhor, porque no seu âmbito é que realizamos tudo, embora custe mais ou menos dificuldades e dores.

Ao cabo de mil e uma contingências, aqueles mesmos que se abandonaram aos desmandos, e por isso toparam dores agudas pela frente das vidas, eles mesmos teimam em fazer elogios rasgados à dor... Só venceram, e só assim poderiam vencer, burilando no íntimo os fundamentais poderes latentes que se resumem nos recursos do Amor, da Sabedoria, da Vontade e do Trabalho. Quem poderia fracassar, uma vez recorrendo a esse quadrúnviro, à base de ação ininterrupta? Os tormentos fazem rebeldes e blasfemos; *o Amor e a Sabedoria fazem santos!* Os que se erguem à custa de sofrimentos são aqueles que necessitam perder no domínio do livre arbítrio; os que se valem do Amor e da Sabedoria são aqueles que se aumentam nesse direito relativo, mas fundamental. É hora, portanto, de se dar cabo de ladainhas ronceiras, e de se honrar ao que por si mesmo é honra!

Marcha, entretanto, a coluna cor de chumbo através do mundo e dos tempos; um dia, mais tarde ou mais cedo, todo filho arredio terá que se converter em filho pródigo. Ninguém poderia vencer, em se tratando de batalhar contra os Foros Divinos. Mas... *Eis aqui o prejuízo* – muito tempo perdido! Muita dor sofrida inutilmente!

Queremos fazer aqui uma afirmação, e afirmação que se contrapõe também ao ramerrão multimilenar do pieguismo dolorista. Na *dor ativa* alcança-se todo o aproveitamento de que é capaz, ao passo que na *dor passiva* se perde tudo ou quase tudo, sem contar que se aumentam os débitos,

quando a criatura descamba para os rincões tenebrosos da rebeldia e da blasfêmia. *Dor passiva* é aquela que tem como causa determinante o *erro*; *dor ativa* é aquela que verte de *trabalhos dignificantes*, de *missão* a desempenhar ou de *provas* necessárias. As virtudes sadias valem como remédios sadios, quando postas em função ativa; mas o sofrimento, como originário de erros acumulados, pode muito bem converter-se em propulsor de terríveis acréscimos dolorosos, porque motivam cruentas revoltas.

Glicério, uma vez lançado no espaço pela catapulta do desencarne, tendo aumentados os sofrimentos, e vindo das plagas mentais da incredulidade e da rebeldia, em maior rebelde se convertera. Caminhando rente ao chão a princípio, dera-se a blasfemar por cantorias. Cantava blasfêmias, xingava, desafiava a Deus. Chagoso, purulento, caía e levantava, mas sempre ostentando a sua rebeldia, sempre musicando as suas ultrajantes expressões. Era um, dos incontáveis que se julgam abandonados e traídos pela Soberana Vontade, por não se capacitarem das leis de causa e efeito, por se não enfronharem nos meandros das leis fundamentais, entre as quais se conta aquela que determina a evolução lenta e o pleno respeito ao direito de livre arbítrio relativo.

Verdadeiramente, reside aqui a grande falha – todo aquele que olvida seus deveres para com a lei de relativo livre arbítrio, terá que se defrontar, hora mais, hora menos, com as sérias conseqüências que daí se originam. Ninguém vive a esmo e recebe o Céu à custa de milagres, mistérios ou arengas jaculatórias; o fim glorioso está vinculado ao exercício íntimo, ao esforço intransferível.

Glicério, no entanto, filho intelectual que era de um credo desprovido de senso analítico, jamais concebera a idéia de autofazimento, jamais julgara a importância do despertar interno. Acreditava na graça, no favor do Céu, no milagre. E ao julgar-se preterido, voltou as costas à graça, ao Céu e ao milagre, mergulhando em cheio nos reinados onde pontificam as trevas, o ódio e demais aversões à Lei.

Minha função, como simples observador, e registrador, não me facilitava ingerir em suas validades optáveis; nada tinha com a diretriz mental-acional a que se quisesse ele entregar. E foi assim que, oculto nas gamas etéreas algum tanto superiores, vi-o agir, na carne e fora dela, contra as mais felizes colimações. Vendo-o descer tanto, e tão velozmente, indagava-me até onde chegaria. Mas, como tinha por função observar e registrar, e não pré-julgar a Lei, continuei a postos sem o menor abalo, sem a mais leve idéia de observação.

Não estava, também, como hoje estou, a par dos elos históricos que a ele me uniam e relacionavam, de certo modo; eu agia como funcionário da Lei, nada mais.

Certo dia, porque nada há sem causa determinante e sem objetivo, avistou-se comigo alto mentor, ou *emissário de plano superior*, cientificando-me:

– Lira, é chegada a hora de novos rumos. Glicério não aprende à custa de seus próprios recursos; nunca poderia resgatar suas faltas e trilhar caminhos de elevada finalidade, entregue ao padrão concepcional que observa. Temos que intervir e fá-lo-emos dentro de algumas horas. Esteja preparado, que ordens virão, cumprindo-lhe atuar com precisão, uma vez que é trabalhador consciente e tem parte no seu farnel histórico. Até breve.

O alto mentor partiu e eu fiquei entregue a múltiplas cogitações. Todavia, era já de meus domínios mentais confiar absolutamente no Supremo Poder, como princípio passivo a observar; o princípio ativo, ou referente aos meus deveres de trabalho, de ação realizadora, esse, na hora exata e necessária tudo faria para resolvê-lo convincentemente. Eu não acreditava apenas em Deus; eu Nele confiava, para todos os efeitos, quer como Causa Primária, quer como Força Contingente ou mecânica que se movimenta através de Sua Manifestação ou Emanação. Por que, para os meus gastos pessoais, Deus é ao mesmo tempo Causa e Efeito, sendo que é neutro como Causa e ingerente como Efeito; isto é, no plano da chamada Criação Deus age através de leis comuns, determinando funções, liberdades relativas e responsabilidades às suas partículas tornadas semilivres. Assim, de qualquer modo tudo se resume em Deus, quer seja como Causa Primária, quer seja como Emanação Manifesta, quer seja como Poder Contingente. Prevalece a tríade básica – Emanador, Emanação e Lei, que significam Origem, Manifestação e Direção.

Essa concepção, que é védica por excelência, é aquela que me agrada totalmente, por ser **monista**. Sendo a mais velha, ou a primeira conhecida e reconhecida, datando de mais de setenta mil anos, é ainda aquela que me faz compreender melhor a Deus, sentir melhor a mim próprio e respeitar profundamente os direitos alheios. É a consciência da UNIDADE PERFEITA, como a pregou Crisna, e como a recomendou, de ser a súpula do conhecimento espiritual. De fato, concebendo a Emissão e a Lei como simples manifestações de Deus, ou Essência Primeira, a tudo se tributa sumo respeito, sem deixar de considerar os valores hierárquicos, as gradações evolutivas, os diferentes graus de mérito.

Assim pensava e assim penso; assim agia e assim ajo. Sinto-me feliz por isso, porque me considero o que sou e como sou, conseguindo focalizar muito bem o grande problema – para que sou! Sinto em mim a Origem Divina; prezo em mim os direitos sagrados de individualidade e responsabilidade; e através de *ações harmônicas* construo minha personalidade, conforme o Divino Modelo apresentado, que é o Cristo Planetário. Embora sendo parte, respiro as glórias do TODO! Embora sendo infinitesimal, vazo os poderes superiores através de minhas ações! Embora a imperfeição que ainda comporto, por involução, *antevejo a plenitude final* e sustento em mim os laços vívidos que a ela me unem e tangem fortemente!

Por tudo isso, sentia-me e sinto-me bom irmão e feliz funcionário.

Tudo quanto devia dar-se, a respeito de Glicério, era truncar aquela descida infernal e forçá-lo a erguer conduta. Com o aviso daquele alto servidor, compenetrei-me de que devia ter pouco ou muito com sua vida e seus acontecimentos comprometedores. Aguardei, entretanto, que os fatos me pusessem a par dos futuros deveres, pela compenetração dos antigos débitos. E o dia chegou, quando visitado por aquele alto mentor.

– Lira – disse-me ele – você, para servir melhor, agora que chegou a hora propícia, deve entrar no conhecimento de tudo quanto se deu. Venha comigo, vamos até o local devido, onde faremos a devida sondagem. Vendo, ou revendo o que fez, poderá compreender melhor o que deve dar de si, a bem do seu infeliz observado.

– Onde o lugar? – indaguei.

– Na crosta terrícola. Na Palestina.

– Em que lugar?

– *Na Judéia*. Entre aqueles vales, câmoros e ravinhas, agiu você... Mas, vamos deixar as coisas neste pé, que a visão lhe dirá como agiu, e de si compreenderá como deve agora reagir, a fim de auxiliar alguém...

Ele fez reticencioso silêncio, e eu achei que devia calar. Penetrava integralmente os meus pensamentos, e, se quisesse, a tudo responderia. Não o fazia por intenção justa, e eu por respeito à sua muita superioridade calava, aguardando o resultado final.

– Vamos indo – disse, envolvendo-me naquela poderosa avalanche de poder que lhe caracterizava a personalidade.

Ele mesmo disse, apontando, segundos depois:

– Eis aí a paisagem toda. Entretanto, faz quase dois mil anos que vocês por aí andaram, fazendo o devido e o não devido.

– É uma bela região! – considere, observando o conjunto.

Melancólico, objetou:

– O grande mal parte sempre dos homens... A terra é sempre passiva, pode ser habitada ou não, cultivada ou não; mas o homem a tudo pode dar mau uso. E foi o que se passou. Cobriram-se de tremendas culpas...

– Então, mestre, devo ter-me recuperado bastante, pois não me sinto culpado.

Moveu a cabeça em sentido compreensivo, admitindo:

– Sim, não há dúvida; mas ele fez outras coisas.

– E sou responsável?

– No que lhe toca, apenas. Mas, deixemos o caso entregue a si próprio. Conforme o visto, tomará conhecimento e fará o melhor. Sou apenas enviado como orientador, não como juiz.

– Muito bem. Como devo agir?

– Venha...

Envolto naquela poderosa autoridade, teria mesmo que ir, quisesse ou não. Mas era um gozo atendê-lo. E lá me vi, num câmore de morro, entre oliveiras e figueiras, tendo pela frente formoso vale, onde se descortinavam plantações de variada ordem e coloração, tudo muito bem repartido, distribuído e tratado.

- Sente-se nessa pedra – ordenou-me.
- Pronto.
- Encoste a cabeça nesse tronco de oliveira e faça por nada ver.

Fiz consoante a ordem. Ele, colocando as suas mãos sobre a minha cabeça, impôs-me um sono gostoso, ameno, sedativo. Era um deleite, como se estivesse navegando pelos ares, entre nuvens, borboletas e cintilantes estrelas. Depois, senti que me perdia, que sumia de mim mesmo, como se me tornasse nada... Ao vir-me a consciência, estava noutros tempos, metido em diferente personalidade, trabalhando para o governo, cobrando impostos... Era um funcionário cruel, mais ladrão do que mesmo funcionário... Observava as plantações, se haviam misturado os cereais, conforme proibiam as leis, pelos exageros governamentais. E multava, mandando arrancá-las todas, salvo quando me davam moedas de prata, ou presentes bons. Aqueles sitiante eram homens broncos, ignorantes, temerosos, tudo fazendo a fim de não se envolverem com as autoridades. E disso abusávamos, eu e os demais cobradores de impostos e dízimos.

Havia um sitiante, sobre um cômodo de morro, homem de certa idade, com quem havia eu altercado. Sempre que calhava de passar por ali, fazia o possível para lhe arrancar alguma dádiva, alegando erros que nem sempre podiam ser levados em conta. O rude e rústico homem, de tez bronzeada pelo sol, de mão calejada em extremo, ouvia minhas sentenças, fazia minha vontade, mas remoia no íntimo alguma idéia sinistra, algum projeto macabro. Entretanto, amparado na função, mais do que na lei, eu continuava exorbitando, exagerando, chegando a ponto de lhe tirar o próprio sustento. E foi quando, numa tarde neblinosa, consumando os atos terríveis impostos pela crueza de meus instintos, fiz-lhe proposta desonesta a respeito de certa filha viúva, e tive a cabeça decepada...

Ao volver a mim, da nova fase de visão, estava suarento, deitado no chão, todo revolto. Havia-me debatido, sem dúvida, para estar daquele jeito.

Abrindo os olhos, e procurando recuperar a memória, e desejando harmonizar os pensamentos, dei com o belo vulto pela frente. Ele agora estava radiante, metido entre nuvem colorida, cintilante, e me sorria com profunda benevolência, como a participar de minha dor.

- Venha a mim, Lira. Tudo isso você já resgatou, de certo modo.

Ir a ele era mergulhar naquela aura de luz; e fi-lo com toda a pressa imaginável e possível. Ele me envolveu, num amplexo fraterno, protetor, e eu senti que ondas de luz e virtude me invadiam, transformando-me, restaurando-me.

- Se já resgatei, em parte, para que ver isso, que é tão horrível?

Sereno, qual se fosse a eternidade a sorrir, esclareceu:

– Para auxiliar aquele que ainda não conseguiu resgatar-se... E que fez o indevido à custa de sua revoltante conduta... Forçado por sua maldade.

- Glicério?!...

– Sim, Glicério.

- Então, por isso fui ordenado a vigiá-lo, por tanto tempo?

– Pelo menos, Lira, está no conhecimento do que tem ele feito.

– Mas... E as vidas intermediárias? Como teremos vivido, posteriormente? A derrocada em que se meteu, agora, cabe-me também? Se nada fiz, como sabe, foi para cumprir ordens... Não devia interferir, apenas observar. E foi o que fiz, embora penalizado, por ver o esboroamento em que caía e recaía, até chegar onde chegou... Está quase de todo infernizado!... Pobre Glicério!...

– Vai reerguê-lo, vai fazer a parte que lhe toca, apenas. Vamos embora, que outras vidas, neste lugar realizadas, pouco ou nada valeram ou fizeram, como obra de resgate.

- Posteriormente? Aqui tornei a viver?

– Sim, ambos aqui tornaram a renascer. Mas, como disse, nada fizeram de aproveitável, nesse campo de atividades e deveres.

– Sinto-me preso ao local... É tão belo e evocativo!... Jesus por aqui andou, antes ou depois?

– Depois. Vocês O viram, mas não O serviram... *Perderam muito com isso.*

– Que lástima! Eu gostaria de rever essa vida, meu bondoso mestre. É gloriosa toda a visão onde Jesus aparece, por ser a síntese de todas as verdades sublimes. Eu rogo, senhor, que me permita ver...

Afagado pela sua aura divinizada em alta escala, e pensando em Jesus, minha intimidade psíquica crescera, aumentara, fazendo-me vibrar intensamente. Eu fremia, lagrimava de contentamento, sem saber por quê. Meu rogo vinha dos fundos de minha individualidade, como se fosse um reclamo da centelha divina, da partícula brilhante que nos é alicerce sagrado.

– Sim, vai rever. Tem direito, fez por isso.

Ouvida a sua palavra, atirei-me ao solo, pronto a cair em transe.

– Não, aqui não. Vamos para lugar mais próprio.

– Onde?

Transportou-me a lugar ermo, onde a quietude parecia engolfar a Terra e o espaço, onde qualquer estranha vibração fazia sentir diferentes radiações, invisíveis acordes ou inaudíveis cânticos.

– Esta glória, mestre, vem de si ou é do local? – indaguei.

O alto mentor estava concentrado, silencioso, profundamente silencioso. Pareceu-me estar longe, distante, vagando por entre recordações milenares, captando ondulações ocultas, ouvindo as vozes dos tempos.

Fiz silêncio, também, procurando auscultar o máximo a mim possível. Vi-o, então, aumentar de brilho, de fulgor divinal. Ao chegar num tom dourado no exterior, rente a si era tal o brilho que não o podia olhar à vontade. Sua claridade opalina, de tão brilhante enceguecia-me, e de tão forte, em sentido de autoridade, fazia-me baixar a cabeça.

Dentro em pouco, murmurou ele:

– Graças! Graças, Senhor!...

Olhei-o, então, não de frente, temendo o seu luzir intenso. Ele estava ofuscado, mais visível. Eu nada lhe disse, pois sabia que em tempo me faria ver o necessário.

– Neste local, Lira, saiu Izabel a receber Maria, quando a Mãe do Divino Modelo quis visitá-la, para ver de perto o acontecimento que enchia de sublime alegria a sua velhice. Aqui, tangida por elevado mensageiro, Izabel proclamou a imortal saudação. Aqui, neste pedacinho de chão, Maria sentiu que as gerações a chamariam bem-aventurada... Observa, Lira, como vem da terra música divinal...

Lembrei-me do relato bíblico e, curvando-me, osculei o solo histórico. O alto mentor curvou-se, também, havendo posto suas néveas mãos sobre a minha cabeça. Entreguei-me à sua vontade e adormeci, perdendo a consciência primeiro, vindo a recuperá-la depois, mas como um ser diferente, como outro homem.

Longa foi a visão daqueles dias idos. Posso dizer que revi, não digo toda aquela vida, mas da juventude em diante. E posso, também, afirmar que tive Jesus pela frente três vezes, em três épocas diferentes, sendo que uma durante a Sua infância, ao fazer visita à prima Isabel e ao primo João, e outras duas já na plenitude de Suas atividades messiânicas.

O fim da ação de Jesus, coincidia com os últimos tempos de minha vida; como não havia boca que se não pronunciasse a respeito Dele, uns contra, outros a favor, eu também dizia as minhas, e com alguma autoridade, por ter-lhe conhecido os pais e a linhagem. Ora, eu não era da descendência de Davi, o Grande Rei, por cuja razão mantinha prevenção contra aqueles que o eram. A falar verdade, quem era da linhagem de Davi sofria por isso, pois os que não eram lhes tributavam regular soma de prevenção.

Bastava alguém dizer alguma palavra, e lá vinha o moto tradicional:

– Sim, vocês trazem o Rei Davi na barriga... Por que esse luxo, se tudo passou, sumiu, perdendo Israel a própria liberdade? Não percebem que o jugo romano nos oprime por igual? Não vêem que Herodes redobra, sobre vocês, que pretendem um dia oferecer o Salvador ao mundo, suas prevenções e rapinas? Qual o descendente de Davi que ainda mantém as suas propriedades?... E querem, ainda, ser melhor do que nós, os pobres, os míseros e rudes camponeses?

Todos falavam das curas do Messias, e todos relembavam os acontecimentos que envolveram o nascimento daqueles dois primos, João e Jesus. Embora fossem marcantes os sinais, para tudo havia alguma explicação maliciosa, capciosa ou mesmo infame. De resto, andavam espalhados, por ali e por todos os recantos de Israel, os Nazireus, os pretensos ou reais teurgos, aqueles homens que tinham ou supunham ter certos poderes, articulados que eram ou julgavam ser, com o mundo espiritual superior. Eram fazedores de curas, realizavam trabalhos julgados misteriosos; queriam ser respeitados como tal, não através de palavras, diga-se isso e bem alto, mas pela eficiência de seus poderes.

Todavia, se esses elementos, que mais apareciam nos desertos e vilarejos do que nas grandes cidades, se diziam articulados com o mundo espiritual superior, aqueles que os queriam achincalhar, descreer ou ridicularizar, afirmavam que eles tinham tratos com o diabo, ou que sabiam alguns segredos da natureza, em virtude do que obravam tais prodígios. Era inútil afirmarem que traziam consigo os conhecimentos ocultos, as verdades que remontavam ao Patriarca Henoch, o pré-diluviano sábio das coisas de Deus. Debalde afirmariam ser a nata dos Essênios, os elementos escolhidos da Escola Profética Hebréia, restaurada pelo vidente Samuel e preciosamente tutelada pelo Grande Rei. Todos sabiam dizer não, fosse pelo quer que fosse, acima de tudo pela desmoralização reinante. Roma tangia, as autoridades locais roubavam, a miséria campeava. Estando em sua terra natal e de posse, o povo de Israel vivia em condições quase piores do que durante o cativeiro no Egito e na Babilônia. Só lhes restava trabalhar de sol a sol, principalmente aos sitiantes e camponeses, a fim de que as autoridades lhes pudessem subtrair tudo ou quase tudo.

E por isso pagavam, aqueles que falavam como os Nazireus, os fazedores de prodígios, os homens que vestiam *túnicas* cujas cores *significavam graus*, que traziam os cabelos compridos, repartidos ao meio, e igualmente a barba. Alguns rombudos agricultores, nem mais queriam ouvir falar de seus Patriarcas, sendo que outros já haviam admitido o culto dos ídolos.

Por tudo isso, pode-se dizer, o Cristo chegou na hora exata; mas, como atender a outro Nazireu, se tantos havia, se alguns haviam falhado tristemente, se outros apenas haviam sido exploradores do povo inculto e incauto? E não diziam os mais velhos, e conseqüentemente os mais experimentados, que bem podiam os elementos da família de Davi, ter preparado tudo aquilo, armado, arquitetado tamanha encenação, apenas para readquirirem os respeitos perdidos?

Quando Jesus passou, pela última vez, pelas montanhas da Judéia, eu já havia morto um homem. Não o matara de uma vez, mas Lhe causara uma morte lenta. Fora preso em virtude de certo espancamento, e multado, mas a minha vítima viera a falecer pela lesão sofrida. Minha alma estava em pena, acabrunhada. E outro não havia sido, sem ser o mesmo homem que na vida anterior forçara a matar-me... Retornando ao plano carnal, trouxemos as nossas diferenças; e elas fizeram o que fizeram. Tudo racional, tudo conseqüente.

É comum ouvir-se, pelo mundo em fora, nos ambientes espiritistas, de ter sido Jesus um médium completo, um intermediário completo, perfeito. Verdadeiramente, poderia ser alguém o que Ele foi, e fazer o que fez, sem ter o Espírito Santo Sem Medida? E se muitos não diziam que sim, outros muitos diziam que não? De maneira tal os pontos de vista eram controversos, que muitos calavam suas mesmas opiniões, sendo que outros se traíam, dizendo em contrário ao que pensavam.

Foi nesse pé de ânimos que Jesus passou pela última vez em terras da Galiléia; e como fosse pernoitar na casa de certo ancião, homem calado, tão bom o quanto macambúzio, de quem era difícil arrancar uma palavra, um tal Alimelech, formando nós, os sitiantes, um grupo, fomos ver a Jesus. Fomos ver e inquirir, o quanto possível, para dar-Lhe crédito ou de uma vez por todas desacreditá-Lo. Eu levava, em meu íntimo, a minha dolorosa carga espiritual. Não tinha muito o que indagar, caso Ele se revelasse como diziam, que era capaz de sondar os recônditos alheios e de proclamá-los aos circunstantes. Eu primeiro escutá-Lo-ia falar aos outros, depois, conforme as coisas parassem, fazia minhas perguntas ao crivo de Suas respostas. Para nós, aqueles rústicos camponeses, Jesus iria ser submetido a um rigoroso teste; iria topar, nas montanhas da Judéia, e no meio de gente desletrada, com o que não topara em Jerusalém. Essa era a nossa presunção.

Fomos topar Jesus em ação de cura; primeiro colocou as Suas mãos sobre a jovem, cujo pai havia dito sofrer ela de ataques. Jesus orou, a seguir falou com a jovem, tendo esta respondido:

– Não me chamo Sarah! Meu nome é Nafchi! Nafchi!

O pai intervira:

– Vês, Mestre, que *fala algum espírito imundo?*

Jesus observara:

– Tende piedade dos errados, porque todos estais em possibilidade de erro.

Jesus dirigiu-se ao espírito, dizendo-lhe da necessidade de voltar ao regaço da Lei. Falou-lhe da escalada para o Céu, à custa de esforços, de trabalhos, escalada a que ninguém se pode furtar, pois a Lei é uma para todos. Jesus o tratava com toda a piedade, motivo pelo qual Lhe dissera o espírito, pela boca da jovem:

– Se todos fossem como Tu és! Tão santo e tão meigo!

-Vai-te, filho de Deus... Acompanha esses luminosos seres, trata de te fazeres bom, pois um israelita, um filho espiritual da Tora não pode errar tanto assim. Vai-te.

Acordou a seguir a jovem e com muito carinho disse-lhe palavras de encorajamento, fazendo-a ver que *não era uma doente*, mas sim uma *intermediária*, uma profetiza do Senhor.

Volvendo-se para os circunstantes, indagou:

– Quem sabe aqui, dentre vós, o que é um profeta?

Um certo Jacó, filho de um dos sitiantes presentes, respondeu:

– É aquele que tem o Espírito de Deus, é aquele que anuncia de ordem superior, é o que agora falta em Israel! Tivéssemos um verdadeiro profeta e teríamos a libertação.

Respondeu-lhe o Mestre:

– Pois está próximo o dia em que todo o Israel profetizará. Esse é o Batismo que vos trago, essa a herança que vos deixarei. Tende fé, filhos de Israel, e levareis a herança do Espírito a todos os recantos da Terra. Não vos convém repudiar o que é vindo de Deus! Compreendei bem, não repudiái ao que vem de Deus!

O jovem, que havia respondido, fez a seguinte pergunta:

– Acaso temos todos que praticar segundo os desejos de nossos mortos? Nafchi foi um grande assassino!

Jesus explicou-lhe:

– A Lei e os Profetas serão as diretrizes. O meu Evangelho desenvolve-se sobre as suas verdades inamovíveis. E o Batismo de Espírito anunciar-vos-á o que está por vir, constituindo-se em vosso Consolador, pois a **morte não existe** e podereis tê-los junto de vós, aconselhando, dirigindo, proclamando as veredas de nosso Pai. Importa que compreendais uma verdade: a morte não existe e ninguém morre para Deus! Todo espírito é responsável, **nenhum espírito é mortal!**

A entonação de Sua voz revelava cansaço, demonstrava que já havia repetido a mesma lição milhares de vezes.

O rapaz concordou:

– Sim. Nós sabemos que os anjos falaram a nossos Pais.

Jesus emendou:

– E não disse o Grande Rei, que Deus faz dos anjos espíritos e dos espíritos anjos? Nunca leste os Salmos? Todavia, mesmo que ele não houvesse dito, di-lo-ia eu mesmo, que vim em nome do Pai, para Lhe fazer a Vontade.

Um ancião Lhe perguntara:

– Tu és contra a Lei?

Jesus respondeu-lhe:

– Se falas da Lei de Deus, não o sou; se falas da lei social, digo que ela será superada pelos novos tempos. A Lei de Deus nunca passará, nem os verdadeiros ensinamentos contidos nos Profetas. Como poderia ser eu contra a Lei, se eu mesmo enviei anjos a Moisés, a fim de que a transmitisse? Ou julgais que não sou de antes de Moisés? Em verdade vos digo, que sou de antes que a Terra fosse.

Uma mulher, bem idosa, gritou:

– Bem se vê que não és deste mundo! Mas, tem cuidado! Querem tirar-te a vida!

Jesus repetiu, complementando:

– Já vô-lo disse, a morte não existe. Irei, sem dúvida, pela mão dos homens; mas a *seguir voltarei*, para vos Batizar no Espírito. Não vos deixarei órfãos; o Evangelho e o Batismo de Espírito ficarão convosco.

Um outro disse-Lhe:

– Os grandes de Israel estão contra Ti. Como poderás triunfar?

Condoído, visivelmente condoído, sentenciou Jesus:

– Já venci, graças ao Pai. Porque o Pai não está contra mim, antes está comigo, para que vos legue a medida salvadora. Ou dais mais crédito aos que tendes como grandes de Israel, do que ao Pai? Não vedes que os grandes de Israel é que vos sufocam com as suas imposições? Quanto a mim, tragarei aquele bocado que está anunciado em Isaías. Mas, ai de quem me fizer dano!

Uma menina disse-lhe:

– Mestre! Mestre! Nós Te guardaremos, ninguém Te fará mal!

Pousou-lhe Jesus a mão direita sobre a cabeça, dizendo-lhe:

– Fica com isto...

Imediatamente a menina caiu num transe e alguém por ela anunciou maravilhas. O ambiente se encheu de pasmo, arrepios varreram a todos, gente chorava de alegria.

Meu vizinho, um aldeão de cara muito feia, mas homem bastante probo, perguntou a Jesus:

– É possível que nos diga alguma coisa sobre a Verdade?

Depois de fitá-lo bem, falou-lhe Jesus:

– Deus encerra toda a Verdade, porque Nele tudo é, assim mesmo como Ele está em tudo. Portanto, filho de Abraão, em ti estão Deus, a Lei, a Justiça, a relativa liberdade, a imortalidade e a responsabilidade. Essas são as verdades principais, *que se desdobram ao infinito*, mas que se resumem em Deus. Portanto, para que entendas bem, e vivas em paz, convém saber que a *Verdade está dentro de cada um de nós*. A cada um cumpre, por isso, viver a *Verdade interior*. A Lei, de que falamos há pouco, diz respeito a essa divina realidade. Quem reconhece a Deus no seu íntimo, por certo faz tudo para viver segundo a Lei; e quem assim vive está *livre das trevas exteriores*. Como vedes, ninguém é proibido de triunfar, bem assim como ninguém é livre para fazer o que bem entenda.

Uma velha apresentou-se com uma criança ao colo, dizendo estar febril. Jesus ordenou que a menina, que fizera profetizar, lhe pusesse as mãos na cabeça, orando a seguir. A menina foi presa de novo transe, invocou a Deus e abençoou a criança.

Jesus disse à velha:

– Se queres, podes ir.

Ela rogou:

– Senhor! Eu quisera ouvir-Te...

– Por que me tratas de *Senhor*?

– Porque minha filha é profetiza, e um espírito bom fala por ela, havendo dito que és o Messias. Foi esse espírito que aqui me ordenou vir, a fim de curares minha netinha.

Jesus, em Sua *pobreza*, era majestoso. De Suas palavras emanavam tanta graça e tanta ventura, que de fato *fascinava*, prendia àqueles que conseguiam sintonizar com Ele, e não fora de admirar que aquele grupo de sitiantes, cheio de prevenção, dentro em pouco ali estivesse, apenas para Lhe sugar as doces palavras e os conselhos sublimes. E se digo pobreza, referindo-me à sua *indumentária*, é porque considero que de fato andava *pobrememente vestido*. Naquela ocasião estava limpo, com a Sua *túnica opalina* parece que um tanto diáfana, mas *descalço*. Sua *barba*, e o Seu *cabelo*, deviam ter sido untados com alguma essência oleaginosa, pois brilhavam e estavam bem penteados. Todavia, embora de *estatura mediana*, era muito *bem proporcionado*, sendo de *belas feições* e *gestos suaves*. O que fazia pensar não eram apenas as Suas palavras, mas o *Seu todo*, principalmente o *Seu modo de olhar*, pois devassava o íntimo dos interlocutores, afirmando pelo certo e refutando os pensamentos errados, antes que os anunciassem.

Eu temia falar-Lhe. Por isso, saí para fora, com o intuito de falar a algum discípulo Seu. Encontrei um homem, ainda jovem, também vestido como os Nazireus, porém mais alto. Pela sua vestimenta, podia-se ter certeza de que era da companhia de Jesus; e pelas suas palavras, percebia-se que já havia saturado suas esperanças, tendo por certo que Jesus era o Messias anunciado desde séculos.

– Então – perguntei-lhe – tem por certo que Jesus é o Cristo que deve vir?

– Sim, toda a certeza possível a um homem que conhece a ciência dos nossos maiores Profetas. Porque nenhum fez mais do que Jesus está fazendo, sem contar o mais importante fato que há de suceder; que no terceiro dia ressurgirá dos mortos, nos virá encontrar e nos guiará nos serviços de consecução de Sua obra messiânica, até que sejamos batizados em Espírito.

– Como te chamas, meu rapaz? – perguntei-lhe, cativado pela sua sinceridade e candura.

– João.

– Diga-me, então, por favor: que fato mais te prova toda essa certeza?

– Milhares de fatos, meu senhor. Jesus tem feito maravilhas incalculáveis!

– Quais, porém, as principais, a teu critério?

Sem pensar um segundo, respondeu-me:

– A transfiguração e o contato com os espíritos rebeldes.

– Podes, se quiseres, explicar-me isso? Eu nada sei dessas coisas.

João explicou-me:

– Fomos convidados pelo Mestre, para irmos ao *alto do Tabor*. Uma vez lá, começou Ele a clamar por Moisés e Elias. Aos poucos, uma névoa formou-se, e foi-nos envolvendo, até que ficamos por ela cobertos. A seguir, aumentou de brilho, e Jesus foi se tornando radiante, primeiro de um tom róseo, depois de um branco refulgente, a ponto de não se Lhe poder encarar de frente. Ouvimos, então, palavras estranhas, tendo com muito custo conseguido abrir os olhos, para ver de quem seriam. E vimos, então, Moisés e Elias, que falavam com Jesus, e diziam de Sua partida deste mundo, que seria através de um grande sacrifício, como estava anunciado nos Profetas.

– Que significação teve, para vós outros, esse contato com os nossos grandes instrutores?

– Jesus mesmo nô-lo disse, afirmando que tínhamos tido o testemunho devido, da parte *de um mesmo espírito*, em duas vidas diferentes. Como *Moisés*, o transmissor da Lei e orientador em geral; como *Elias*, o restaurador, aquele que livrou a Israel da grande corrupção encabeçada e sustentada por Jezabel, como está escrito nos Livros dos Reis. Para nós, entretanto, não seria necessária a Sua palavra, pois vivemos, naqueles momentos, glórias que valem pela eternidade no seio de Deus. Jesus é o Cristo que deve vir.

– E se não ressurgir dos mortos?

Sorrindo, talvez de minha ignorância, respondeu:

– Mas ressurgirá! Sim, Ele virá a nós e far-nos-á o prometido. Quem fala e faz, tudo quanto faz, com tamanha autoridade, não pode fracassar. Deus tem estado com muitos homens em Israel, mas jamais esteve com outro, como está com Jesus. Por isso, Ele virá e batizará em Espírito, e ninguém ficará órfão.

Fitei-lhe o belo semblante, levemente iluminado, e vi que seus olhos brilhavam, refletindo um estado místico superior. Lá dentro, a voz de Jesus, suave e de um timbre penetrante, dava resposta a quantas perguntas Lhe fossem feitas.

– Quando se dará o sacrifício de Jesus? – perguntei-lhe.

Com acentuada tristeza na voz, comentou:

– cremos que está para muito breve, por duas razões: uma a morte do Batista, a quem Herodes tirou a vida; e outra, que se depreende das palavras de Jesus, pois avisa-nos sempre, ultimamente, que façamos tudo do melhor modo, porque não mais passaremos pelas cidades e lugares em visita. De fato, estamos a caminho de Jerusalém, e Jesus *sublima-se*... Há momentos em que não parece estar na Terra, mas sim no mundo luminoso de onde diz ter vindo, e de onde nós sabemos que de fato veio.

– Que é feito dos muitos discípulos do Batista?

– Alguns vieram a nós. Outros, bem avisados, nos aguardam em Jerusalém.

– Que fareis, com a partida do vosso Mestre?

– Por que não dizes nosso Mestre?

– Sinto-me incapaz de tanta certeza. Bem sabes que muitos já se disseram o Cristo, fizeram prodígios, prometeram muito ou tudo e...

Interrompeu-me ele:

– Jesus é diferente, meu senhor.

– Os que já passaram, João, também convenceram a muitos. Bem pode ser que tenha Jesus alguns poderes a mais, sem entretanto ser o Cristo que deve vir. Acho melhor aguardar os acontecimentos. Convém desconfiar. Mas, dizei, que fareis com a morte de vosso Mestre?

Com sua triste serenidade e confiança, afirmou:

– Aguardaremos a *Sua volta como espírito*. Ele, que nasceu para tornar público o culto da Revelação, não há de ser o primeiro a se revelar? Demais, temos visto e ouvido, Ele fala com os invisíveis a todo instante. Verdadeiramente, senhor, para compreender a Jesus é necessário

partilhar de Sua vida íntima, do Seu mundo real, *que não é este*. Confia em mim, que te digo toda a verdade possível.

– Deus queira que Ele volte! Israel precisa de um novo alento!... Mas, como dizes que teremos a Revelação à vontade, que dizes de *João Batista*? Ele já vos falou alguma coisa? Já se revelou?

Admirado, João perguntou-me:

– E por que não o faria?

– Então, se podes, conta-me algumas coisas. Que disse ele?

– Assim que Jesus soube de sua morte, convidou-nos a sair da cidade. Fomos a um lugar solitário e fizemos orações, tendo Jesus, dentro em pouco, entabulado com ele conversação. Já te disse, Jesus *fala abertamente* com os Seres Invisíveis. João triunfou, e o Cristo triunfará, para todo o sempre, isso é que nos importa, a nós os Nazireus, o que resta do profetismo hebreu, da multimilenar escola de sábios espiritualistas.

– Sois muito misteriosos. Tendes lá os vossos segredos, embora se vos reconheçam os valores de caráter e os remédios que sabeis indicar.

– Devias querer os ensinamentos de Jesus... – murmurou João.

– Por quê?

– O que muitas gerações cultivaram às ocultas, *Jesus veio tornar público*. Realmente, meu senhor, todos ficarão sabendo, com o *Batismo de Espírito*, aquilo de que se tem tratado nos Cenáculos Nazireus. Jesus rasgará o véu dos tempos e fará toda a carne herdeira da Revelação. Ele nos tem avisado sobre isso, e nós sabemos que o fará.

Senti em mim uns repelões, aparecendo a seguir noutra parte, tomado de febre mortal. De fato, deixei o mundo carnal, dias depois daquele contato com Jesus e os Seus discípulos.

Chamava-me alguém, ao longe, bem ao longe. Tendo feito algum esforço, procurei atender, acordando. Estava ao lado daquele poderoso mentor, que me sorria, todo benevolência.

– Muito grato... Muito grato por tudo. Vi a Jesus! Eu O vi!...

Disse-me ele:

– Vamos embora, que agora podes tratar do teu amigo Glicério.

– Sim. Mas deixa-me olhar para estas terras, estas montanhas, estes vales, ao menos uma vez mais. Sempre que possa aqui vir, terei em mente as imagens daquilo que revivi. Tenho a impressão de que ouço ainda a voz de Jesus... Não parece que Ele está por aqui?...

– É um fenómeno comum, Lira. Além do relacionamento pela imagem, que favorece a memória e revivesce os feitos, há que contar com a lei psicométrica, com a faculdade que permite captar as ondas imanentes. Nesta casa Jesus pernoitou várias vezes, curou enfermos, fez discursos, respondeu a muitas perguntas. Centenas, milhares de pessoas aqui estiveram, vibraram, riram e choraram... E tudo isso está lavrado, está escrito em forma de gravação vibratória, e gravação que podemos sondar, e captar, pelos sentidos psíquicos devidamente despertos ou preparados. Nada há de misterioso nem de milagroso; tudo comum, tudo segundo leis. Se as impressões ficaram, de algum modo podem ser captadas. Demais, em certos dias, ou determinadas épocas, alguns vultos visitam estes lugares, meditam, rememoram, e com isso recalcam ainda mais as imagens sublimes.

– Também viveste por aqui?

– Eu era o sitiante, dono deste sítio... Não me reconheces?

Minha vontade fora dobrar os joelhos diante dele, o sisudo Alimelech, que eu nunca poderia reconhecer, revestido de tamanha autoridade e poder, como se achava agora. Ele, entretanto, abraçou-me com fervor, levantou-me o rosto e ordenou-me enxugar as lágrimas que me escorriam pelas faces.

Tudo quanto devia acontecer com Glicério consistia em subtraí-lo às trevas e às chagas. Apenas isso. Como, porém, trevas e chagas eram as comprovantes de toda uma avalanche de erros e desmandos, devia-se começar pelos detalhes, pelas mínimas questões. Aliás, que *verdade não importa em múltiplas verdades?* Onde está a questão que *se não componha* ou constitua *de mil e um matizes?*

Só a Verdade Una é simples, só Deus é Integral. Quando, entretanto, se mergulha a atenção ou se focaliza qualquer problema de ordem relativa, forçosamente se tem que considerar o complexo, o *multiforme* e o relacionado. Um homem perante a vida, a sua vida perante a coletividade, tudo forma um *emaranhado* fantástico, um *entrelaçamento* de fatores, de conseqüências e contingências a valer.

Um espírito e suas trevas, somadas às suas chagas purulentas, fazendo ver um corpo astral horrível, significa corrupções, introversões, calamidades de ordem intelecto-moral. A centelha interior, o ser brilhante, que é a individualidade, *nunca se entreve*, mas pode ficar envolta em coscorão impenetrável. A individualidade espiritual é sempre límpida, mas a construção da personalidade chega a ser viciosa e terrível, medonhamente horripilante.

Em torno da centelha formam-se as gamas energéticas mais sublimes; depois estão as mais grosseiras, pois se está a caminho do *perispírito*, que é *matéria fluídica*. A seguir temos os elementos mais tênues, mais rarefeitos do perispírito; depois temos os elementos mais grosseiros, que se podem tornar até densos ou palpáveis, por materialização. Durante a encarnação sucedem-se os gases, os vapores, os líquidos, os sólidos do corpo somático. Esse o *diagrama* de um *homem completo*, visto pelos escaninhos gerais, sem entrar pelos detalhes, pelos entrelaçamentos minuciosos. Diremos que tudo isso forma uma unidade humana, porque assim de fato o é. Mas, que poder encerra o pensamento, a mente, sobre a economia geral?

Entretanto, como a mente funciona em virtude de concepções, e as *concepções à custa de fatores evolutivos*, muitas vezes ou quase sempre, dá-se o caso de haver profunda dificuldade para analisar uma simples questão, um simples caso. De uma nonada profundamente íntima surge o turbilhão catastrófico, tudo veio vindo, veio crescendo, veio aumentando. E o resultado é aquela monstruosidade que se pode encarar de frente, na Terra e nas zonas inferiores. Na Terra, digamos, há muitas *lesões encobertas*, pois a reencarnação é sempre, pouco ou muito, uma graça. E as graças, transcorrendo sobre leis, nem por isso deixam de ser medidas de oportunidade, recursos merecedores de profundo respeito. Nas zonas astrais *inferiores*, entretanto, passa-se o contrário – *as lesões estão expostas* e as monstruosidades à mostra. Há casos de seres que, de tanto introverter a ordem no plano mental, vão se tornando irreconhecíveis. *Perdem a forma humana*, perdem as carnes, sofrem revoltas indizíveis. Não é concebível por uma inteligência daí, sem ser a custo, o que há por aqui, nas zonas realmente trevasas. E tudo se resume em simples questão de *ordem mental-acional*; porque é o resultado de ordens que partem do íntimo, atravessam as zonas energéticas mais chegadas, vão avançando, estrugindo, marcando... *No exterior*, na forma física, vê-se o que foi criado, o *efeito* e não a *causa*. A motivação, entretanto, nunca poderia deixar de haver; o bolor interno, por estar oculto, nem por isso deixou de ser a causa-máter da tremenda reviravolta, do transtorno ocorrido.

Glicério estava reduzido a isso; era alguém que se havia introvertido mentalmente, forçado as gamas tênues, determinado todo aquele transtorno, toda aquela patenteação teratológica.

– Um caso como milhões de outros, apenas – observou o velho Alimelech, agora o potente mentor Abel.

De fato, Glicério estava convertido numa *chaga só*, e com as feições *ultra-animalizadas*. Vivia, não mais para xingar ou blasfemar, mas apenas emitindo grunhidos roucos. Rolava, todo nu e procurava comer o que havia; como vivia nas trevas, comia o que achava, roía pedras, pedaços de

pau, tudo quanto encontrasse, fosse o que fosse. E já deveis saber o que pode oferecer o mundo astral inferior, na opulência de suas validades ecológicas.

– No que dá o mau uso do sagrado direito de livre arbítrio relativo! – disse um outro servidor, em tom de queixa.

– Às vezes é quase inacreditável o que se vê – comentou um outro.

Abel, grande conhecedor, para quem tudo se resumia em leis justas, fez a sua exposição:

– A grande questão não está no direito de individualidade, pois essa condição é-nos imposta pelo Supremo Poder; ninguém precisa pensar em ser uma entidade vivente, nem em sustentá-la, porque *é e não adianta discutir contra ou a favor*. A grande questão é *organizar* a personalidade, é dar *caráter* à individualidade. Sabemos que a individualidade vem dos reinos inferiores, vem crescendo, vem aflorando, até atingir, no plano hominal, o alcance da razão e a consciência individual. Ora, se depois de tanta luta, de tanto viver, quer a criatura usar mal o imenso recurso, como não terá que sofrer a sua própria desorganização? Quem faz por subir, *sobe*. Quem faz por descer, *desce*. Quer melhor Justiça do que essa?

Sabino, um companheiro de serviços, num quase gemido atalhou:

– Muito bem. Não adiantam comentários, pois tudo já é por base. Vamos tratar de recolhê-lo e encaminhá-lo.

Repartimos o grupo. Cada qual tinha lá os seus afazeres. Eu, Sabino e Abel fomos à cata de Glicério, na *região trevosa* onde se achava. E transitando pelas escalas superiores, fácil o encontramos e nada sofremos. Aliás, todo o tempo que estive observando Glicério, nunca o fiz mergulhado nas escalas do éter inferior, *sofrendo* suas trevas e dores ou os perigos a si condizentes. Sempre estive acima de males e torturas, *navegando em plano vibratório superior*.

Ali estava ele, metido em suas trevas e torturas. Um *pregador* transformado naquilo! Ali estava exposto, entretanto, e de maneira incontestante, *o que pode custar a fé cega, a crença contemplativa, a falta de conhecimentos básicos, o nenhum conhecimento das verdades simples, como sejam a evolução gradativa, a reencarnação, a responsabilidade*.

Ficou entre nós combinado, que Glicério iria ver uma *luzinha*, muito ao longe; que faria algum esforço para alcançá-la, pois estava cansado de tanta treva e de tanto sofrimento.

E assim aconteceu. Ora eu, ora Sabino, fazíamos a ele ver uma luz, muito distante, à qual teria vontade espontânea de atingir. Com isso, foi andando, ou arrastando-se, e no decurso de alguns meses deu-se nas fronteiras de um lugar melhor, no limiar de zona onde ao longe se avistava avermelhado horizonte. Era de ver a sua terrível estrutura! Mas, também, causava alegria vê-lo fremir pelo fato de ter seguido aquela luzinha e de, através dela, vir a encontrar aquele avermelhado horizonte. Fazia os seus esgares, grunhia, avançava. Cada vez mais se achava encorajado, porque o vermelho-escuro se ia tornando vermelho-claro...

Chegou a hora de Abel, o velho Alimelech, dizer:

– Vamos, agora, falar-lhe. Até em Deus já pensa o infeliz. Merece desde já a nossa ajuda.

Para mim foi um grande alívio, pois vinha sentindo, desde a visão do passado, agrura na alma por tudo quanto com ele se estava passando.

Cercamo-lo um dia, quando ingentes esforços empregava, a fim de alcançar melhor lugar, pelo menos *mais claro*.

– Glicério! Glicério! – bradou-lhe Abel.

Ele estacou, ficou imóvel, estirado no chão, apenas com a cabeça erguida, com aquela repelente catadura a nos fitar. Havia inchado muito, parecendo ser esse o motivo de menos ainda poder falar. Grunhia, pois, o infeliz; mas, revelava intensa alegria, pois os seus olhos esbugalhados e congestionados emitiram certo brilho.

– Que tal pensar em Deus, Glicério? – aventou Abel.

O monstruoso homem continuou imóvel, apenas revelando alegria no olhar.

Abel fez um gesto de adoração a Deus, postando as mãos. Glicério prosseguiu alheio à insinuação, apenas revelando alegria no olhar.

– Vamos auxiliá-lo – decidiu Abel, chegando-se a ele.

Por as mãos naquela *chaga*, e naquele *monstro*, custava um pouco; só mesmo apelando ao Céu é que se podia vencer tamanho escrúpulo. Abel fê-lo e nós o fizemos também.

Oramos. Fizemos o possível para sintonizar, no local e na intimidade de cada qual, com as mais divinais escalas etéricas, a fim de captar elementos de poder e de cura. Durante o processo, quis abrir os olhos, tendo notado o quanto Abel estava brilhante, glorioso, divinizado. Sua mente, impulsionada pelos mais nobres sentimentos, devia pairar em esferas sublimes, devia estar elaborando nos mais elevados planos da ciência de vibrar.

Glicério, aos poucos, emitia gemidos surdos, parecia monologar. Não fosse conhecê-lo, tal como era e estava, e diria estar orando, rogando a Deus cura ou aquela paz tanto almejada pelos que sofrem terríveis agruras, tenham ou não consciência das causas, saibam ou não de suas raízes e motivos.

Não sarou o pobre irmão; mas fortaleceu-se bastante, pôs-se em condições de pensar e dizer coisas à vontade.

– Fale-lhe – ordenou-me Abel – que devo partir. A seguir, sabe para onde o conduzir e entregar.

Ali ficamos, então, os três, Glicério, eu e mais um companheiro, naquele rincão oprimido, iluminado por um clarão róseo-vermelhado, bastante triste para nós, porém suficientemente

agradável para Glicério, que vinha das mais *densas trevas* e dos mais *dolorosos ambientes*. O tom de tristeza era quase insuportável, tínhamos a impressão de estar cercados de elementos invisíveis em agonia, tal a angústia que vinha daquela atmosfera seca, abandonada e sinistra. O vago, a solidão, tomavam ali o aspecto de qualquer coisa assombrosa e envolvente. E foi necessário reagir, principalmente com a ida de Abel, cujos poderes eram altamente superiores, mantendo um nível de estar acima do grau ambiente, sem o menor esforço.

– Bem, devemos agir com brevidade – opinou Sabino, o companheiro.

Considerando o auxílio de Abel, que até ali nos prestara, como sendo mero impulso inicial, e considerando aqueles recursos ora inexistentes, observei:

– Abel já não está aqui, para nos prestar o concurso de seus avantajados poderes. Temos de, portanto, em primeiro lugar vencer o meio-ambiente, fazendo *oposição mental*. Depois, como seja possível, faremos o restante...

– Como faremos? – entrecortou Sabino, que nos sabia neófitos na arte de orientar elementos de tal ordem.

– Eu não tenho lá muita prática, pois sempre trabalhei noutros afazeres, até o dia em que me foi ordenado acompanhar Glicério; mas, como sabemos o que Deus quer, podemos falar-lhe. Sentimentos nobres não nos faltam, e, creio, também não nos faltarão auxílios superiores.

Sabino acresceu, num tom de retraimento:

– Eu só posso oferecer boa vontade... Creio que Abel não nos devia deixar aqui, sozinhos, com tamanha responsabilidade, neste lugar bem pouco agradável.

Glicério começou a revolver-se, tomando nossa atenção. Estava ainda em frangalho, porém visivelmente revigorado. Devia, é claro, dar de si tudo quanto mais fosse necessário, a fim de merecer outras conquistas.

Falei-lhe, então:

– Como se sente, Glicério?

Brutalmente, replicou:

– Como se sentiria você, se estivesse no meu lugar e nas minhas condições?

– Para mim – respondi-lhe – pouco importa como pense a meu respeito; quero saber é de suas disposições mentais, com referência à Soberana Vontade. Se tem o que dizer, contra ou a favor, cinja-se ao seu próprio crivo, considerando, porém, que a Lei a ninguém pede conselho nem opinião.

– Que é a Lei? – indagou, com ar jocoso.

– Deus, Lei e Justiça, eis a tríade que, formando um todo, a tudo origina, determina e disciplina. **A chamada Criação, que é antes emanção**, pois tudo é de sempre no próprio Deus ou Essência Primeira, nada mais representa que não seja o dever de *harmonizar* com a ordem básica. A Lei é, portanto, a medida salvadora, a trilha a ser observada. O Cristo não deu total exemplo? Não disse vezes sem conta que tudo fazia consoante a Vontade do Pai? Veja, portanto, que há sempre uma Lei a ser observada, a fim de que haja, conseqüentemente, ordem, progresso e glória.

Meneou a cabeça negativamente e repetiu:

– Nunca! Nunca! Nunca!...

– Quer impor condições a Deus? – perguntou-lhe Sabino.

– Mas há um Deus? Há um Deus?!... – gritou ele, meio possesso.

– *E quem deu origem ao Universo Infinito?* Foi por acaso algum homem como...

Interrompeu-me:

– Como quem? Se eu tivesse feito o universo, fique sabendo, nele reinaria a Justiça! A Justiça!...

– Glicério – disse-lhe Sabino – parece um demente. Como pode, partindo de tamanha ignorância, pretender julgar a Deus? Busque primeiro *conhecer as leis fundamentais...*

Nova intervenção de Glicério, que fazia esforço para se levantar:

– O princípio de todo conhecimento é a fé! É a fé!... Compreendeu? Eu dei fé e o vosso Deus deu-me lepra!... *Lepra!*... E vocês me falam em Justiça... O que é Justiça?

– *Primeiro* busca conhecer as leis fundamentais – repetiu-lhe Sabino, com toda a serenidade e convicção possível.

Glicério fitou-o, de maneira a evidenciar um misto de ódio e incompreensão. Sabino avançou, repetindo e completando o pensamento:

– Sabemos o que estamos fazendo. Portanto, faça por *saber mais e realizar melhor*, que em Deus não prevalecem chicanas e negligências. A Lei é uma para todos e todos somos um perante a Lei. Se o Cristo, para ser Cristo, observou a Vontade do Pai, como poderemos nós vingar e triunfar, contra a Lei?

– Fui um pregador! Um pregador! – respondeu.

– E que tem isso? Quantas religiões já foram *inventadas e desapareceram*? E quantos pretensos *pregadores* de Deus pairam nos *infernos astrais*? Uma coisa é procurar aprender as *Verdades Fundamentais*, e outra coisa é repetir erros em nome de Deus. Não se engane, pensando que está ou esteve certo, porque a *ignorância* não é programa de *salvação*. Foi apenas um dogmático, *um ídólatra da letra...* Mas, repito, saber Verdades é que importa, a fim de vivê-Las e, pela vivência, subir na escala dos valores íntimos.

– Procurei fazer o bem. Fui bom filho, bom marido... *O Evangelho me traiu...* Eu dei o que tinha em boa vontade, nele depus toda a minha fé. Cantei os milagres do Cristo, *fiz chorar* milhares de crentes, mas, na hora de minhas necessidades, *tudo faliu!*... *Evangelho de conversa!*... Pode ser um bom negócio, porque até os ladrões e os imbecis têm direito à vida e ao sustento...

– Glicério, não blasfeme tanto. Procure saber alguma coisa mais interessante, procure *conhecer Verdades que não falham...*

Ele entrecortou, raivoso:

– Se o Cristo, como dizem, viveu a Lei, e me falhou, como poderei crer noutras verdades e ter esperança noutros recursos? *Eu fui um pregador do Cristo!*

– Somente um pregador teórico, não um conhecedor e viver. Lembre-se, Glicério, de que Jesus não atravessou a vida apenas falando em Deus, na Lei e na Justiça, mas sim dando-lhes vivência prática, execução imediata. Para tanto, estava no conhecimento das leis regentes, sabia a origem dos males, conhecia os recursos de que se valer e tinha plena certeza das Sagradas Finalidades. Falar em Deus, fazer discursos, inventar concepções, criar idolatrias, fomentar rituais e impor liturgias, bem assim como levantar clerezias e ampará-las com as grandezas e rompâncias do mundo, isso não é fazer obra de cristão. Queira ter a bondade, se é que não deseja descer muito mais na escala dos sofrimentos...

Qual fera acuada, interrompeu, cheio de raiva:

– Descer ainda mais?!... E fala em Deus, em Justiça?!...

– Tudo por Deus, tudo por Lei, tudo por Justiça – repliquei-lhe.

Fez umas caretas e rosnou, entredentes:

– Não os entendo, não os entendo!... Fui bom, bom... Em troca recebi lepra... Todos fizeram orações e de nada valeu... Lei?... Justiça?... Deus?...

Observei-lhe:

– E o passado? *E as vidas pretéritas*? E os crimes de antanho? Sabemos que viveu um longo programa de erros e crimes; quem deve responder por tudo isso? É ou não o delinqüente?

Arregalou os olhos e bramiu:

– Sei eu disso tudo, por acaso? Deus me falou dessas coisas?

– *Nunca procurou sabê-las*. Importou-lhe apenas a parte sectária da fé, não a parte científica, aquela parte que facilita conhecer e repetir, mais ou menos, o exemplo do Cristo. Já lhe dissemos, Jesus não se ateu em conversas e discursos, mas sim procurou agir, e agiu, através dos conhecimentos que possuía. Por que não fez questão de aprender com o Cristo, ao invés de imitar homens errados, filhos da corrupção doutrinária? Por que não seguiu o exemplo dos Apóstolos?

Agora esbugalhava os olhos, mostrando o quanto estavam congestionados e imersos em plena chaga. Verdadeiramente, seu estado era horripilante, motivo por que a sua rebeldia não provocava mais do que profunda piedade.

Estático, mas naquela condição horrível, perguntou:

– Não estão a pregar um novo cisma?!...

– Por que pensa assim? Falamos do Evangelho do Cristo, nada mais, que nunca foi um evangelho de conversa e idolatrias, pois aos poderes do Cristo sucederam-se os fenômenos do Batismo de Espírito ou da Revelação ostensiva.

– Jesus não ordenou a pregação do Evangelho? – inquiriu, admirado.

– Com as comprovantes do *Consolador*, da *Revelação tornada pública*. Jesus veio ao mundo para saldar a promessa antiga – derramar do Espírito sobre toda a carne, para que todos pudessem ter os testemunhos da *imortalidade* e da *responsabilidade*. Essa a obra de Jesus, esse o testemunho dos Apóstolos. Quanto ao que *Roma* fez, deve saber que foi *corromper* a doutrina do Mestre, *liquidar* a Revelação e *levantar* a pior das clerezias.

Glicério estava absorto, cismático, duvidoso.

Sabino falou-lhe, com profunda bondade, movido de compaixão:

– Deve procurar a *cura* do corpo através da *sabedoria* do espírito.

– Se eu ignoro tanto, por via de erros alheios, por que me pune Deus?

Sabino deu-lhe a devida atenção:

– Nós três temos parte em muitos erros... Quem disse que é inocente dos erros doutrinários? Demais, compreenda, *Deus a ninguém pune*. A *Lei é íntima* e cada qual a move segundo as suas obras, recebendo bens ou males na razão direta. Cumpre, de uma vez por todas, saber que o *Céu* nos é dado em elementos, *em potencial*, estando a nosso cargo erigi-lo à custa de trabalhos e aprendizados, e de dores quando se é, como direi melhor?... Seria negligente ou teimoso?

Glicério esboçou perceptível sorriso, emendando:

– Se é assim, diga a palavra "estúpido"...

A grande alegria do momento foi a chegada de Abel. É desnecessário dizer que a presença de Abel tornava a todos felizes, porque a sua aura continha divinos recursos.

– Um anjo de Deus? – exclamou Glicério, medindo-o de alto a baixo, numa expressão de grande alegria.

Abel falou-lhe, com doçura:

– Um irmão, apenas um pouco mais desenvolvido em seus valores íntimos. Tenha em mente o que disse há pouco, pois eu também considero estupidez deixar o livre exame das Escrituras, para seguir imposições sectárias. O Evangelho, por exemplo, ensina as obras do Cristo, que devem ser repetidas pelos cristãos na medida do possível, e as recomendações do próprio Cristo, sobre amarmos a Deus com toda a força do coração e de toda a inteligência. Para que, pois, andar atrás de sectarismos e conveniências de homens menos escrupulosos? Não leu, então, que muita coisa não pode o Cristo dizer, deixando-a por conta do Consolador que havia de vir? Truncando, porém, o que vinha da parte do Senhor, que poderiam desejar os homens, sem ser erros e crimes?

Glicério murmurou:

– Tendes razão, senhor... Quem estuda a Escritura, sente a falta do Consolador prometido pelo Cristo... Veio para derramar do Espírito sobre toda a carne, mas a carne toda nunca viu o Espírito... Ou Jesus falhou, ou alguém, de fato, cometeu grave erro...

Quem *sabe mal*, ou *errado*, pensa mal, julga mal e procede incoerentemente. Glicério, filho intelectual-doutrinário do erro, poderia saber certo, pensar bem e proceder condignamente?

Por isso mesmo, à custa de sofrimentos terríveis tivera que aprender uma das mais sérias lições da vida – saber que há Verdades inteiramente respeitáveis, que devem ser conhecidas e cultivadas por obrigação de *iniciativa própria*, Verdades que independem de afirmações alheias ou sectárias, Verdades que estão muito acima das chicanas clericais do mundo.

Como tal, para iniciar atividades recuperadoras, disse-lhe Abel:

- Quer ser recolhido a lugar e ambiente melhores, a fim de encetar trabalhos recuperadores?
- Eu nada sei fazer!... – gemeu ele, concebendo a seu modo a pergunta.

Abel sorriu, observando:

– Tem, em parte, razão. O grande trabalho é de *ordem íntima... Pureza, Sabedoria*, tudo aquilo que serve de motivação eficiente.

- Pureza e Sabedoria?! – fez Glicério, com acentuada admiração.

Abel tornou, com firmeza e bondade extremas:

– Sim, meu irmão. Esse o *resumo, a síntese e a vitória final*. Para se chegar a ser puro e sábio, segundo a *lei de progresso*, e a chancela do Senhor, faz-se mister abarcar toda a multiplicidade evolutiva, isto é, *avançar em todos os rumos do saber e das virtudes*. Portanto, ao se fazer tal referência, nada mais se faz do que lembrar o programa geral de conquistas espirituais.

Assustado, atalhou Glicério:

- Então, senhor, devo começar tudo de novo?
- Não; apenas deve prosseguir no rumo verdadeiro.
- Mas eu errei muito! Muito!
- Mas também *acertou alguma coisa*, pois não?

Boquiaberto, Glicério indagou:

- Mas quem erra não perde tudo?... Tudo quanto tenha feito?...

Bondosamente, explicou-lhe Abel:

– Não há exageros na Lei, nem há prevenções na Justiça. *Todos os valores são considerados*, quer os *ativos*, quer os *negativos*. E se errou, creia, também acertou, estando registrados todos os feitos, a fim de justificação. Lembre-se dos erros, mas não se esqueça dos acertos. A Deus tudo importa, pois a evolução é lenta por base, bem assim como os graus da escala hierárquica são infinitos, pelo menos para nós, que não conhecemos tudo.

Fitou-o bem, o alto mentor, para esclarecê-lo:

– Lembre-se disto: não haverá jamais libertação pela Graça ou de favor, mas sim por *evolução gradativa*. Conseqüentemente, nunca existirá o *salto* para a condição perfeita, como medida de salvação, mas sim a sublimação *por etapas*, a evolução lenta. Até mesmo para o rumo inverso, ou para as chamadas trevas exteriores, *aos poucos é que se vai*. E você é testemunha disso; não foi aos poucos que desceu a tal ponto?

– São lições de primeira vista, senhor. Eu tinha por certo que, se houvesse salvação, pois já não esperava coisa alguma da Justiça Divina, ela seria ou *tudo ou nada*, não admitindo o meio-termo ou a evolução por etapas.

Abel acrescentou:

– Não é assim. Verdadeiramente, Glicério, o homem é o produto da evolução biológica, da evolução gradativa. Os infintos mundos e as vidas sucessivas é que a fomentam; porém, cumpre dizer, que sendo assim pela Vontade de Deus, de algum modo o seria, se assim não fosse. Quero, com esta observação, afirmar que antes de mais nada nos cumpre respeitar a *Suprema Determinação*.

Submisso, murmurou Glicério:

– Eu não tinha esses conhecimentos. Para mim, conforme a doutrina aprendida, ou se era salvo ou se era condenado. Uma vez, porém, que a salvação se resume em *sublimação lenta*, pela organização do caráter, tudo é diferente. Necessito *mudar completamente* o modo de saber e conceber, a fim de realizar com acerto. Pelo visto, cumpre-nos *edificar o Céu à própria custa!*

Como Glicério se mostrasse admirado, Abel fez-lhe algumas perguntas:

– Não ensinou Jesus, que cada qual tem o reino do Céu dentro de si mesmo?

– Ensinou, sim senhor.

– E não fez saber que uns podem estar, com relação a outros, mais avançados no caminho do Céu?

– Fez saber, sim senhor.

– E não disse que muitas coisas mais tinha para dizer, mas que na ocasião seria impróprio delas tratar, ficando a cargo da Revelação í-las ensinando aos poucos?

– Sem dúvida, meu senhor. Mas... Como deve saber, o *protestantismo é filho do catolicismo*, sem alguns de seus embaraços, mas *igualmente sem Revelação*. Se não admite certos prejuízos, nem por isso compreende e respeita o que chamam de Batismo de Espírito. A falar verdade, nunca pude compreender o capítulo dois do Livro dos Atos e o capítulo quatorze da primeira carta de Paulo aos Corintos. Tudo nublado ou truncado, sei lá... Pois, enquanto Jesus deixou a Igreja Viva, e os Apóstolos continuaram na vivência da Revelação, o catolicismo não nos legou tal verdade nem nós a procuramos por nós mesmos. Já vô-lo disse, tenho ouvido agora, de vossa parte, tais referências, e referências que bem merecem respeito, porquanto *concordam* plenamente com as afirmativas do Livro Sagrado.

Satisfeito, anunciou-lhe Abel:

– E poderá estudar quanto quiser, em nossas bibliotecas, a fim de se por a par de todas as Verdades ensinadas pelo Cristo, Verdades que posteriormente foram *corrompidas* pelos homens. A dizer certo, Glicério, e você nada poderia saber a respeito, marcha triunfalmente, no mundo, a *trabalheira restauradora*...

Soerguendo-se em ânimo, tendo feito brilhar um pouco os febris olhos, Glicério inquiriu, interrompendo-o:

– Como assim?... Que se passa no mundo?... Jesus voltou?...

Suavemente, explicou-lhe Abel:

– Jesus não disse que um dia as coisas seriam *repostas* no lugar? Não citou *Elias* como sendo o futuro restaurador?

– Sim, eu li isso várias ou milhares de vezes, mas nunca pude entender, motivo porque fazia de menos comentar semelhantes questões. Entretanto, se as questões estão nesse pé, devemos render graças a Deus, pois significa estarmos numa fase de **renovação**...

Cessou de falar, ficou cismando, sorrindo, para a seguir dizer:

– Graças a Deus!... *Volta a luz ao mundo!*... Eu bem sentia que as falhas não podiam ser do Cristo... Como eu gostaria de estar na Terra, agora, conhecendo de perto a obra restaurada!... E, como fez isso Elias?... Em que condições, de que modo o enviou Jesus?...

Glicério, sorrindo também, deu-lhe a devida atenção:

– *Jesus*, para Batizar no Espírito, não se apresentou como homem? E não foi repellido, incriminado, preso, julgado e justificado? Pois assim mesmo *Elias* se apresentou como homem, trabalhou e findou seus dias em pleno trabalho. Nenhum milagre, nenhum mistério, tudo na ordem comum, tudo **segundo leis básicas**. Simples caso de *reencarnação* e de *Revelação*, nada mais. E irá ter oportunidades à vontade, para estudar e saber como são os processos de Deus, que *Jesus* põe em prática, com toda a simplicidade, quando o *tempo cíclico é atingido*.

Cheio de felicidade, exclamou Glicério:

– A Terra bem que necessitava de um novo impulso!... Uma renovação!... Eu quero... Eu quero melhorar, aprender, saber... Eu quero trabalhar!...

Aproveitando a ensanchar, emendou Abel:

– Então, se assim de fato o quer, pense em *Jesus* e vamos embora. Este lugar é muito triste, apesar de ser melhor do que aquele em que por tanto tempo permaneceu.

Meio enigmático, indagou o chaguento homem:

– Qual a posição de *Jesus*, neste lado da vida?

Fazendo um sinal de cabeça, que valeu por expressão de prudência, Abel fê-lo saber:

– **Cristo é grau hierárquico**, bem assim como é função diretora. Todos os mundos possuem os seus *Cristos*, que são diretores e modelos. Eu lhe darei um manual, para que estude, enquanto se recupera. Ficará sabendo o que deve saber, pois o mecanismo é vasto e profundo. Entretanto, saiba, significa também um certo *grau vibratório*, e é a esse grau que todos apelamos. Esse grau-poder está presente, é *íntimo* a tudo e a todos, devendo ser atingido por *sintonia*, isto é, pelo esforço do *pensamento* e da *vontade*. É um recurso, um instrumento vívido, sempre ao alcance de quem faça por merecê-lo... Sim, é necessário poder atingi-lo, a fim de conseguir utilizá-lo.

– Sempre a regra do merecimento?

– Sim, sempre a *lei do mérito*. E não diz a Escritura que é assim mesmo?

Amuado, Glicério comentou:

– A Escritura diz... Mas cada seita, ou cada homem, entende como quer e faz escola a seu bel prazer. Surgem as corrupções, os erros e os crimes...

Sabino pilheriou:

– Depois surgem as trevas e os seus duendes...

Pouco depois, Glicério era por nós entregue a uma *casa de tratamento*, situada em lugar agradável, entre montanhas verdejantes e riachos murmurantes, em cujos ares volteavam aves e borboletas de todas as cores e de todos os tamanhos e tipos imagináveis. Um lugar aprazível, muito aprazível, onde tudo irradia saúde, onde tudo respirava fragrância, embora um lugar *bastante igual à vossa Terra*, talvez indistinguível por quem não fosse avisado da mudança operada.

Glicério não tinha a menor idéia do que se passava na Terra, com a movimentação dos valores mediúnicos, à base da Codificação Kardeciana. Ao ir melhorando o seu *corpo de espírito*, também progredia em saberes sobre a obra levada a termo pelos *baluartes da restauração*. Contudo, somava com entusiasmo os seus efeitos, vindo a errar, é claro, pelas suposições otimistas.

– Então – atalhou certo dia – a Terra vive seus grandes momentos de espiritualidade?

– Não, por ora. Apenas se movimentam os mais compreensíveis, aqueles que para a encarnação foram em cumprimento de *missão*, e a *falange sofredora*, que admite por necessidade, prosseguindo, a seguir, em muitos casos, pelas oportunidades de superiores aprendizados. Nem há que se fazer pensamentos otimistas, pois toda medida de ordem avançada encontra na rotina e nos conchavos humanos a sua natural *oposição*. O Cristo não foi repellido? No entanto, Glicério, quem vinha na esteira de trinta e tantos séculos de anunciação? Que de revelações fizera Isaías, no capítulo cinquenta e três, de seu livro? E qual fora a função de João Batista, proclamando a todo o Israel a chegada do Messias?

Olhou-me com bastante tristeza, balbuciando:

– Então, Lira, o Consolador encontra os seus obstáculos, na hora de sua reentrada no mundo, assim como o Seu ínclito realizador os defrontou há quase dois mil anos?

– Sim, encontra *cerrada oposição*, da parte dos credos organizados à base de clerezias e formalismos. Entretanto, saiba, *ninguém o deterá*, porque *aos poucos invadirá toda a carne*, conforme as promessas do Velho Testamento. Debalde pretendem truncá-lo, eliminá-lo, porque *é chegada a hora cíclico-histórica de sua manifestação universal*. Quem poderia barrar a manifestação mediúnica nas criaturas e a comunicação dos espíritos?

– Sempre o Cristo a se defrontar com inimigos de toda ordem!

– Realmente. E convém lembrar que *os piores inimigos são os amigos infielis*. As clerezias é que fomentam e sustentam os erros mais crassos, porque neles se amparam e proliferam. Como tudo fazem em nome de Deus, do Cristo, da Verdade, e vivem com o Livro Sagrado nas mãos, conseguem *perverter e convencer*, o que é ainda pior. Invertem totalmente os termos da Verdade!

– Eu bem sei!... – gemeu o ex-pregador – Eu bem sei!... Ao que é indigno se atribui a Deus e ao que é digno se faz infâmia, se diz que é diabólico. Assim se fazem as verdades rasteiras, os conchavos humanos, que levam desgraças e tristezas a todos os recantos do planeta. Sem dúvida, não de dizer que o diabo está a fazer das suas, não é?

– Apenas isso. Tal como fizeram com Jesus, atribuindo Seus feitos a Belzebu. Mas, como já disse, *ninguém logrará triunfar contra a restauração*. Puderam contra Moisés, puderam contra Jesus, quando assim os tempos permitiam, pelo atraso das inteligências. Agora, podemos afirmar, a ordem *é não voltar atrás*. E, de fato, o *Espiritismo invade a Terra*, levando a todos a certeza da Verdade que livra.

Nossa conversa findou com a chegada de Sabino, que veio trazer a ordem de serviços para o dia, como de costume, pois me dera, nos últimos dias, a visitar os recolhidos em primeiro lugar, a fim de saber das melhoras operadas ou de quaisquer outras contingências ocorrentes.

– De que estavam falando? – perguntou-me Sabino, em caminho.

– Da repulsa que os ditos crentes oferecem a tudo que é verdade progressiva, as verdades que vão sendo reveladas continuamente, a pretexto de maior respeito a Deus.

– Do culto da aberração? Dos que pretendem ensinar a Deus?

– Isso mesmo. Dos que se julgam conhecedores além de Deus. E cumpre dizer o que de fato se passa – todos os credos comportam elementos desse jaez, criaturas que julgam bastar-se em conhecimentos de verdades fundamentais.

Dando com a casa indicada para o primeiro serviço, demos a conversa por finda, a fim de acautelar-nos contra possível *perigo*. Não costumamos entrar em lugares desconhecidos ou de primeira visita, sem tomar as preliminares indispensáveis em matéria de cautela. Casas há, como deveis saber, habitadas por elementos da pior catadura, sempre capazes e prontos aos mais indignos procederes.

– Façamo-nos *invisíveis* – recomendei.

Haviam feito pedido, num ambiente de sessões, em benefício de uma senhora enferma, tendo as voltas do mecanismo acional vindo parar em nosso agrupamento de serviços socorristas. Quase sempre os encarnados pedem, ignorando os trâmites seguintes, trâmites que se prolongam nestas plagas, movimentando organizações e departamentos, indivíduos e serviços especificados.

Outra condição indispensável, e muitas vezes ignorada, e mais vezes ainda descurada, é a do **merecimento**. Todo e qualquer indivíduo se acha no direito de reclamar assistência; mas pouca gente se compenetra de que deve cultivar o bem, a fim de recebê-lo na disposição desejada, ao fazer o seu pedido. Verdadeiramente, desde sempre as organizações deste lado estão prontas ao serviço de assistência; mas, também, não é menos verdade que bem poucos fazem por merecê-la. A mentira, o ódio, a inveja, a maledicência, o egoísmo, o orgulho; a brutalidade no trato para com os semelhantes; os abusos no exercício das funções biológicas, etc. Tudo isso constitui *barreira*, agrava e até mesmo neutraliza as nossas possibilidades funcionais. Resumindo, é a Lei em vigência! **Cada qual recebe conforme seus méritos.**

Naquela casa havia muito disso, isto é, pouca atividade *moral*. Acima de tudo, como infelizmente observamos, as conversações eram sempre em torno de assuntos pouco edificantes, maliciosos, até bem obscenos. As mulheres da casa davam-se a comentários apimentados, sempre atraindo elementos invisíveis de baixo calão, indivíduos capazes de tudo, pelo muito que se atinham aos desejos *animalizados*. E, como tal, encontrando *brechas* de tal ordem, sugavam fluidos e se satisfaziam, provocando *vampirismos* extremados, causando abalos nervosos, lesando a economia física de modo acentuado.

Angelina, a doente, por quem haviam reclamado assistência, ali estava, muito enfraquecida, mas sempre disposta a conversações menos interessantes. A seu lado, como formigões em torno de um torrão de açúcar, alguns elementos movimentavam-se, cada qual procurando ser mais afim e subtrair a sua vantagem...

Vimos chegar uma vizinha, também acompanhada de dois elementos indesejáveis, e a conversa tomar o rumo costumeiro – maledicência e pornografia.

– Que espécie de auxílio ela quer? – indagou-me Sabino, abanando a cabeça.

Dei-lhe a resposta:

– É apenas uma, dos milhões que a Terra comporta, cujos pensamentos impelem ao plano *vibratório inferior*, fazendo *sintonizar* com elementos desse jaez. Como pode observar, aqui estamos, os dois pólos representados, o *bem* e o *mal*, e *no centro a criatura encarnada*. Sempre foi assim, e assim continuará a ser, pois a Lei confere o direito de relativa liberdade no arbitramento individual.

Aproveitando o lapso, quis ele saber:

– Como vamos agir? Podemos tomar alguma providência ou devemos informar o departamento?

– Vamos dar a resposta no grupo espiritista onde fizeram o pedido. Só agiremos conforme vier a **merecer**.

– Duvido que receba alguma coisa... – balbuciou Sabino.

– Que pensas então fazer?

– *Recursos existem muitos*, bem o sabemos. Contudo, causa *nojo* ver o que se passa... Essa gente não sabe falar de outras matérias? Serão apenas esses os assuntos de que se possa tratar? Causam-me repugnância!...

– Então?...

Abanando outra vez a cabeça, sentenciou:

– O Céu para os celestiais, o inferno aos infernais!

– Estás errado, Sabino. Devemos dar o devido, devemos ser tolerantes, pois o erro é patrimônio de todos nós, infelizmente.

Esbravejando, redargüiu:

– Essa gente pede assistência espiritual num agrupamento espírita e prepara-se dessa forma?! Ao menos tomasse um pouco de cuidado... Vimos aqui para dar o possível e temos que ouvir conversa desse teor? Olhe como se regalam os iguais, como cada qual faz questão de tirar partido...

De fato, com a evolução da conversa pornográfica, o ambiente punha-se *turvo*, a coloração áurica avançava para o *pior*, constituindo forte incentivo àqueles elementos e às suas pretensões lascivas.

– Daremos o devido; mandaremos o nosso recado.

Tomando ares de insatisfação, obtemperou Sabino:

– Convém dizer tudo, marcar a hora da visita e relatar o que se ouviu... A bonita conversa que se ouviu!...

Estacou, e resmungou, pouco depois:

– Gente adulta, mães de família, e só tendo isso para conversar?...

Sabino era assim mesmo, todo temperamental. Capaz de ironizar, ridicularizar, satirizar. De momento para momento, podia esbravejar, punir, fazer das suas. Era novo nos serviços de socorro e pouco afeito a certas contingências. Um espírito altamente devedor, truculento mandatário do passado, mas desconhecedor de sua longa e terrível história. Só mais tarde é que veio a saber dela, compenetrando-se do quanto se deve ser *tolerante*, para se conseguir alguma coisa, algum resultado bom. Afinal, pelas experiências adquiridas, sabemos que assim agem os mais endividados; marcam o caráter com a mais desenfreada *impaciência*, até o dia em que se descobrem tremendamente faltosos.

Aquele caso, assim como a grande maioria deles, era de enviar bom conselho e prometer auxílio segundo as performances apresentadas a seguir. E assim se fez, dando resposta à consulta feita. Verdadeiramente, a grande maioria humana pensa que religião é concepção admitida, *fé* deísta aceita em forma *contemplativa*, largando-se ao culto de procedimentos incorretos, usando e abusando das práticas menos decentes, como sejam a mentira, a maledicência, o egoísmo, o ódio, a inveja, a conversa licenciosa, etc. Pensando sobre Deus de modo *formal*, e sobre os tratos comprometedores de maneira tão pródiga, como evitar o achego de elementos indesejáveis? Há casos em que se não pode fazer coisa alguma, pelo simples fato de se não contar com a boa vontade das criaturas realmente interessadas. Faltam com o bom procedimento, usam-se perniciosamente, a ponto de nos obstarem todo e qualquer esforço. Enquanto isso, é claro, os maus elementos usam e abusam do acesso que se lhes permite, pensando e procedendo com leviandade.

Naquela casa, entretanto, tudo se resolveu a contento, porque a informação dada foi direta e simplesmente franca, nada se ocultando. Deviam, pois, tomar novo rumo nas regras de conduta em geral. E a obra levada a termo, em poucos dias transformou-se em inamovível alicerce; fincados na melhor conduta, seus pensares valiam por eles atrativos de grande alcance, facilitando-nos ação pronta, rápida, neutralizando todas as maquinações daqueles malévolos elementos, que a seu turno foram *aprisionados* e *doutrinados*.

Partindo em busca do *segundo caso* a atender, penetramos sombrio casarão, velho pardieiro cujas paredes se achavam imantadas maleficamente, saturadas de fluidos venenosos. Prédio abandonado, julgado mal-assombrado, devíamos subtrair dali um espírito, uma senhora, cujo tempo de torturas havia terminado.

Tornando-nos *invisíveis*, visitamos demoradamente os poeirentos compartimentos, e tomamos contato com alguns focos de irradiações altamente perniciosas. Um deles, o pior de todos, era o quarto onde um homem se suicudara, então sala de jogo, e instrumento da infeliz empreitada. O espírito ali estava, com o punhal enterrado no peito, rolando pelo chão, ora apelando aos santos, ora blasfemando, e sempre enviando suas negras ondas mentais saturadas de energetismos imundos.

Um outro compartimento, o segundo na classificação hedionda, era uma sala ampla, ainda com vestígios de orgias e desbragamentos de variada ordem, onde algumas criaturas se engalinhavam, homens por causa de mulheres e estas por causa daqueles, num fragor tremendo, devotados à sanha lasciva. Dantesco espetáculo que aí se deparava, embora menos aterrador do que o primeiro.

Trancafiados no compartimento sanitário, assustadiços, temendo o que se passava nos demais lugares da casa, de onde vinham berros, gritos, ameaças, blasfêmias, xingamentos, etc., estava um casal de velhos. As fisionomias provavam o que lhes ia pelo ânimo, bem assim como testificavam o estado de culpabilidade.

– Essa é a mulher? – apontou Sabino.

– Sim, essa é a mulher de Glicério, é Nina.

– Esse homem é o segundo marido?

– Sim, Castro lhe foi o segundo marido. Vinham jogar, e tanto se enfronharam nas lides da *jogatina*, que ao desencarnarem para aqui se deslocaram. Como tudo se foi piorando, até o fechamento por causa do suicídio havido, foram eles temendo os acontecimentos, trancafiando-se neste compartimento. Aqui se encontram há dezenas de anos, temendo e sofrendo, projetando a saída que nunca se concretiza. É, afinal, apenas um estado infernal ou coisa que o valha. Devemos encarar tudo genericamente, só partindo no rumo das especificações para efeito de atividades socorristas. Uma é a Lei e uma é a Justiça, sendo o mais tudo mera questão de ângulo de focalização cominatória. *Cada culpado* acha-se em situação e condição *específicas* perante a Lei e a Justiça, devendo o serviço socorrista ser levado a cabo conforme as *especificações*, assim como se processa a *justiça terrícola*, que faz o culpado encarar o Código através do mecanismo judiciário-processual. Jesus não ensinou que uma falta, por *mínima* que seja, afeta a *Lei Geral*?

– Isso é elementar. Simplesmente se entende.

– Muito bem; mas não seria melhor evitar os erros e as penas?

– Sim, também isso é elementar. Para que forçar a Lei e a Justiça no rumo das punições e no sentido expiatório? Mas... Quem faria a humanidade ser diferente? Ainda bem que a Lei de Deus é perfeita e a Sua Justiça Impoluta. Eu, entretanto, não saberia como resolver o problema... Parece insolúvel!

– Você, Sabino, arrasta um passado altamente comprometedor. Mais do que ninguém deve encarar o caso pelo prisma real, isto é, da *interioridade* de todos os recursos e fatores da vida...

Admirado, interrompeu-me:

– Eu?!... E daí?...

Primeiramente lembrei-lhe um pouco de sua história; a seguir, disse-lhe:

– Toda essa gente, bem assim como nós, encerra todos os elementos e fatores fundamentais. Tudo é *íntimo*, seja a origem, sejam os valores em potencial. Para ser assim, é claro, são *íntimas* a *Lei* e a *Justiça*. Logo, não façamos questão de libertar a humanidade, sem ser pela *individualidade*. Cada um de nós é *independente* perante as leis fundamentais da Vida Total, não podendo haver bem geral, sem ser através do bem individual. Lembre-se disto – Jesus não falou em Céu a torto e a direita, mas segundo as obras, *individualmente*. Essa gente, assim como nós, só tem aquilo que fez por ter, isto é, segundo como acionou intimamente a Lei e a Justiça. Por isso mesmo, Sabino, é que vimos pregando contra os velhos e obsoletos conceitos a respeito da dor. Uma vez que somos, em parte, *juizes em causa própria*, façamos um pouco mais de obras decentes e um pouco menos de ladainhas nauseantes e mentirosas, bem assim como devemos procurar *conhecer* o mecanismo da Vida Total, a fim de conduzirmos a vida individual pelo prisma da melhor conduta. É tão absurda a conduta de quem se *revolta* contra Deus, ou a Deus *nega*, como é absurda a atitude daquele que pretende ser *racional* ao tecer ladainhas à *dor*. Deus quer caridade e não sacrifício; quer ser amado de todo o coração, e com toda a força da inteligência. Quem quiser fazer em contrário, lembre-se de que está caindo em falta, porque *negar* a Deus nada resolve e *lambetear a dor* é ato de hipocrisia. Quando muito, cumpre-nos respeitar a *dor missionária*, porque ela simboliza a própria renúncia!

– Bem... Tudo continua como dantes, não é?

Porque nada lhe respondi, volveu, com interesse:

– Que sabe a meu respeito? Disse que sou muito culpado...

– Nina e você devem faltas praticadas em comum. Espere pelo seu esclarecimento. Não tenha pressa agora, que de nada adiantaria.

– Eu e Nina? Em outros tempos, talvez.

– Isso mesmo, em outros tempos, mas no decurso do Cristianismo em marcha.

Abanou a cabeça negativamente, lastimando-se:

– Que pena! Mas, saiba Jesus, qualquer que tenha sido a minha conduta, nalgum tempo, disso me arrependo e desejo tudo fazer a bem de Sua Causa. Sinto que um vulcão me estoura no íntimo... Há um ardume em minha alma...

– Sabe o por quê?

– Não. Mas sei que há motivo. Peço que me ensinem, que me amparem.

– Não tenha receio algum, Sabino. É que, independente de nossa consciência, ou de nosso alcance intelectual, a *Lei* e a *Justiça* se movimentam, através de *períodos*, de *ciclos*, afetando nossa organização em geral, *forçando* no rumo devido, sempre indicando a Finalidade Sagrada. Cumpre não esquecer também este princípio, que é apenas conseqüente – sentir a Lei e a Justiça como fatores íntimos é a mais perfeita maneira de se confiar em Deus. Todos aqueles que, por evolução, atingiram a vivência desse estado, recomendam-no como sendo a regra perfeita. É o estado intelecto-moral que significa a sintonia monística levada a termo, conforme o ensino de Crisna, ensino que o Cristo endossou totalmente, aumentou e recomendou acima de tudo, como regra de conduta básica. Quem sente no *íntimo* a vigência perene da *Lei* e da *Justiça*, não dormita em seus deveres e não se exalta nos seus merecimentos; é *harmônico*, é cheio de temperança!

– Quem te ensinou isso?

– Abel. É enorme a sua biblioteca... Mas, parece maior ainda a sua bagagem evolutiva...

– Você já me disse, de ter ele hospedado a Jesus durante a Sua romagem pela carne. Isso, penso eu, deve ter-lhe valido muito.

– Espere, espere um pouco – interrompi-o – pois isso não é tudo. Hospedar o Cristo terá sido bastante, mas ser da mesma Escola já é muito mais. Naqueles dias, como vi e revivi, Abel era da Seita dos Nazireus, da *nata essênica*. Pelo que me é dado supor, Abel vem de muito longe na trilha do verdadeiro culto espiritual. Eu não tenho alcance para falar, mas sei que é muito mais evolvido nas Verdades Básicas do que parece.

– Vou pedir-lhe auxílio...

– Não é necessário. Deseje o bem, e de tudo ele saberá, fazendo o possível, no âmbito da Lei, a fim de auxiliá-lo. Todavia, lembre-se, faz-se necessário *merecer*. E, agora, vamos conversar com estes dois?

Pensativo, murmurou:

– Vamos, façamos o bem. Pelo menos teremos feito o bem ...

Observei-o, pelo tom em que se pronunciara:

– Por que, esse modo de falar? Sente-se desencorajado?

Num meneio de cabeça, balbuciou:

– Há momentos em que todos os recursos se resumem no bem. Sentimos que tudo pode falhar, menos o *amor*... Então, sentimos o peso das faltas pretéritas, todas aquelas faltas cometidas, conhecidas e desconhecidas, considerando o quanto se perdeu. Bem... Como a vida não tem fim, e é *obrigatório* atingir a plenitude da evolução, façamos o possível... Gostaria muito de dormir um sono profundo, esquecer o passado, acordar um outro homem...

– Simples fenômeno de ordem psicológica, qualificado simples apelo da esfera conservadora, vindo à tona até inconscientemente. Entretanto, deixemos tais devaneios, compreendamos a Lei como ela é. Afinal, não está ela ao nosso dispor, quando agimos bem? Não é vigente para todos os efeitos? Erga-se, pois!

– Bem, vamos conversar com essa gente. A vida continua, tudo continua...

Fazendo vigorar a vontade, tornamo-nos *visíveis*. Aqueles dois tomaram-se de pavor, querendo escapar, dando-se a gritos desesperados.

– Parem! – gritei-lhes – Nós somos trabalhadores do bem!

Estacaram, sorriram, vieram ao nosso encontro, junto à porta. Mudaram fundo num lapso de tempo.

– Aqui estamos, senhores! Aqui estamos! – disse Nina, fremente.

Sem tirar os olhos do chão, Castro repetiu:

– Sim, aqui estamos... Faz muito tempo, muito tempo!...

Disse-lhe da ordem superior:

– E você, por um pouco, ainda ficará aqui. Não tenha receio, porque em tempo o viremos buscar. **É questão de Justiça.**

Castro fez mil e um apelos, disse tudo quanto sabia em benefício de sua causa e de sua profunda ligação com a esposa; desejou, prometendo tudo quanto lhe era possível, a fim de acompanhá-la, fosse para onde fosse.

– Não – tal foi a resposta que lhe dei, cumprindo ordens superiores.

Fazendo esgares, reclamou:

– Não saberá Deus o quanto me arrependo? Como pode ser assim?

Nina disse-lhe o que pode, compenetrada de que sujeitar-se faria melhor; mas o esposo não conseguia, ainda, entender assim, pelo que desandou a dizer palavras que valiam por blasfêmias. Foi então que lhe disse:

– É por isso mesmo que não pode acompanhá-la; não vê que se *rebela* contra a Justiça Divina? Ou julga ser mais e melhor?

Inconsciente da Lei, exclamou:

– Deus bem que me poderia perdoar! Perdoa a uns e não a outros!

Sabino observou-lhe:

– Não diz um ditado, caro amigo, que melhor fala aquele que em tempo certo cala? A ninguém assiste o direito de dizer tantas asneiras, *impunemente*.

Enquanto ele olhava cismático para Sabino, esclareci-o:

– **Perdão não existe**, amigo Castro. Prevalece a **Justiça** acima de tudo, Justiça que garante integral acervo de obras ressarcitivas. Em outros tempos, em virtude da falta de melhor compreensão, da parte dos homens, foi o perdão proclamado, por constituir um modo de recorrer à renovação de conduta. Quem deseja o perdão deve *construir* o perdão... E isso quer dizer ato de *reparação*, o que não é propriamente *perdão*.

Como ficasse estático a me investigar, com os olhos arregalados e os ouvidos atentos, emendei:

– Não é certo que esposou, durante a vida carnal, teorias e conceitos *contra Deus* e contra o sentido de responsabilidade espiritual? Por que, não cuidou antes do maior de todos os bens? Atravessou o túmulo em condições de perfeita brutalidade espiritual, não foi? O dinheiro, os gozos mundanos, a falta de caridade, a exploração dos semelhantes, e tantas outras atividades menos corretas, isso é que teve como religião, não é? Se não foi decente para com os semelhantes, como quer obter a *tolerância* da Lei?

Baixando a cabeça, num amuo disse:

– E ela?...

– Teve outras vidas e outros méritos, que ora lhe valem ponderosamente.

Encarando-me numa surda indagação, mereceu a resposta:

– Sim, também teve muitas outras vidas. Todos nós temos tido muitas vidas e muitas atuações... Mas, entenda, a **Lei é Absoluta** e a **Justiça Impoluta**! Se a sua condição é tal, perante a Lei, a situação jamais poderia ser outra. Quando aprender a ser *fiel*, tudo há de melhorar. E agora nos iremos...

Avançou e prendeu Nina em seus braços, berrando:

– Nunca! Não deixo! Não a largarei!...

Havia ordem e fizemos o devido; projetamos-lhe *descarga energética*, que o fez atirar-se a um canto, espavorido e torvo. Enquanto ele dizia coisas sem nexos, Nina obedecia nossas ordens, preparando-se para sair. E, tudo segundo as disposições indicadas, demos com ela entrada num departamento educacional, pois sofria muito mais do espírito, do que do corpo astral.

Glicério fora informado sobre a esposa. Como estivesse lendo o seu resumo histórico, reconhecendo as faltas do passado, cometidas em comum, fez questão de se avistar com ela o quanto antes.

-Desejo – disse – fazer o possível o quanto antes...

Entrando a meditar, pouco depois concluiu:

– Sim, uma vez que há o grande POR QUÊ, devemos atender sem restrição às suas determinações. Durante a vida carnal, e não contando com os recursos do *melhor conhecimento*, fazemos aquilo que constitui **crime de lesa espiritualidade**. Como é do vosso conhecimento, quem *sabe mal não faz bem...* A crença contemplativa é *cega*, é frágil, não sustenta o espírito nas horas de *amargura...*

Sabino interrompeu-o:

– Ora! Jesus teve por função Batizar no Espírito. Quem mandou que Lhe corrompessem a Doutrina Excelsa, fundamentada no culto da Lei e da Revelação?

Glicério, que estava, de permeio com a leitura do seu dossiê, também lendo a obra intitulada "A MISSÃO DE JESUS", concordou:

– Eu sei, bom irmão, qual a função de Jesus no mundo. Devia derramar do Espírito sobre a carne, depois de **voltar como espírito**. Li, e muito bem, porque fi-lo dezenas de vezes, o capítulo dois do Livro dos Atos e o capítulo quatorze da primeira carta de Paulo aos Coríntios. Sei, portanto, o que foi o Consolador prometido e como os Apóstolos faziam o seu cultivo. Mas... Convenhamos, de que vale agora criticar os *erros de Roma, truncando o certo e impondo o errado?* Alguém seria capaz de fazê-la *compreender* o tremendo erro e recomeçar vida nova e certa? Quem não teme a Deus e não aprende com Jesus Cristo, poderia fazer coisa melhor do que implantar *idolatrias* e explorações de toda ordem? Antes, creio eu, devemos trilhar agora o caminho certo. Afinal, cada um terá direito à sua Estrada de Damasco... Depois, que se arrependa, sofra e se faça merecedor do Cristo e do Batismo de Espírito. Paulo dar-nos-á, sempre que o quisermos, a melhor lição de toda a história religiosa do planeta. Eu creio assim. O fenômeno mediúnico, ou Batismo de Espírito, enterrou o perseguidor e fez ressurgir o grande perseguido! A Paulo devemos a maior lição humana sobre a função Divina de Jesus Cristo!

Glicério subia alto na escala íntima de sua fé. Apesar de aterrado ainda, ou *envolto pelo coscorão das dívidas*, conseguia movimentar sua aura no sentido das melhores confinações vibratórias. Era agradável ouvi-lo falar, porque o seu volume de voz, e o timbre, faziam supor as qualidades oratórias de que era senhor.

Todavia, apresentando-se Abel, depois de nos saudar, avisou-nos:

– Apressem o encontro desses dois, pois estamos preparando a *reencarnação* de alguns elementos, dentre os quais eles, objetivando acontecimentos e resultados valiosos, na retorta do Consolador, já em renovado curso na Terra. Convém aproveitá-los agora, nos primórdios de serviço, pois todo e qualquer esforço representa merecimento redobrado.

– Reencarnar? – gemeu Glicério.

– Para trabalhar nos serviços do Cristo – acentuou Abel.

Revelando o temor que lhe ia no íntimo, expôs Glicério:

– Judas, Pedro e Tomé, também estiveram nos serviços do Cristo... Em companhia do Cristo!... E fizeram das suas... Tenho fundados receios de tornar a falir!

Paternalmente, falou-lhe Abel:

– Levarão encargos mediúnicos, que se reclamarão *contínuos* e *dolorosos* esforços, nem por isso os deixarão à mercê do mundo e de suas brutalidades. O mesmo Jesus, ao qual têm oferecido algumas traições, Ele mesmo os encaminha à Terra, nesta hora de conturbações e de inadiáveis testemunhos. Eu apenas faço a vez do estafeta, rendendo graças ao Emanador. Aceitem, pois vem do Verdadeiro Amigo o feliz empenho.

Com os olhos marejados, murmurou Glicério:

– Antes falou a ignorância. Agora fala a sabedoria... Eu irei, e rendendo graças, infinitas graças!...

Abel abraçou-o, lembrando-lhe:

– Quanto mais se compenetrar dos deveres, e mais trabalhar pelo **bem comum**, encetando espontâneos serviços na seara consoladora, tanto menos sofrerá. Leve em mente esta advertência – Deus quer *compenetração* dos deveres e não *sacrifício*, *trabalho* e não *ladainhas* melosas. Perante a Lei, que aciona a Justiça, mais convém não praticar erros do que pedir desculpas e lambetear a dor. Seja prudente, arme-se de bons valores intelecto-morais, a fim de se sair bem. Nós, que temos estado a servir nos círculos da fé, e que ora cumprimos ordens na seara consoladora, estaremos sempre a postos, atendendo aos apelos sinceros.

Sabino opinou:

– Sendo assim, até eu iria e com muita satisfação!

Abel emendou:

– Irá mesmo e será assim. Está determinado.

Sabino quis beijar as mãos de Abel, mas este o não permitiu. Aliás, nunca soube de um elevado espírito aceitar dessas medidas de agradecimento ou devoção afetiva. Os que na Terra e no Espaço, aqui nas regiões inferiores, gostam dessas medidas, são os que comportam a chamada "*santidade postíca*"...

Abel se foi, deixando a seguinte ordem:

– Assim hajam sido apresentados, e tomados de mútua aceitação, em base de amizade universal, sem nenhum resquício de ressentimentos e aversões, serão passados pela **visão retrospectiva**, para efeito de armazenagem consciente e melhor valorização no plano intuitivo, quando encarnados.

Abel transformou-se em luzeiro multicolor e sumiu de nossas vistas. Glicério, metido em pensamentos estranhos, perguntou-me:

– Por quê?...

Julguei acertar, dizendo-lhe:

– Nina casou-se em segundas núpcias. Talvez tenha outros pensares e sentires a seu respeito.

Glicério sorriu, revelando superioridade. Não estava pensando em reaver a esposa, mas sim a paz e melhores condições de vida espiritual. Entretanto, afirmou:

– Duras lutas enfrentamos!... O tempo que estivemos juntos, entretanto, foi suficiente para que ela revelasse qualidades respeitáveis, como esposa e mãe. Se fomos vencidos pela incerteza espiritual, culpa dela não foi... Em qualquer tempo, em condições melhores, Nina seria adorável esposa. Não disputarei o seu afeto, perante o segundo marido; mas respeito-lhe as qualidades. Deus que lhe dê, tudo quanto não lhe pude dar... Se for permitido, rogarei desculpas, caso me ache ela responsável por qualquer soma de fracasso.

Sabino acenou com a cabeça, anuindo:

– Assim é que se faz.

Quis aproveitar o estado de coisas, indagando:

– Glicério, quer ir a ela ou quer que venha a si?

– Acho bom ser cavalheiro, pois não?

– A Lei, quando as circunstâncias permitem liberalidade, endossa as boas maneiras. Neste caso, impera a livre escolha. Portanto, vamos a ela.

Deixando a região onde se achava recolhido Glicério, fizemos sortida rumo àquela em que se achava Nina; foi num abrir e fechar de olhos, até certo ponto. A seguir, caminhamos a pé, indo encontrar Nina entregue a mui boa leitura, pois embora a região fosse bastante bisonha, nem por isso deixava de oferecer elementos valiosos de recuperação em geral.

– Nina! – chamei-a.

Ela, havendo olhado, deu com o ex-marido. Primeiro ficou sem saber o que fazer, atônita, depois caiu em convulsivo pranto, baixando a cabeça.

– Que significa isso, Nina? – perguntei-lhe.

Ela grunhiu, amassando os brancos cabelos, sem levantar a cabeça:

– Ó!... Meu Deus!... Meu... Deus!...

Falei-lhe, julgando acertar integralmente:

– Nisso, amiga, não cometeu crime ou deslize algum. Nem viemos aqui para lhe custar desgostos, e sim para dar encaminhamento a novos serviços. Devem-se amizade ordinária, nada mais, além de alguns deveres de esforço em comum, por haverem assim contraído débitos em passado não muito remoto. Levante a cabeça, encare de frente as obrigações, que todos estamos augurando pela sua reabilitação.

Através do rosto feito em pranto, fez ver breve satisfação. Glicério apertou-lhe as mãos entre as suas, dizendo-lhe palavras eivadas de ternura. Ela enxugou as faces, sorriu, levantou-se do banco de pedra em que se achava sentada e dispôs-se a nos acompanhar.

– Isto! Isto! – repetia Glicério – Vamos andar um pouquinho, conversar, que Lira tem qualquer coisa de muito bom para lhe dizer.

– A mim?! Sou tão culpada!... Quando vou ser julgada?...

Falei-lhe:

– Assim como pensa, nunca. O tribunal é de consciência, por isso que o maior dever é organizá-lo da melhor forma.

– Ninguém me vai julgar e sentenciar?

– Há casos, Nina, em que se faz necessário um conselho, não julgador, mas esclarecedor. Disso há e muito. As sentenças, porém, surgem do *próprio íntimo*, não de modo formal, não como se faz no mundo, mas sim em plenitude espiritual. De tal modo são íntimos Deus, a Lei e a Justiça, que ninguém necessita apelar para tribunais exteriores.

– Então, senhor Lira, posso estar descansada?

– Deve, quanto ao caso em vista e ao momento. Entretanto, como tem débitos a saldar e muita evolução por fazer, cumpre-lhe ter vontade firme para trabalhar. O Céu é de ordem íntima e ninguém o terá sem trabalho! Com o direito de individualidade casa-se o dever de *organização do caráter*. O livre arbítrio relativo garante-nos *apressar* ou *retardar* o desenvolvimento interno. Eis tudo, em linhas gerais. Fica, entretanto, bem entendido, que falo da criatura entrada no *plano hominal*; os que se acham ainda para baixo, e não têm consciência individual, esses *nada devem* perante a Lei Moral. A Lei é para os *responsáveis*, para aqueles que já podem saber o que para si mesmos é melhor. A divisa entre o plano da inconsciência e o da consciência individual é esta – quem sente para si o que é melhor, não tem o direito de ferir o bem estar do próximo. É por isso que Jesus partiu da justiça natural, afirmando que se não deve fazer aos outros, assim como não gostaríamos que os outros nos fizessem.

Nina disse, em tom de lástima:

– Então, bondoso amigo, a Terra é ainda um mundo bem inferior!

Sabino observou:

– Mas quem ficará sem ajustar contas? É por isso que voto imenso respeito ao *capítulo final do Apocalipse*. Resume todas as Verdades já ensinadas, desde os primeiros ensinamentos. Parte dos fundamentos, nunca passará, seja onde for e para quem for. Testifica o Princípio Divino e a Diretoria Planetária; testifica o direito de relativa liberdade; testifica a vigência da Lei e da Justiça; e testifica a intransferível responsabilidade, segundo as obras.

Notando o grau de aceitação de ambas as partes, indaguei:

– Vamos prestar contas ao chefe do departamento e seguir viagem?

Nina apressou-se em dizer:

– Estou às suas ordens, bondoso irmão.

Glicério avançou:

– Conte com as minhas poucas forças, Lira.

– Então, vamos à chefia do departamento – convidei.

Poucas horas depois de mutuamente apresentados, foram colocados defronte a *poderoso aparelho*, que em seguida às imagens exteriores iria entregá-los à visão retrospectiva. Começariam vendo a si próprios, em outros tempos e noutras vidas, e a seguir cairiam em profundo sono, depois do que reviveriam vidas e fatos pretéritos. Não é que fosse imprescindível o aparelho; é que assim estava indicado para eles. Se múltiplos são os recursos a empregar, também é certo que há importância na variedade, através das diferentes esferas e regiões, onde os aprendizados são feitos, em todos os sentidos e segundo as mais diferentes modalidades. Porque, como devem compreender, enquanto são servidos alguns, outros vão sendo de outro modo também instruídos, com as revelações apresentadas e presenciadas. Assim é, portanto, que um mesmo fenômeno se apresenta com variantes modalidades de aprendizados. E como as regiões e zonas divergem em grau evolutivo, ou matizes de grau, há para todos serviço e oportunidades de saber.

Todos fomos colocados diante do aparelho: eu, Abel, Nina, Sabino e Glicério. A presença de Abel fizera pensar em maravilhas a rever; no entanto, embora haja tudo transcorrido muito bem, a princípio, com a visão da época em que Jesus fez os Seus serviços em terras galiléias, a seguir houve interrupção, anunciando Abel o seguinte:

– Não é possível, a dois de vocês outros, penetrar os detalhes das ocorrências então havidas; falta-lhes o devido preparo psíquico.

Vimos, então Glicério e Nina tremendamente aterrorizados, suarentos; estavam como que alucinados, incapazes de qualquer aproveitamento. Sabino estava melhor.

Abel disse mais, em tom piedoso:

– Teria grande prazer em servir, como sabem. Tentei, mas não foi possível. O futuro a todos pertence, ficando, portanto, para mais tarde... *Irão à carne*, ganharão outros méritos e poderão rever e reviver o passado. Importa que revivam tais vidas, eu sei, e faço votos que seja na primeira volta da carne. Por ora, vamos tentar casos isolados, mas onde a presença de Jesus Cristo não seja necessária.

Não me havia ocorrido, ainda, que a presença de Jesus causasse tais embaraços aos menos preparados. Pelo menos, àqueles que tinham qualquer coisa em comum com a Sua romagem terrena e se achavam em grandes débitos ainda.

Abel repôs os dois e mandou-os sair. Nina e Glicério saíram, bastante entristecidos, porém equilibrados.

– Agora – disse Abel – venha Sabino.

E Sabino reviu a sua pior vida. Depois, por lances, reviu trechos de vidas seguintes, compenetrando-se de que bem andara metendo as mãos em sangue inocente, por causa do Cristianismo. Entre ter sido, várias vezes, soldado e sacerdote, armou para si carma bastante gravoso. Verdadeiramente, foi um grande bem que Abel lhe fez. Sabino mudou muito, tornou-se compreensível, tolerante e, nalguns casos, até capaz de renunciar direitos em proveito de terceiros.

Afastando Sabino, disse-me Abel:

– Quer aproveitar a oportunidade?

– Eu já revi minha vida naqueles dias...

– E quantas mais teve? Que há feito pelos tempos em fora?

– A falar com franqueza, Abel, a visão do Cristo completou-me as instruções. Sei que devo algumas faltas e que sou carente de muita evolução; mas, considero, trago em mim os recursos

necessários. Pelo menos hoje, se me permite valer o desejo, quero ir conversar com os dois... Estão muito tristes...

Abel sorriu e deu-me inteira liberdade para o restante do dia.

Fui encontrá-los a confabular, sentados debaixo de florido caramanchão. Ao vê-los entregue a conversação animada, tive a princípio receio de me aproximar. Como, porém, me espicaçava imensa curiosidade, pelo que havia ocorrido, venci aos entraves impostos pela discricção e me aproximei, indagando:

– Que sentiram, vendo as imagens?

Apesar do sorriso esboçado, demonstraram indelével tristeza. Glicério, entretanto, disse-me o seguinte:

– Tudo ia muito bem, e senti estranha felicidade ao rever aquelas paragens de todo evocativas e dignas de muito respeito. Sim, dignas de muito respeito, depois que se chega a ter um pouco de compreensão das coisas... Quando, porém, apareceu a figura do Cristo, pareceu-me invadir uma tremura, assim como se fosse febre mortífera. Quis reagir, e fiz lá o meu esforço, mas não consegui vencer. Foi então que intentei falar, gritar, pedir auxílio. Tudo inútil, tudo...

Ele começava a ficar mal outra vez, a se arrepiar, motivo porque mandei-o desviar o curso do assunto. Quando olhei para Nina, sem dizer palavra, ela avançou:

– A mesma coisa, Lira. Os mesmos sintomas... Um tremor de morte!...

Lembrei-lhes a necessidade inadiável de melhorar as condições psíquicas, para em futuro não remoto conseguirem rever e reviver tais fatos, obtendo valiosos ensinamentos, sem sofrer abalos de tal ordem.

Fazendo sinal com as duas mãos, aparteu-me Glicério:

– Não! Não! Já vi o suficiente, basta! Eu sei que estou muito longe de merecer tamanha regalia. Salvo se for daqui a muitos séculos, talvez um milênio!

– Sentiu ser regalia? Como, então, ficou tão mal? Acho estranho.

Meio aéreo, alvitrou:

– Não deixou de ser uma regalia...

E olhando para Nina, indagou-lhe, num tom enigmático:

– Foi ou não?...

Nina sentiu em si qualquer fenômeno estranho aos seus conhecimentos, respondendo entredentes:

– Foi, sim... Ver Jesus é sempre uma regalia...

– Mas foi em forma de imagem projetada, apenas.

Olhou-me com admiração e advertiu:

– Não, senhor! Dele saiu alguma coisa! Parece que tremenda descarga de misteriosa força!

Glicério completou:

– Força? Não só força, mas infinita autoridade!

Concordei, pois era bem do meu conhecimento:

– Eu sei, eu sei. Já vi antes e revi hoje. De qualquer modo, *Jesus emana autoridade*... Não sei que espécie de autoridade, mas sei que se é obrigado a respeitar, de todo o coração e com toda a inteligência, mesmo quando apresentado através de imagens projetadas. Creio que Abel fez alguma coisa...

– Abel? – indagou Glicério, com avidez.

– Sim, Abel deve ter feito alguma experiência. Devia querer saber alguma coisa, medir a extensão de certas possibilidades. Ele nunca age ao acaso.

Nina concordou:

– Assim como nos restaurou com a simples vontade, impondo-nos as mãos, assim mesmo nos teria auxiliado, se quisesse... Ou se pudesse... Reconheço que a Lei é acima de tudo e de todos, porque deriva de Deus. Assim mesmo, concordo, deu-nos muito o que pensar. Jamais esquecerei o visto, menos que reencarne. Quem sabe se desejou apenas isso?

Meneando a cabeça, em sinal de auto-advertência, Glicério murmurou:

– Por muitas razões pode a criatura brutalizar-se. A política, o dinheiro, a incredulidade, etc. Mas, convenhamos, quem é que vendo e sentindo o que nós vimos e sentimos, poderá manter-se avesso aos poderes superiores? Apenas vimos o Cristo andar entre centenas de criaturas e já nos aconteceu tudo aquilo. E se tivéssemos de tê-Lo pela frente, em seu esplendor divinal? O livro que acabo de ler apresenta Jesus como sendo o Luzeiro do Mundo! Eu não sei bem o que isso pode significar, mas acho que deve ser... Bem, como será?... Eu não saberia como avaliar a Sua glória, o Seu brilho divinal. Em certos momentos não consigo encarar Abel, mesmo sabendo, como você nos disse, que ele se restringe em seus poderes, a fim de servir nas esferas inferiores. Como será Jesus, em Sua integral realidade?

– Pelo que vejo, foi bom terem visto aquilo que viram, não mais. Afinal, como pregador, que idéia fazia de Jesus?

Sem a menor perda de tempo, respondeu-me:

– Jesus crucificado. Nunca pude imaginar melhor quadro. Por quê?

– Nada. Apesar de minha inferioridade, sempre O vi, em minhas suposições, como sendo um espírito glorioso. E um espírito glorioso é muita luz e muita autoridade. Demais, com o que tenho visto por aqui... Sabe que temos, de quando em quando, visitas superiores e visões grandiosas? Sabe que elementos de subido valor hierárquico nos trazem, de pouco em pouco, suas informações? E que trazem máquinas de projeção, revelando paisagens, quadros, acontecimentos de variada ordem, de lugares inferiores e superiores?

– Faço idéia – disse Glicério.

– Quero ver e ouvir – afirmou Nina.

– Nada lhes posso garantir. O fator *merecimento*, sempre acompanha ou anda na frente das regalias e das oportunidades de estudo. Nada sei, a respeito de vocês, que dê para fazer promessas. Sei, apenas, que devem buscar merecer... Essa virtude cabe em todas as ocasiões e para todos os efeitos. É moeda corrente em todos os lugares, pois onde a Lei imperar ela é divisa básica. E a Lei é Onipresente, assim como Deus, porque, como vem sendo pregado desde os Vedas, e segundo como Crisna tão bem o ensinou, a *UNIDADE* é a base de toda e qualquer verdade, restando ao estudante saber discernir e situar os fenômenos.

Glicério comentou, com certa ironia:

– Sinto dificuldade, ainda, em considerar isto – como pode ser que, para honrar a um Deus perfeito, homens lancem mão de recursos verdadeiramente criminosos. Pelo que vocês dizem, e pelo que li ultimamente, há uma Lei que deve ser observada e uma Revelação que deve ser cultivada; a *Lei* gera o direito de *paz*, de ordem e de gozo, enquanto a *Revelação* prodigaliza *conhecimentos contínuos*. Entretanto, caro amigo, a Terra está cheia de artimanhas clericais, de idolatrias de toda ordem... Quem, como eu, comete erros por culpa alheia, responde dolorosamente!... Enquanto isso, a Lei deixa os fabricantes de erros à vontade, engordando, enriquecendo, fazendo-se passar por autoridades espirituais! Por que, Lira, não age a Lei? O Céu sustenta, seja como for...

– Alto! Alto! Posso garantir que a Terra comporta de tudo, desde os mais remotos dias da Humanidade; se, porém, alguém se compraz no serviço de autobrutalização, isso é lá com quem o faz. Até mesmo que não haja brutalização, mas apenas *estagnação*, isso também é com quem o pratica. O livre alvedrio é faca de dois gumes... Bem utilizado é *glória*, mal utilizado é *tragédia*. Quem reencarna se propõe a escolher, bem ou mal, por conta e risco.

Nina aparteu:

– Mas lá surgem as clerezias com os seus manejos interesseiros! Impõem toda sorte de formalismos, nem que seja o da **palavra interpretada erroneamente**, fazendo negar o certo e afirmar o errado!

– Nina, quem lhe proibiu a busca da melhor verdade? Não é certo que tomou o rumo intelectual que bem entendeu tomar?

– Eu – revidou-me ela – sabia qual a melhor verdade? Se tivesse conhecimento da Revelação, ou do Batismo de Espírito, por ele teria sabido os porquês, os motivos de tamanhas amarguras. Isso, entretanto, não foi possível... Fui ao encontro da Igreja protestante e lá me disseram que a Verdade era o Evangelho do Cristo. Eu não podia compreender, então, que o Cristo tinha *vivido* o Evangelho e não apenas *falado nele*, como faziam eles, os pastores e os crentes em geral. O Pentecoste não existia mais. O sistema de culto dos Apóstolos, como se acha expresso no capítulo quatorze, da primeira epístola aos Coríntios, também desaparecera! O Evangelho estava reduzido a *cânticos* muito bonitos e a pregações de toda ordem, ora mais cultas, ora menos cultas, porém apenas isso. *O Batismo de Espírito ninguém sabia* onde estava nem fazendo o quê!...

Suspirou amargamente e culminou:

– Eu e Glicério, então, demos as costas a Deus, ao Cristo e ao Evangelho... A realidade aí está... Ele morreu, eu tornei a casar. Meu novo marido não tinha religião, não arrastava embaraços... Fizemos o culto do dinheiro e do melhor gozo da vida... Fomos mutuamente infiéis e viciosos... A morte surpreendeu-nos com a vida, traiu-nos...

Olhou-me queixosa, murmurando:

– Não temos tantas culpas assim... Outros terão mais... Aqueles que ficam nas portas, não entram e não deixam entrar os que poderiam fazê-lo, como ensinou o Cristo, ao profligar a clerezia de Seu tempo, aquela que O crucificou...

– Ainda assim, Nina, poderia ter ido adiante. Apelando para a *negação*, claro que eliminou qualquer oportunidade feliz. Destruíu os recursos pela base! E, de que vale agora lembrar tais fatos? Conserta alguma coisa?

Lembrou-me:

– Quantos, no mundo, aprendem o culto do erro?

– Ninguém é proibido de buscar a melhor verdade. E a **Verdade Absoluta** não se responsabiliza por aqueles que se entregam ao culto da ignorância, seja por que motivo for. A Terra comporta de tudo, pode garantir toda e qualquer lição, mesmo que custe a vida... Nisto, sim, reside o grande mal – poucos sabem prezar mais o que é do Senhor! A grande maioria aceita formalismos e conversas, porque é *mais cômodo*... Outros se apegam a seus sectarismos, tornam-se *fanáticos*, e passam a querer ensinar o próprio Deus! Afinal, que é o *dogma*? Não é impor o *relativo* ao *Absoluto*? Que são os rituais? Que são os sacramentos? Que são as liturgias? Quem tem o direito de impor a *estagnação*, de proibir o livre exame?

– Como o Céu é difícil! – gemeu Glicério.

– Os comerciantes da fé tornam-no assim! – respondeu-lhe Nina.

Glicério voltou:

– No Velho Testamento está escrito, sobre não ter Deus necessidades *formais*, *idolatrias* quaisquer – nem *imagens*, nem *rituais*, nem *carnes assadas*, nem coisa alguma de ordem *temporal*. Deus quer **amor**, Deus quer verdadeira **inteligência**, Deus quer *caridade* e não *sacrifício*. Mas, quando estará a Terra livre dos comerciantes da fé?

Meio revoltada, Nina avançou:

– É fora de dúvida que a missão do Cristo foi edificar doutrina sobre o culto da Revelação, a fim de tornar todo indivíduo de boa vontade em *sacerdote da Verdade*; mas por que o mesmo Cristo não impôs réplica à altura aos corruptores da doutrina? Uma vez que a Lei estava revelada, e que batizar no Espírito lhe custou a vida, por que consentiu na corrupção?

Respondi-lhe como sabia e sei:

– A Terra é lugar de *semear* e não de *colher*. Provo isso, Nina, mostrando-lhe a história dos corruptores. Ao *desencarnar*, minha amiga, é que se contam os favos. Ninguém recebe, sem ser pelo que praticou. A Justiça Divina dá tempo, *mas cobra a rigor*. E os perversos de ontem fazem-se nos mártires de amanhã, a fim de se porem a par da Lei. Tudo se resume nisto – ninguém abuse do seu direito de livre alvedrio, pois quem *trai a si se trai!* Nós sabemos que o Cristo foi e está sendo traído, espontânea e propositalmente; mas, sabemos, também, que os Seus traidores não serão livres, até que se consertem com a Lei. E isto, amigos, é questão seríssima! Não de ver o que as *trevas* têm para mostrar, ainda, fora o que já mostraram, depois de tantos séculos de *curso judiciário!*... E não de ver, por entre condições e situações horripilantes, como vivem no *plano carnal*, aqueles cujas culpas ascenderam a montas elevadas!... Porque, repito, vocês conhecem bem pouco... E agora, permitam-me deixá-los, pois tenho um serviço para esta hora. É um grande errado, que clama por Deus, e que já merece amparo... Sim, já merece o seu quinhão! E como estou livre por aqui, vou à crosta, vou servir.

Lançando-me rogativo olhar, indagou-me Glicério:

– Sabe o que há para nós, amigo? Terá havido reviravolta?

– Nada sei. Abel deve sabê-lo e dir-lhes-á em tempo. Todavia, apremem-se para trabalhar um pouco e *reencarnar a seguir*. Procurem merecer o melhor possível.

Despedi-me, deixando-os em boa palestra, porém entristecidos.

A história da Terra está cheia de erros e tremendos crimes. Os errados e criminosos, porém, não desaparecem. Tudo é vivo perante Deus, e a Lei abarca todos quantos fatos se dêem, por mínimos que pareçam ser, a fim de que a Justiça tenha o seu curso normal, forçando o reequilíbrio. Por vezes, tão profundos e tão vastos se revelam os tentáculos do **Supremo Organismo Judiciário**, que a criatura menos avisada supõe jamais poder haver tamanha ou tão *completa e perfeita exaçaõ!*

Entretanto, a Terra de todos os momentos revela-se em absoluto processo judiciário. Basta sondar cada indivíduo, perscrutar-lhe a história das vidas e dos feitos. Nele mesmo encontram-se os fatos, os indícios e a marcha das prestações de contas. Tudo encerra a criatura! Nada lhe falta, nem lhe sobra, a ponto de imaginar possível lesão da parte do Supremo Organismo. Cochilos não há, nada é transferível por falha ou qualquer omissão no *imenso mecanicismo*.

Todos nós encontramos criaturas irmãs pelos caminhos da eterna vida, seja na carne, fora dela, em melhores ou piores lugares, condições e situações. Quer dizer, certamente, que temos a **Lei e a Justiça em franco funcionamento**.

Tendo deixado Glicério e Nina, aproveitei a folga para visitar certo irmão encarnado, grande errado da história, agora um monstro físico, infeliz rastejador pelos caminhos do mundo, sempre a estender a mão, sempre a repetir, minuto a minuto às vezes, a palavra antanho odiada, motivo de perseguições e sangueiras. Acérrimo adversário de Deus, truculento perseguidor dos cristãos nascentes, armazenou faltas a valer, encharcou sua história com o sangue de milhares. Sempre o mesmo errado, lançado nas vidas futuras pela carga do passado, *repetia faltas*, achava jeito para novas conquistas macabras, até que, nas últimas cinco vidas, de ordem superior, foi indicado às mais penosas atrofias, aos mais prementes aleijumes.

Muitos encarnados pensam que os velhos criminosos já estejam redimidos. Que se tenham arrependido e feito, e levado a cabo a esteira das vidas ressarcitivas. No entanto, há muito engano em tais concepções, pois quem fabrica lastro poderoso, em bem ou em mal, conta com o seu poder tangente, embalador. Felizes aqueles que se votam aos caminhos do *amor!* Ai daqueles que se fazem presa do crime! O *carma*, que é o *lastro íntimo*, opera como agente jungidor, tangente, e se ao amável se converte em propulsor de novas e sublimes conquistas, ao revoltado e criminoso torna-se a máquina de pensar errado e de reincidir nas faltas!

A encarnação jamais deixará de ser, normalmente, ou por Lei, a válvula evolutiva e redentora do indivíduo; mas os indivíduos falham perante a reencarnação, deixam-se arrastar pelas farpas injuntivas do passado, repetindo faltas e até as avolumando! Por via disso e dos erros humanos, beatos e santos há, cujo paradeiro nunca foi uma região feliz. Outros tantos, egressos do crime, tanto mais se hão chafurdado. E há os que se têm redimido, bem assim como outros se acham em trabalhos redentores. *Há de tudo, nada falta!* A questão é *procurar saber*, poder localizar e fazer os *devidos estudos*, pois a demografia é opulenta e *cada cidadão é uma história viva*.

Sameiro dava contas, sem pernas e com os braços retorcidos, do seu título infame. Quem diria encontrar-se ali, naquele monstro, um dos algozes do Cristianismo nascente, um dos conselheiros de Nero? E se é dado aos homens não acreditar, quem negaria provimento à Lei e à Justiça? Desde quando o Emanador pede conselhos à criatura, a fim de ser Absoluto Senhor?

Fui encontrá-lo a dormir, na soleira de uma porta, depois de haver comido a esmola oferecida por alguém. Andava sobre um carrinho, pedia esmolos, comia do que lhe davam e dormia em qualquer parte, quando o tempo favorecia ou alguma árvore lhe oportunizava sombra agradável.

Enquanto fitava aquele quadro desolador, mas respeitável ao extremo, um clarão surgiu; era Abel que chegava.

– Coincidência? – indaguei, sentindo alegria pela sua presença.

Algo triste, respondeu-me:

– Não. Eu sabia que viria... Indiquei a um amigo para que o inspirasse a vir. E quando ele me avisou, tratei de baldear-me para cá.

– Alguma novidade?

– Também não. Apenas, como nos convém, devemos ativar alguns elementos de convicção a este irmão. Está bastante submisso, já aprendeu a ser dócil e a fazer as suas orações; isto é, já merece algumas atenções.

– Também julguei assim, irmão Abel. E como serão fornecidos esses elementos incentivadores da fé? Cura ele não tem...

Sorrindo, aparteou-me:

– Daremos remédio ao espírito; ele mesmo tratará do corpo...

– De fato. Não é possível sarar o corpo de quem tenha o espírito assim doente, a menos que se **trate primeiro do espírito**. Sameiro fez muitas e fortes! Se não o tratassem a rigor, onde iria parar?

Outra vez sorriu em tom de advertência, afirmando:

– Bem, iria parar no devido lugar. Alguém já conseguiu esgotar as medidas da Justiça Divina?

– Quero dizer que ficaria muito mal.

– Há quase dois mil anos que está muito mal. Quem não avança atrasa, porque a estática significa esforço dinâmico em sentido contrário à lei de evolução. Onde estaria Sameiro, se tivesse aplicado elementarmente os esforços? Tais empenhos, aplicados negativamente, que lhe teriam garantido, se fossem aplicados positivamente?

– De acordo. Empregou múltiplos esforços para contrariar a Lei, pensando, talvez, que lhe seria possível sobrepujá-la? Ou estaria alucinado?

Franziu o cenho e balbuciou:

– A Terra está cheia de alucinados... Mas a Lei não os ignora nem poupa. A vida, com mais dias ou menos, a todos provará a tremenda lição. Felizes, portanto, aqueles que não se iludem com as próprias suposições. Uma vez que há Lei, é imprescindível observá-la. Em caso de falha, tudo pode ser admitido, menos a rebeldia, e muito menos ainda a recalcitrância proposital. Para quem se **arrepende**, a Lei confere **Justiça flexível**, isto é, **atenua** o processo **ressarcitivo**; mas para quem se **rebela não há atenuância**.

Fez breve pausa e a seguir completou:

– Sameiro, tal como tantos outros errados, pensou estultamente, julgou poder enfrentar a Lei, provocando contra si todo o rigor judiciário. Teve oportunidades e não soube aproveitá-las; antes, fez delas instrumento de rebeldia. Se não lhe impusessem tamanhos aleijumes, e contínuos, por si mesmo nada faria melhor, descendo sempre, caindo velozmente. Por ser assim, é pouco merecedor... Os que se orientam pela *razão* e vencem, claro que são dignos de melhores atenções e recebem oportunidades vantajosas. Enfim, Lira, quem apela para a *dor*, espontânea ou calculadamente, é sempre menos do que aquele que apela aos sentidos superiores, que são *amor* e *inteligência*. É hora de se *por fim* ao critério *dolorista* que vem deturpando a melhor forma de objetivação espiritual. A Humanidade tem que fazer o possível, a fim de vencer mais uma etapa da escala intelectual; deve primar pelos recursos mais honrosos, mais compatíveis com a Origem Sagrada.

Sameiro acordou, bocejou, abriu os olhos. Em sua frente estava um cãozinho magro, esquelético. Sameiro, vendo-o assim, tirou do bolso um naco de pão e atirou-lho, dizendo:

– Rapaz!... Que você está pior do que eu!... Toma lá...

Arrumou-se e foi indo, indo, rodando o seu carrinho, assim como Abel lhe impunha fazer, mentalmente. Chegando a uma casinha pobre, bateu palmas. Surgiu à janela uma senhora e mandou-o entrar.

– Estou na hora? – perguntou, meio aflito.

Respondeu-lhe a senhora, visivelmente apiedada:

– Ora! Quem faria pressa a você?!

Desculpando-se, explicou-lhe ele:

– Estive dormindo... Pensei que... Desculpe-me.

A senhora ajudou-o a entrar, sempre irradiando piedade, sempre a envolvê-lo com a sua aura rosada.

– Que alma boa! – exclamei.

– Amor! – sentenciou Abel, todo satisfeito.

Lá dentro estavam algumas pessoas, aguardando a hora da sessão. Sameiro ficou observando, sentindo a simpatia geral. Todos lhe endereçavam olhares amigos. Uma senhora travou com ele conversa, quis saber alguma coisa, pelo que ele respondeu:

– Cura não espero. Queria saber de minha mãe... Só isso.

A senhora anunciou que iria abrir os trabalhos, razão por que todos fizeram silêncio. De fato, feitas as preces habituais, abriu ela o Evangelho e leu umas linhas. A seguir, fechando o livro, colocou-o sobre a mesa, dizendo aguardar que algum irmão desencarnado fizesse comentário a respeito.

Abel foi, encostou-se ao lado de uma senhorita, dominou-a e saudou a todos. A seguir, afirmou estar ali a fim de servir Sameiro, cujos pensamentos haviam atingido sua progenitora. Antes, porém, faria o comentário desejado e necessário.

Como o texto lido dizia respeito ao **degolamento de João Batista**, e como nunca há falha na Justiça Divina, Abel lembrou as vidas de **Moisés** e de **Elias, repousando aí as responsabilidades de João**. Havia feito as suas e devia responder, mais tarde ou mais cedo, na razão direta, mesmo que em função superior. E, assim sendo, como as leis básicas são de **ordem geral**, todos que ferirem virão a ser feridos. Não houve nem haverá, jamais, inocentes sofrendo! Toda e qualquer **dor encerra um motivo causal**, significa uma necessidade ressarcitiva.

Apontando para Sameiro, que se empinava sobre o carrinho a fim de ver e ouvir do melhor modo, tornou particular a sua preleção:

– A ti, Sameiro, que rastejas pelo mundo e pedes em nome de Deus! A ti, cujos sofrimentos fazem transparecer vislumbres de obediência à Lei! É a ti que a minha palavra se dirige, neste momento, por iniciativa de tua mãe! Ela rogou e o plano superior atendeu-a. Vim dizer o que ela gostaria de fazê-lo pessoalmente, se fosse do teu merecimento... Note bem, se fosse do teu merecimento.

Estacou, deu tempo a um pouco de imaginação e depois falou, com brandura:

– Irmão, ninguém está aqui para condenar, que isso cumpre a cada um de per si, através das próprias obras, quando são más. Aqui estamos, em função cristã, para ministrar ensinamentos e consolar aflitos... Somos a Igreja do Cristo em exação, cumprindo a sua função, esclarecendo, incentivando, observando; mas, como todos estamos ligados ao plano inferior, de onde vimos emergindo, subindo, cumpre-nos manter alerta a inteligência, e de prontidão as forças do coração, a fim de vencer no presente as faltas do passado, tanto quanto nos seja possível.

Fez um largo gesto, abrindo os braços da jovem médium, para invocar:

– Senhor Deus! Livra-os de todas as tentações!

E vagando a voz trêmula sobre a pequena ambiência:

– Amigos! Tende cuidado com as vossas mesmas obras!...

E falando a Sameiro:

– Aguarda um sonho feliz. Há de ver sua mãe, como não? Entretanto, para que estejas bem contigo próprio, mantendo o plano mental alerta, procura ler assuntos de ordem espiritual. Cultiva o

bom pensar, o bom sentir, para que possas agir segundo a Lei! Eu me vou, por ora, deixando aqui as palavras de tua mãe. O que disse foi de seu gosto e intenção. Não a esqueças!... Isto digo a todos, pois a ninguém é dado olvidar os seus ditos mortos! Porque a *vida continua* e os sentimentos crescem!... Os vossos mortos estão ao vosso lado!...

Ao deixar a jovem, deixou uma lágrima em cada face. O mundo terreno estava opaco, mas o nosso lado brilhava, fulgurava. A vasta assembléia fremia.

– Eu não sabia do caso Sameiro, de ser assim tão próximo a si – disse eu.

Explicou-me Abel:

– O mundo prepara-se a um *renovo tremendo*. E nós estamos focalizando os grandes inimigos do Cristo. Pelo menos aqueles que o foram no curso da história, para que tenham a sua oportunidade, *caso desejem*... Não forçamos além do que a Lei garante e autoriza; mas visamos o *surto mediúnico que está por eclodir*, conclamando a Humanidade ao melhor de seus deveres. O primeiro ciclo do Cristianismo está no fim, *os abalos serão de ordem universal* e todos os esforços serão poucos, a fim de que se mantenha o melhor equilíbrio moral e social. Que seria de um *tempo convulsivo*, se não surgissem os *arautos* do Senhor, mantendo *acesa a tocha da espiritualidade*? E é para que se convertam em *tochas* da fé, que apelamos aos inimigos de ontem... *Servindo, serão servidos*, como é da Lei. Apenas isso.

– Interessante, sob todos os pontos de vista. Mas, que poderá fazer Sameiro, sendo como é, um aleijão?

Fez afirmação com a cabeça, emendando:

– Amanhã não o será. Ele voltará à Terra *no fim do século vinte, quando haverá grande necessidade no mundo*, por causa do que *está para acontecer*. Não lhe digo mais, por não me ser permitido, e por estar, em parte, sujeito ao *livre alvedrio humano, precipitar, retardar* ou mesmo *eliminar a catástrofe*. Oxalá tenham os condutores de povos um bom critério. Mas, pelo que se vê, tudo está decidido e pronto, *embora nas preliminares*... A prosseguir nessa linha, não haverá como ser de outro modo. E nós, como sabe, *não podemos ficar de braços cruzados*. Temos *obrigação de manter acesa a lâmpada espiritual, custe o que custar*. Respeitável é o patrimônio histórico-religioso, para que se esfacle em frente ao *animalismo que avança pela seara humana*. Temos de opor *barreira*, é claro. E a nossa barreira é a *Revelação*, é o Batismo de Espírito, que *ressurge no mundo na hora exata*, a fim de coibir os maiores abusos. Por haver responsáveis, que caro pagarão, nem por isso os simples e os humildes terão que ser transformados em servidores da brutalidade, da negação e do aviltamento íntimo.

Terminada a sessão, partimos.

Glicério e Nina marchavam no rumo de realizações felizes, embora lentamente. O trabalho que lhes competia, como incipientes, era *fazer preces*. Por estranho que lhes pareça, os *pobres de espírito* têm grande necessidade desse contributivo. *Não dispondo de outros recursos*, e sendo grandes lesados em fé, acompanham caravanas serviçais, grupos socorristas, e funcionam como funcionários da oração.

Não pensem que sejam necessários, pois *vale mais o relance mental* de um Abel, do que um mês inteiro de *orações* partidas de criaturas como Glicério e Nina. Em verdade, vale para eles, que vão observando os trabalhos, aprendendo, e acima de tudo tecendo a coroa mental. Ninguém chega a ter o seu centro mental intenso, potente, vibrátil, e a sua aura elástica, fuzilante, sem o concurso dos mais firmes e contínuos preparativos. Quem muito negou, quase sempre começa pelo muito afirmar. E afirmar pelo princípio ativo, jogando com a *força do pensamento*, projetando ondas, embora de maneira inferior.

Foi assim que os dois começaram, subindo na escala dos poderes mui vagarosamente, até o dia em que começaram a trabalhar, dando de si iniciativas interessantes, encaminhando irmãos, doutrinando, isto é, fazendo aquela parte da doutrina do Cristo que não cumpre ser feita pelos de mais alta postura hierárquica. E por que deveria ser diferente? Qual a razão de não haver condições de serviço aos mais bisonhos elementos? Então, os que mais necessitam deviam ter menos oportunidades? Tudo, entretanto, é por **ordem!** Tão vasta é a seara, e tantos serviços há de mister, dos mais variantes gêneros e graus, que todos podem trabalhar, servir e ser servidos!

Quando os dois estavam aptos, fomos buscar o irmão Castro, o segundo marido de Nina, que lá se achava, ainda, encafuado naquela casa infernal.

Ao ver-nos, bradou:

– Graças a Deus! Graças a Deus!...

Nina fez-lhe sinal de paciência, de calma, pelo que ele, entendendo mal, julgou ter que aguardar mais tempo, exclamando em tom de lástima:

– Pelo amor de Deus!... Não, não!... Levem-me, tirem-me daqui!...

Glicério falou-lhe, então, acalmando-o:

– Deixe-se de sustos, homem, que viemos buscá-lo. Tenha calma, apenas, que de muito equilíbrio mental tem necessidade.

– Tenho rogado tanto! Tanto!... – bramiu Castro, esfregando as mãos.

Nina fez surtir resmungo incompreensível, pelo que ele indagou:

– Que foi? Que disse?

Abanando a cabeça, comentou ela:

– Eu pensei alto, apenas, meu querido. Pensei no *desserviço* que a *negação* faz, principalmente quando unvida de tamanha prodigalidade econômica. Fomos *tão ricos* e tão vastamente cheios de liberdade!... Tudo serviu, por falta de melhor compreensão, para enlamear a alma... *A culpa não foi da fortuna*, foi antes da tremenda ignorância religiosa. Rogar, rogar, rogar... Como se roga melhor? Haveria melhor rogo do que a *decência de conduta*, para com Deus e o próximo?

Num esgar patético, quase cômico, Castro atalhou:

– Mas, filha, depois de estar perdido?!... Como fazer de outro modo?!... A falta de razão faz a gente apelar para o que tem!... Eu só podia...

Sabino, entredentes, entreteceu:

– Sempre a mesma história, hein? Quem não cuida antes, faz caretas depois.

Castro fitou-o com amargura, balbuciando:

– Se você teve mais sorte, não se ria de mim...

Deu-se pressa o companheiro, atenuando:

– Eu? Eu tive mais sorte? Não! Também peguei o meu bocado...

Castro fez melhor semblante, indagando:

– Também foi rico?

Sabino explicou-lhe:

– **Nenhum caráter se faz de uma vez.** Temos tido **miríades de vidas.** E temos sido um pouco de tudo, compreende? Fui soldado e sacerdote vezes a fio...

– Sacerdote?!... – admirou-se Castro, interrompendo-o.

– E que tem isso?

– Mas sacerdotes também penam assim? – voltou Castro, boquiaberto.

– Ontem mesmo socorremos um. E olhe que estava bem mal! Por que pensa desse modo, irmão Castro?

– Eu fazia outro juízo... – disse Castro.

– O bom juízo, Castro, é constituído pela tríade infalível – fé, amor e ciência, mas em bases práticas. *Ter religião*, em certos casos, equivale a ter *um bom emprego*, apenas. Ganhar a vida material, ser respeitado pelo mundo, e fazer coisas que a Lei de Deus condena, isso não é religião, não é sacerdócio. Veja lá, procure não tomar a nuvem por Juno... Comece por saber isto – a Lei não é sectária, não se ilude com formas e pré-formas. Quem tem mais fé, mas que a tenha de fato, não em aparência de culto, que faça melhores *obras de amor*. *Jesus*, você deve ter ouvido falar Nele, não se fechou em copas de fé passiva, mas sim *fulgurou em obras*, indo ao encontro das misérias humanas, levando a palavra verdadeira, curando, expelindo os maus espíritos, encravando-se num lenho...

Estacou, olhou para Castro, e com voz sumida confessou:

– E nós temos explorado o Cristo... Uns dão exemplos, outros se refestelam e se fazem daninhos às boas causas! Demais, tenho lido, e você irá ler, certificando-se de que o Cristo não pensou jamais em clerezia alguma. Sua função era a de Batizar no Espírito, conferir liberdade universal ao culto da *Revelação*. Os Apóstolos não foram clérigos, e sim homens conscientes do Batismo de Espírito. O modo de culto, como ensina a primeira carta aos Coríntios, capítulo quatorze, testemunha assim. Os cleros surgiram mais tarde, como corrupções que deviam vir, e tiveram início no quarto século.

Castro avançou:

– Então foi bom eu não ter sido católico!

– Mas não foi bom ser ateu e deixar de fazer o bem. *Erro não justifica erro*, em hipótese alguma.

Castro reparou-se:

– Isso mesmo. Costumam dizer que o *erro* se combate com o *acerto*. Mas, sabe o que acontece?...

Antes que ele falasse, Nina avançou:

– Ora! Ora! Se sabemos! Então, cidadãos deste **mundinho inferior**, chaguento, cheio de lepra espiritual, não sabe como acontece? Vamos em busca de todos quantos pretextos sejam possíveis, erramos, arranjamos trevas a valer, chafurdamos nos infernos e depois apresentamos as razões!... Quais as razões? É que haverá sempre alguém a quem se possa culpar. Nunca somos ou

pretendemos ser os responsáveis diretos, aqueles que tomaram iniciativas indecentes. Fazemos tudo para aumentar os erros, provocar maiores males, virar a humanidade de pernas para o ar. Depois, então, surgem os culpados... São sempre os outros!

Quase sorrindo, disse Castro:

– Sabe que me sinto muito melhor?! A conversa faz-me bem!

Aconselhei-o:

– Então, ponha-se de pé, levante-se.

Encarou-me com ar de rogo, indagando:

– E poderei? O *reumatismo* tomou conta de mim... *depois de morto!* O reumatismo e outros males... Estou arruinado, entrevado...

– Nenhum aleijume está no espírito propriamente dito; por isso, todos os males são curáveis. Como a sua hora chegou, faça o esforço possível.

– Vão auxiliar-me?

– Temos a obrigação de fazê-lo. Já disse, chegou a sua hora. E isso quer dizer que a Lei começa a ser favorável a si.

Mostrou-se alegre, inquirindo:

– Não devo dar graças a Deus?

Expliquei-lhe:

– Nada há que por Deus não seja, pois tudo tem Nele origem. Devemos, porém, considerar **racionalmente** as Verdades Fundamentais e os fenômenos conseqüentes. A **Lei**, por exemplo, **é acionada por nós mesmos**. Está acima de cogitações para efeito de natureza e ordem; mas está ao serviço de nossas atuações para efeito de aplicação. Por ser assim, irmão Castro, **somos juízes em causa própria**. Lavrado o ato, lavrada a sentença! Somos artífices do **Céu** ou do **inferno**, temos para tanto poderes e direitos, elementos e liberdade. Portanto, se acha que deve dar graças a Deus, **faça-o de modo superior**.

– Como é isso? Eu não entendo.

– Devemos *errar o menos possível*, procurando *sofrer o mínimo*. Se dá graças a Deus por ter melhorado à custa de sofrimentos, o que comprova erros a valer, como não será muito mais nobre agir com inteligência e amor, conseguindo glórias de que não pode fazer idéia? Render graças, amigo Castro, deve ser em base de ações superiores. Vamos tratar de escorraçar de nós esses *vícios supersticiosos*. Tenho certeza, por ter visto e aprendido nestas plagas, que Deus não pediu jamais essa e outras marcas de adoração. Convém não confundir entre os erros humanos e a Sabedoria Divina. Se quisermos pensar de modo supersticioso e rampeiro, não metamos Deus em semelhante atitude.

– Eu pensei!... – ia dizer ele.

Sabino falou por mim:

– Você pensou? Ora! Muita gente pensa que pensa... Fazemos coisas ridículas e convidamos Deus a servir de padrinho, isso sim. Você terá que aprender coisas novas, *verdades melhores*, enfim, modificar o... o bestunto, sabe? Não pense mal de mim, pois gosto de brincar e de ser franco. Por isso é que digo o que digo... A humanidade faz das suas *e quer Deus como parceiro!*

Meio atônito, Castro indagou:

– Então, aqui as coisas são diferentes, hein!?

Sabino ensinou-o:

– São e não são... Depende do plano astral, da hierarquia, entende?

– Não entendo; quero entender. Como poderia entender?! Não vê?...

Houve risos, depois do que Sabino falou-lhe:

– Vou dar-lhe a ler um livro. Não estranhe, um livro. Nós temos aqui *de tudo*, países, regiões, cidades, fábricas, universidades, hospitais, etc. Nos planos inferiores, embora de paz, cada um faz o que pode, dá o que tem para dar. Isso, amigo, quer dizer o seguinte – quem quiser ir para diante, sem desprezar o que está para trás, deve procurar ir para diante! Entendeu?

Castro permaneceu cismático, pelo que Sabino prosseguiu:

– Não, ainda não entendeu. Também custei para entender... Mas, olhe lá. Temos *variantes Céus*, isto é, *zonas celestiais superpostas*, compreende? Quanto mais para fora da crosta, mais divinais; quanto mais próximas da crosta, mais grosseiras. Sem ser más, ou infernais, são rampeiras, são animalizadas. Os que vivem nas zonas inferiores, são inferiores, *salvo alguns servidores, alguns missionários*. E, como pode imaginar, cada qual dá o que tem. É difícil de entender, agora?

Castro fez sinal que sim, com a cabeça, dizendo:

– Sim, entendo um pouco. Quer dizer que há lugares, onde os espíritos são de boa vontade, mas pouco evoluídos, portando-se como *sabem e podem*?

– Exatamente! E, normalmente, quem pode dar o que não tem? A criatura começa idólatra, não pode ser de menos, em matéria religiosa. Para o espírito inferior, seja como for, Deus só pode ser respeitado através de superstições, de modos grosseiros, de formalismos. E os cleros **exploram** a ignorância das criaturas em benefício próprio. Impõem rituais, fazem crer em paramentos, infundem o erro e seus elementos dizem-se santos... Imagine só! Mentem, fraudam, burlam, fazem cometer asneiras e dizem-se santos!... E como a ignorância faz a má regra, vá dizer a essa gente umas tantas coisas... Quem não é tolo, quem enxerga, esse é comparsa do diabo!... Você não sabe que *foram padres os que crucificaram a Jesus*?

A prosa iria muito além, por isso que Nina lembrou, interrompendo-o:

– Bem, vamos ver se ele consegue levantar-se? Afinal, sem evolução ninguém se faz melhor religioso. E, convenhamos, *evolução* não se compra em bazares. *Custa esforços*, vidas e vidas a fio, bem vividas.

Castro olhou-me, rogativo, de novo indagando:

– Será que consigo?

Sabino tornou à fala, a seu modo:

– Você não conseguiu errar e ficar todo torto?... Deve conseguir acertar e pôr-se direito! Ora, vamos, tente... Isso... Mais um esforçozinho...

Castro ficou de pé, mas recurvado, caricato. Sabino pilheriou:

– Vê se endireita, homem! Está parecendo um anzol... Sabe o que é anzol?

Castro lançou-lhe esquisito olhar, sorriu entredentes, resmungando:

– Quem não sabe o que é um anzol? Não fale muito, que as coisas mudam! Ou você pensa que é algum anjinho?

Sabino reclamou, amuado:

– Não sou ruim, não falei por mal. É jeito de falar.

Castro redargüiu, empertigado:

– Sei disso. Mas gosta de pilheriar com o mal dos outros, não gosta? Se você estivesse torto, como anzol ou coisa que o valha, gostaria de ser ridicularizado? É assim, tal como disse – cada qual dá o que tem...

Chamei-os ao bom trato e reclamei atenção. A hora estava vencida, *tínhamos de partir*. E, graças ao esforço geral, encetamos a feliz caminhada, *éter afora*.

Uma vez domiciliado Castro em *hospital*, onde seria submetido a tratamento apropriado, fomos atender chamado urgente, partido de Abel.

– Trata-se – disse ele – de serviço ordinário, mas que se apresenta em caráter especial. Glicério e Nina devem servir, pois se lhes apresenta oportunidade apreciável.

Como lhe fitassem admirados o semblante sereno e feliz, apressou-se em dizer:

– Devemos retirar um espírito. Como, porém, a pessoa visada está muito enfraquecida, e sucumbiria sem o amparo estranho, resolvi atribuir a vocês dois a obra de apoio.

Percebendo que nada entendiam, explicou:

– Já deve ter aprendido, que do ponto de vista vivencial ou vibrátil, um espírito é sempre um poder, é sempre vida. Com isso, embora seja pernicioso, tem alguma coisa a dar. É o que tem ocorrido, no caso em vista; estando a prejudicar, nem por isso deixa de oferecer elementos de vida. Como, no entanto, chegou a hora de nossa intervenção, e não deve o paciente desencarnar ainda, temos que oferecer a compensação. *Retiraremos o espírito doentio* e inconsciente e ofereceremos o apoio que virá faltar ao encarnado, cujo estado físico é precário, cuja vida correria risco, sem a compensação devida. Glicério e Nina, que se acham regularmente adestrados na arte de pensar e oferecer vibrações, vão revezar atividades junto ao velhinho em vista. É serviço de alguns dias, além do que, a seguir, outras vantagens não de obter. Mas, por ora, fiquemos nisto.

Deu-me o documento e ordenou-me agir. Falo em documento a rigor, pois sendo a ordem de serviço, vale para todos os efeitos; conto os meus pontos, que, somados, representarão regalias, etc.

– Vamos ao velhinho – convidei.

Uma vez chegados ao local, demos com o velhinho acamado, respirando com dificuldade, verdadeiro suporte de uma entidade feminina; esta, em sua debilidade extrema, tendo em mente a morte próxima, suspirava continuamente:

– Meu Deus!... Ai que morro!...

E o velhinho, vazando aquelas impressões, repetia, em tom de tristeza:

– Meu Deus!... Ai que morro!...

Passados alguns segundos, completava:

– Senhor!... Tira-me do mundo... Piedade, Senhor!...

Frente a isso, Sabino comentou:

– Estão vendo? Todos falam no Senhor... Mas, quem está de fato com o...

Reparando que Glicério lhe lançava olhar observador, estacou, mediu a situação e, empertigando-se, esbravejou:

– Senhores! Desde quando é proibido ser sincero? Ninguém quer ser ignorante, ninguém deseja ser hipócrita, todos querem ser superiores! Mas, vejam onde as coisas param... Essa gente fala em Deus, suspira, geme, evoca. No entanto, o que se vê? Onde estão os *méritos*? Ou será que a Lei anda às tontas?

Glicério estranhou:

– Eu falei alguma coisa? Alguém disse pio? Você está criando complexo, de tanto falar dos outros, de tanto criticar! É a consciência que se levanta contra o raciocínio, sabendo que há mouros na costa...

Chamei-os à ordem e mandei retirar a entidade sofredora, o que foi questão de segundos, pois estávamos autorizados. O velhinho ressentiu-se imediatamente, fez caretas, passou a gemer e a se lastimar com frequência. É que, inconscientemente sentia falta daquela companhia, com a qual se havia identificado, embora fosse o motivo de sua tremenda debilidade. Ela o *vampirizava*.

Instrui os dois:

– Agora, que está só, necessitará de apoio por alguns dias. Vocês dois farão o serviço de compensação, revezando-se mutuamente, enquanto alimentos fortes e medicamentos apropriados consigam repor as forças. O processo, já o sabe – é projetar elementos de força, seja pelo **pensamento**, seja pelo simples **impor de mãos**. Demais, compreendem, se um sofredor dessa monta pode agir, quanto mais quem deseja e possa fazer o bem. Deixo-os, portanto, entregue ao caso.

Nina e Glicério tomaram-se de grande alegria, incumbidos daquela função humanitária. Afinal, tinham inteira liberdade acional, pois eram livres para trocar de horário e método de ação. Bastava-lhes agir, isso era o suficiente.

Partimos, então, eu, Sabino e a velhinha sofredora. Ela estava indicada a uma casa de recuperação, num plano bem inferior, bem perto da crosta. Seria submetida a tratamento geral, do *corpo astral* e do *intelecto*.

Durante um lapso havido, Sabino inquiriu-a, meio empertigado:

– Quando desencarnou e como, irmã?

Falando sumidamente, respondeu:

– Não sei... Não tive a menor... Menor idéia... Só tenho fra... Fraqueza...

– Sua religião? Tinha religião?

A velhinha fez uma careta de reprovação, resmungando:

– E... E não devia... Devia ter?!...

Triunfal, Sabino retornou:

– Devia, não é? No entanto, cadê a paz? Onde está a prova do merecimento?

A velhinha fez o sinal característico de quem não sabe.

Sabino comentou, irônico:

– Sempre a mesma toada! Sobram religiões e faltam valores espirituais! Eu não digo que a Terra, humanamente falando, está fora de esquadro? Religião é o disfarce, e a máscara. Tendo religião, a criatura pode ser hipócrita, tem o direito de ser desumana, algoz...

– Credo!... Que... Horror!... – exclamou a velhinha, olhando-o com desprezo.

Sabino emendou, sarcástico:

– Horror? Muito mal! Horrível, isso sim, pois ter religião só para efeito de fachada é horrível!

Sabino havia se tornado melhor, com a visão retrospectiva; não era mais capaz de impulsos raivosos; mas continuava com o seu caráter criticista, irônico, ridicularista e zombeteiro. Sabemos, perfeitamente, que um caráter não se modifica de uma hora para outra, muitas vezes em séculos até. No entanto, falei-lhes, reclamando um pouco mais de *tolerância* para com os erros e lesões características, havendo ele redargüido:

– Concordo, concordo. Mas é preciso mudar alguma coisa, talvez muita coisa. A humanidade continua falando em Deus e fazendo obra de negação espiritual. Vá lá que tenha sido sempre assim; mas, não deve mudar, um dia?

E reportou-se a casos evidentemente chocantes:

– Há três dias fomos buscar aquela senhora, lembra-se? Andara pela vida *procurando passes espíritas, água fluida, sessões interesseiras*, etc. E desencarnou *sem valor, verdadeira toupeira espiritual!* Ontem, à noite, fomos recolher aquele *evangelista*, depois de seis anos e meio de

arrastamento pelas ruas da Terra; o que tinha era crença em *diabos* e práticas *maldizentes*. Um foco de superstições em nome do Cristo, de *Bíblia em punho*! Uma verdadeira aberração!

Apontou para a velhinha, acusando, embora evidenciando piedade:

– Veja isso... Com o seu catolicismo de fancaria...

Lançando-lhe tempestivo olhar, indagou-lhe a velhinha:

– Fanca... Fancaria!... Que é isso?!...

Sentencioso, explicou, a modo de quem de fato pode sentenciar:

– Mal feito, rampeiro, errado. Eu digo estulto, é mais certo.

Embora deitada, apenas com a cabeça levemente erguida, a velhinha hirtou-se o que pode, consultando-o:

– O senhor... Diga, foi re... religioso?

– Claro! Falo com inteireza de conhecimento. Fui soldado e clérigo, várias vezes, tendo cometido tremendas faltas. Sei o que digo, irmã.

Ela o verberou, raivosa:

– Não sabe o que... O que faz!... Bruto!...

Em face de tais acontecimentos, *mandei-o de volta*, incumbindo-o de mandar vir outro servidor, qualquer que fosse, conquanto mais *dócil* e *ponderado*. Sabino saiu, endereçando à velhinha olhar bastante recriminador.

– Perdão!... – gemeu ela, a seguir, tendo-se arrependido.

Falei-lhe, como julguei dever fazê-lo:

– Débora, o mundo espiritual é constituído de variantes escalas, de Céus superpostos. Há lugar para todos, mas cada qual é como é. Não se modifica um caráter de hoje para amanhã... E o nosso amigo Sabino é um bom, a seu modo, como sabe, como pode, como faz. Devemos auxiliá-lo...

– Auxiliá-lo! – admirou-se ela.

– Sim, dar-lhe o de que carece.

– Mas, senhor... Não é santo?!

– Para nós não há santos, como pensa. Há os mais e os menos sublimados, nada mais. E nas esferas inferiores há os mais e os menos trevosos. Mas, vamos ao caso – Sabino saiu há pouco das trevas... Estava pior do que você, minha velhinha. E tem suas razões para dizer o que diz... As religiões invertem os termos, fazem crer nas *artimanhas* de homens e *desviam* a criatura das verdades *simples* e *imorredouras*. Sabino, criticando, nada mais faz do que criticar-se, Débora.

Lagrimando, rogou a velhinha:

– Pelo amor... Pelo amor de Deus... Vá buscá-lo... Quero pedir per... perdão...

– Isso, Débora, é cristianismo... Seja sempre assim, ouviu? Entretanto, saiba, iremos deixá-lo afastado por alguns dias. E vai fazer de conta que está bastante magoada, entende? Precisamos ensiná-lo, também, e com isso irá ter oportunidade feliz de considerar o modo de proceder, de agir para com os outros. Podemos pensar e sentir de modo todo pessoal, mas devemos respeitar os sentimentos alheios, as concepções e as tendências, até que não firam outros tantos direitos, até que sejam respeitáveis, e, acima de tudo, até que possam ser modificados para melhor. Se Deus não age como déspota, por que devemos sê-lo? Se a Lei facilita a *evolução lenta*, e nem poderia ser de outro modo, por que vamos querer criar casos?

– Sim, compreendo... Ensinar, mas, tolerando, amando... Todos começamos... Errados... *Começamos ignorantes*...

– Justamente, Débora. Temos o Céu, no íntimo, em estado potencial. *Céu quer dizer toda a Pureza e toda a Sabedoria*. Pense em Jesus, que para isso veio, para servir de Modelo. Mas, quanto

custou a Ele, para chegar a tal grau evolutivo? E como poderemos ser tão exigentes para com os nossos irmãos, se não o somos para nós mesmos? Antes de incriminar os outros, por que não darmos jeito na própria ignorância? Se julgamos os outros, pela falta de melhores valores, por que não corrigimos os nossos hábitos grosseiros?

– Exato... Exato, senhor. Eu me arrependo... Mas, farei... Farei como disse.

Naquele momento chegou Maude, a nova servente, a que viera em substituição de Sabino. Maude era alta, muito alta, loira e bastante voluntariosa. O semblante definia-a, num misto de meiguice e firmeza, vontade e candura, amor e decisão. Um espírito de mais alto, servindo nos planos inferiores, a fim de forçar avançamentos delineados e aprovados nas instâncias superiores. Débora sentiu-lhe os valores, fez um gesto de reverência, sorriu e ofereceu-se.

Maude instruiu-a:

– Realmente, vai muito bem, querida irmã. Reconheço três fatores básicos, que são – Deus, nós e o próximo. **Quando nos afastamos do próximo nos afastamos de Deus.** Sim, é impossível servir a Deus quando se despreza o próximo. Portanto, se deseja ser útil, como diz, começa bem, está na reta celestial.

A seguir, perguntou-me:

– Que aguarda?

– Nada, Maude. Fiz questão de parar aqui, para conversar um pouco. Sabino teve conversa menos jeitosa, pelo que mandei-o de volta. Entretanto, Débora está a par do que lhe ocorre, desejando perdoá-lo. Já lhe disse, também, como deve agir, a fim de servir como lição ao nosso companheiro.

– De onde veio? – quis Maude saber.

– Estava na crosta, encostada a um irmão, por quem apelaram num Centro Espírita. Abel tomou as providências devidas, para ambos, o irmão encarnado e esta nossa querida velhinha. Glicério e Nina lá ficaram, para compensar *a companhia e a falta de apoio vibratório*. Sabe, perfeitamente, como se passam tais fenômenos.

Maude avançou:

– Sei. Permutavam-se bens e males, defeitos e virtudes, prejuízos e vantagens. Quando não prevalecem dissensões e ódios, o mal não é completo, até surtem vantagens relativas, pois começam assim algumas simpatias que se prolongam pelas vidas e se multiplicam encantadoramente. Sentimentos desculpados e reparadores afloram, forçam reencontros, criam amizades, geram serviços...

Débora, que a fitava, encantada, balbuciou:

– Que maravilha! Como Deus... É bom... É bom...

Maude abaixou-se, acariciou-lhe as faces, beijou-a. A velhinha derramou lágrimas de contentamento. Pouco depois, entregando-a aos serviços da casa recuperadora, ficamos de í-la buscar, assim que estivesse pronta a iniciar estudos e serviços preliminares.

Retornando à base de serviços, o centro de onde partiam as ordens, fomos encontrar Abel bastante atarefado; dentre os muitos serviços, contava-se um que me dizia respeito, por dizer respeito ao grupo de pessoas a que me achava relacionado.

Chegada a minha vez de ser atendido, depois de prestar contas do serviço feito, disse-me Abel:

– Lira, temos pela frente um bom trabalho. Estamos para estabelecer novos locais de serviço, na crosta, e nos círculos onde se darão, futuramente, reencarnações que lhes dizem respeito. Aquele irmão atendido hoje, Siciliano, junto de quem deixamos Glicério e Nina, é avô da jovem com quem se irá casar um neto de Nina. Foi por intermédio dessa jovem que surgiu a idéia de pedir por ele num Centro Espírita. E será por ela que havemos de penetrar em toda a família, pois está fadada a ser um *bom veículo da Verdade*. Por ora, saiba apenas isto – importa que esteja sempre por lá, que faça o possível por tudo quanto seja permitido. Os dois que lá ficaram, para servir, irão obter vantagens, serão dentro em pouco os mais beneficiados. Irão reconhecer os seus descendentes, pois os filhos de Nina e Castro, todos eles serão chamados pelo Senhor. O programa é vasto, como profunda é a *linhagem* que a todos nos une. Em face do Consolador, que se restabelece no mundo, muitos espíritos culposos encontrarão elementos de reparação final, a fim de terem oportunidades melhores no porvir. É de seu conhecimento, que certos débitos constituem embargos a melhores realizações. Estamos, portanto, em tempo de belas preparações.

– De minha parte, irmão Abel, rendo graças ao Emanador, estendendo-as a si, de cujos serviços intermediários muito temos obtido.

Embutido em sua absorvente simplicidade, respondeu-me:

– Como servo da Lei e amigo, tenho servido e procurarei servir. Faço questão de salientar o seguinte – a Lei a todos vige! A lição do Cristo fundamenta-se no respeito à Lei. O Consolador, que é o Batismo de Espírito, tem por finalidade testemunhar essa verdade, conferindo elementos de informação, repetindo, inculcando a necessidade inadiável e intransferível de observar a melhor conduta. Portanto, quando a tormenta e a dificuldade pesarem sobre os indivíduos, não é que a nossa atenção pessoal não tenha vigorado; é que não fizeram jus perante a Lei, é que movimentaram contra si a Justiça, por terem obrado a iniquidade. Contem, por isso, com a nossa ajuda; mas não se esqueçam de que tem *no íntimo o fiel da balança...* Quando a criatura se indis põe com a Lei, *só recuperará* as liberdades e as garantias de progresso, depois de se consertar com a Lei!

Fitou-me com ternura paternal, completando:

– Grande amor nutrimos por todas as criaturas; porém, todo o respeito devemos à Lei, por ser igual para todos, por constituir a Soberana Vontade de Deus. É do meu conhecimento, caro irmão, que muitos de vocês, implicados na obra do Cristo, no curso dos tempos, reclamam contra uns e outros, criticam, agem com menos fraternidade, como no caso de Sabino, por exemplo. No entanto, saiba, Débora tem-lhe grandes créditos, pois foi ele mesmo, em certa vida, que mais a fez errar, chegando a ponto de forçá-la a seiviciar e matar, se não quisesse morrer...

Interrompi-o:

– Para evitar outros males, mandei-o de volta. Débora ressentiu-se muito com o comportamento de Sabino, mas a seguir arrependeu-se, e deseja falar-lhe, para auxiliá-lo. Eu não sabia desse particular, mas fi-la conhecer alguma coisa sobre ele.

Abel prosseguiu:

– Eu sei. Estive por lá, ocultamente. Aqui, a seguir, conversei com ele, fi-lo compreender o que há entre eles e mandei-o passar o dia nas montanhas... Vai meditar, lagrimar, *sentir amor...* Quando

se pode, é melhor *ensinar* do que *punir*. E Sabino é digno de atenções, apesar de seus muitos pequeninos defeitos. Todavia, para quem veio de tão baixo, sofrendo ainda recalques a valer, já é bastante que se dedique a compreender e sentir, quando se lhe fala. Afinal, não se pode mudar um caráter de um dia para outro... Tenhamos paciência, saibamos harmonizar entre a Lei e os errados, da melhor forma.

Cessada a fala, enviou-me:

– Vá, Lira, e acompanhe aqueles dois. Quando quiser, faça-se *invisível* para com eles, a fim de melhor poder agir.

Agradei, pois até então não tinha autorização para tanto, a respeito de espíritos conscientes e servos do bem. Só podia agir como invisível para com elementos inconscientes e maldosos. Parti, conseqüentemente, satisfeito com a *promoção recebida*.

Ao chegar, invisivelmente, encontrei-os a orar, com as mãos sobre a cabeça de Siciliano. Este sentindo aquele bem estar estranho e indefinível, chamou a filha e anunciou-lhe:

– Zulmira, alguma coisa se está passando! Vou sarar ou morrer... Sinto estranho bem estar, confortável estado de alma... Por vezes até sinto cheiro agradável, cheiro de Céu... Você acredita, minha filha?

Presa de contentamento, a bem aureolada senhora respondeu-lhe:

– No Centro estão fazendo preces por nós todos. Deve ser isso.

Meditativo, Siciliano murmurou:

– Acho que é bom crer em Deus... Deve haver um Deus...

A filha revidou-lhe:

– Embora nesta casa a descrença tenha sido regra comum, eu sempre tive a minha fé, papai. O Universo Infinito não foi criado pelos homens... Uns negam, outros afirmam, outros explicam a seu modo. Entretanto, nenhum homem tem autoridade sobre as leis que regem o Universo... Já viu o Atlas Universal da Glorinha?

– Não, filha. Por quê?

– O senhor tem que ver como é grande o Universo!... Milhões de mundos! E quem fez tudo isso? Os que negam a existência de um Deus?!...

O velho sentiu a reprimenda, alegando:

– Muita gente acredita num Deus, minha filha, que pode ser tudo, menos Deus. É isso que estraga o mundo! Sabemos que há um Princípio, uma Origem...

Glorinha entrou, encheu o recinto com a sua triunfal juventude, pondo termo à conversação.

Fiz-me visível, com o que alegrei meus dois amigos. Relatei-lhes a promoção e recebi seus cumprimentos. Enquanto o avô trocava idéias com a neta, sobre questões espíritas, Zulmira orava o seu Pai Nosso, e o fazia com tanta certeza de estar sendo atendida pelo Céu, que o ambiente se iluminou.

– Que beleza! – exclamou Nina.

– É a prece feita em condições! – afirmou Glicério.

Nina volveu, amargurada:

– E dizer que se perde tanto tempo no mundo!... Que se empregam esforços para tudo quanto é *inferior*, mundano, até criminoso, e não se encontra tempo para fazer uma prece, estabelecer contato com o Céu!...

Glorinha avisou o avô:

– Vou trazer meu noivo e quero vê-lo sorrir, falar, discutir, ouviu? Fraqueza não existe mais! Até logo, volto dentro de uma hora.

Glicério observou, pensativo:

– É muito cedo para sorrir, falar e discutir, não acha?

Tive imenso prazer em anunciar-lhes:

– Entenda-se com o neto de Nina, procure compensar o esforço...

Nina interrompeu-me, deslumbrada:

– Meu neto? Essa jovem irá ser minha neta?!... Senhor, meus agradecimentos!

Glicério olhou-me, compreensivo, indagando:

– Quando aprenderemos a amar assim todas as criaturas? Estamos no mundo das verdades maiores e vivemos rentes ao chão... Pai, Mãe, filho, neto... A fraternidade espiritual, de cunho universal, cristã, onde está?

Nina encarou-o bem, franziu o cenho e afirmou:

– Eu ainda não sou um Jesus Cristo... Reconheço como deveria ser... Mas, que posso fazer? Sinto-me esposa, mãe, avó... Deus sabe como sou, não sabe?

Consolei-a:

– Não se apoquente. Deus sabe o que faz, e o que devemos querer, em tempos diferentes. Enquanto não puder **amar universalmente**, ame especificamente. Mas, prepare-se para os maiores amores, para o Grande Amor, de cuja altitude nos deu o Cristo o imortal exemplo.

Seus olhos estavam marejados. Era bem avó aquele espírito recém-vindo da tremenda rebordosa carnal. E quem pediria mais, a quem só menos pode dar? Bem sabemos o quanto é devido ativar medidas progressivas, *avançar, triunfar sobre a inferioridade*; mas, afinal, não são as *religiões* os instrumentos de *estagnação*, de *cristalização*? Os cleros, as organizações sacerdotais, não são os *sindicatos da atrofia espiritual*? Não tecem os seus ronceiros programas, fantasiados de rituais, sacramentos, liturgias, cultos, etc.? E que representa, em sã verdade, tudo isso que é de ordem *temporal e formal*?

Olhando-se de mais alto, *noventa por cento* daquilo que se diz *religião* nada mais é do que *fingimento*, do que aparência de culto, como já o profligava Pedro, naqueles tempos, assim como está contido no segundo capítulo de sua segunda Epístola, todo ele votado a ser advertência contra a corrupção que se levantaria, e que havia de se valer do seu próprio nome a fim de passar como verdade cristã, como doutrina do Senhor, embora sendo traição ao Batismo de Espírito, ao culto da Revelação. Porque, entendamos bem, **não se pode ser cristão sendo avesso à Revelação**, e Revelação cultivada na pauta decalagal, pois a Lei veio por intermédio da Revelação.

Somos forçados a dizer, entretanto, que nem toda a Revelação é cultivada nos moldes da Lei, havendo bastante mediocridade a passar como verdadeiro culto revelacionista. Se a ordem comum é para a frente e para o alto, isso nem sempre é observado, havendo quem se compraza em *aprender de espíritos medíocres*, e até mesmo quem descambe aos mais horríveis tratos interplanos, levando a cabo atividades comprometedoras. *Há falta de conhecimento, havendo falta de espírito crítico*, da parte de elevado número dos que praticam a Revelação. Esquecem, estes tais, por falência de conhecimentos, a divisa do Cristo:

"Amar a Deus com toda a força do coração e de toda a inteligência."

Isto para repousar o conceito na Autoridade máxima, aquela que, por ser derramadora do Espírito sobre a carne, viria a marcar para sempre a trilha da Verdade. Porque, de tal forma o culto da Ciência e do Amor constituem as bases da pura função religiosa, que Buda, séculos antes do Cristo já ensinava:

"A Ciência e o Amor são dois fatores básicos do Universo; enquanto não os adquirir, o ser está condenado a prosseguir na série das reencarnações terrestres."

Apontamos para o Buda, que viveu séculos antes de Jesus Cristo; mas poderíamos ir muito mais para trás, além de Crisna, que viveu mil e quinhentos anos antes, pois a doutrina védica contém os *mesmos ensinamentos*. Assim mesmo, conforme documentos aqui de nossas bibliotecas, muitos milênios antes, dezenas deles, enviados do Cristo Planetário já haviam falado a alguns

poucos homens, sobre as bases da Verdade, *revelações* que foram guardadas, *sigilosamente escondidas*, por receio de que se tornassem objeto de profanação.

Para término deste capítulo fica dito o seguinte – enquanto Jesus veio para servir de Modelo Divino, e viveu o culto da Lei e da Revelação, havendo estendido o direito de culto a toda a carne, pelo fenômeno do Pentecoste, muitos homens comprazem-se no *culto da corrupção*, simplesmente porque necessitam de satisfazer os interesses do bolso, do estômago, do orgulho, da ignorância, etc. etc. E disso há por toda parte infelizmente, havendo também, na seara do Consolador restaurado. Estes tais, convém assinalar, que fazem culto revelacionista com menos devotamento nos exemplos do Cristo, tanto mais serão responsáveis!

Estávamos em conversa, ativando elementos de reforço fluídico junto ao velho Siciliano, quando entrou recinto adentro um irmão destas plagas, e humildemente falou-nos:

– Bondosos irmãos. Sou consciente do meu estado e desejo ser útil. Entretanto, embora viva em orações, embora acompanhe meus parentes em seus cultos religiosos, nada me ocorre, não consigo melhora, ninguém me atende... Estando em frente a esta casa, vi-os entrar, e como noto haver em vocês outros qualquer coisa, um não sei quê de ordem superior, tomei a liberdade e penetrei neste recinto. Desejo ser útil, quero servir... Por que Deus não me ouve? Que faltas graves terei cometido? E, no caso, se as cometi, como deverei agir a fim de encontrar o caminho que tanto desejo?

– Onde tem residido? – perguntei-lhe.

– Na segunda casa ao lado. Sou conhecido de seus amigos desta casa, pois Siciliano foi ao enterramento de meu corpo. Também sou avô. Vivia com a filha caçula, quando me veio o mal que me obrigou a separar do corpo, datando daí a minha relativa tristeza. Digo relativa, porque sendo crente em Deus e estando em paz, muito já se tem. Perambulo às vezes por aí, entro nos lares amigos, converso com alguns, não consigo conversar com outros, e tenho visto coisas de amedrontar! Gente que eu julgava boa, que tinha crença, que fazia questão de ser respeitada... No entanto, amigos, estão bem mal! Bem mal!... De minha parte, já que nunca gostei de andar batendo a mão no peito para os outros verem, creio que estou muito bem. Só me resta ser atendido, guiado...

– Quando entrou no conhecimento de seu estado? – quis Nina saber.

– *Ao deixar o corpo...* No momento, tudo ficou claro, até brilhou um pouco, tendo eu visto o meu corpo inerte, largado, desgastado... Seguiu-se o enterramento, ocorrido entre preces e falatórios idiotas, protestos de amizade e insinuações cavilosas... Havia muitos mortos entre os acompanhantes, alguns conhecidos, outros desconhecidos, indivíduos sensatos e criaturas estultas... Cheguei a ter medo, cheguei a me sentir humilhado, pois alguns elementos vieram com as suas risadas cretinas, motejantes, dizendo palavras acintosas, provocando...

– Como agiu? – tornou a indagar Nina.

– Corri para junto de meus parentes. Eles sempre estavam melhor, porque oravam. Demais, não sei por que, estavam livres daqueles elementos. Parece que Deus os protegia, como não sei, mas sei que devia ser obra de Deus. Fiquei com eles, acompanhei-os, *assisti a missa do sétimo dia*, tenho vivido assim... Ninguém me diz palavra sobre que destino tomar, como agir. Por isso, oro como sei e posso e aguardo um fim... Terá um fim, não é?...

Disse-lhe, então:

– Sente-se nessa cadeira.

Estando sentado, recomendei-lhe:

– *Faça uma prece* pelo seu anjo de guarda.

Dirigi-me aos companheiros:

– Concentremos os pensamentos no seu anjo de guarda.

O efeito surtiu, apresentando-se um espírito bastante superiorizado, que nos disse:

– *Amadeu foi um bom*, mas teve lá o seu *orgulho*. Dizia entre outras coisas, que se deveria falar aos servos, falaria então ao Senhor. Julgava poder obter de Deus, sem a interferência dos semelhantes; e isso, convenhamos, por *vaidade*, por *se julgar independente*, acima da generalidade. Ora, na Ordem Divina, como sabeis, *tudo força ao entrosamento*, tudo obriga ao máximo de

harmonia. Ninguém se basta, seja no que for e para o que for! Portanto, quem despreza a **colaboração dos semelhantes**, claro que despreza a Deus.

Olhou para o seu tutelado, com infinito carinho, asseverando:

– Foste bom filho, bom marido e bom pai. Um pouco menos de orgulho e teria sido recolhido na hora da separação, porque também foste um bom cidadão do mundo, prezando a ordem e a paz, respeitando o direito alheio e procurando fazer o bem. Deixaste a carne em bom estado de paz, sem sofrimentos, mas algum tanto *abandonado*... Lembra-te, pois, que ninguém recebe coisa alguma diretamente de Deus, por ser de Sua Vontade que haja *solidariedade* entre as criaturas.

Amadeu falou, em tom de arrependimento:

– Deus me perdoe, então... Errei, reconheço o meu erro.

O espírito seu tutelar foi, abraçou-o, disse-lhe palavras de conforto, tendo-o convidado a partir com ele, a fim de ser encaminhado. Quando Amadeu nos enviou suas despedidas, o tutelar observou-o:

– Não só as despedidas, mas sim os devidos agradecimentos. Não pense que foi por acaso que eles o serviram, mas sim por determinação de mais alto... Você devia sentir o *abandono* e devia *pedir*. Pediu na hora a quem tinha para dar, ficando na obrigação de reconhecer nos servos a vigência da Soberana Vontade do Senhor.

Amadeu veio, abraçou-nos, prometeu-nos sempiterna amizade. Era mais um que aprendia as lições da Verdade através dos pequeninos itens da vida comum.

Peço inteligência para o seguinte – compreender a importância da *espontaneidade*, encarecer os merecimentos da *livre iniciativa*, sempre que se sente a possibilidade do ato de ser útil. Eu apenas tentei servir, sentindo que havia motivos e elementos para fazê-lo. Tudo aconteceu a favor, estivemos com a Lei, a ponto de, servindo, sermos servidos. Demos alguma coisa? Obtivemos alguma coisa? Claro é que sim. No entanto, saibam, a simples presença daquele tutelar e as suas palavras, unidas de marcante sublimidade, temperadas com os ardores envolventes de sua personalidade amorosa, foram para nós penhorosa oferta do Céu!

É assim, amigos, que o Senhor da Vida nos envolve com a Sua Lei. Quando *pensamos em dar, estamos recebendo*; quando nos fazemos cainhos, *retendo* oportunidades de agir bem, estamos *afugentando* as dádivas celestes, estamos obliterando as válvulas do amor e as vertentes da sabedoria.

E como não podia deixar de ser, após partirem, serviu-nos o assunto, aquele simples caso, do qual muitos proveitos obtiveram Glicério e Nina, cujas vidas valeram por verdadeiras obras de nulidade espiritual, cujas atividades, no mundo, constituíram simples armazenamento de agravos, embargos futuros, sem dúvida.

Glicério, que se mostrava sempre mais próximo das raízes concepcionais, deu evidente apoio às minhas conjeturas:

– Realmente, devemos discernir entre fazer e não fazer, e acima de tudo entre haver ou não espontaneidade ao ato de fazê-lo. Deve ser bastante meritório **tomar iniciativas**, levar a termo obras de amor, atingir o grau de **abnegação**, subir pela espiral divinizante da **renúncia**. Todavia, plumitivos não podem fazer tanto...

Naquela hora chegava Glorinha, trazendo seu noivo, de chofre consultando-o:

– Veja, Narciso! Vovô não está meio ressurgido?

Enquanto Narciso apresentava sua admirada apreciação, o velho murmurou:

– A outra metade não aconteceu, porque a velhice é ciosa de suas prerrogativas. No entanto, com apenas a metade, quero tentar levantar-me, assim que o Sol esquente um pouco o dia.

As últimas palavras do ancião deram de encontro com as primeiras do jovem, que lhe foram endereçadas:

– O senhor, então, é pela ação dos espíritos?

Siciliano avivou-se, lançou-lhe simpático olhar, afirmando:

– Rapaz, nunca se afaste de Deus! Casando com minha neta, encontrará nela, por índole, um espírito crente e confiante. Siga-lhe os passos, aproveite o ensejo, cresça nas virtudes do Céu. Eu me arrependo...

O jovem, que lhe absorvia as palavras, admirou-se da expressão:

– O senhor se arrepende!?

Glicério, que o atuava intensamente, sorriu, significando o efeito de sua atuação, enquanto Siciliano prosseguiu:

– Sim, eu me arrependo de ter sido *incrédulo*. Mesmo que não tivesse a certeza da ação espiritual, mesmo que não me compelissem a necessidade, eu me arrependeria...

O jovem interrompeu-o, sempre admirado:

– O senhor, então, fez marcha-a-ré?!

O ancião, tomado de forte impressão, deu novo curso à conversa:

– Bem, falemos de Glorinha, de si, pois o senhor admira-se com muita facilidade. Como vão os seus? E os negócios de seu irmão?

Narciso, meneando a cabeça, voltou atrás:

– Vovozinho, vamos prosseguir... Eu quero saber muitas coisas e devo sabê-las de si. O senhor era o fortão do ateísmo, o irredutível, como dizem os meus. A sua reviravolta será um estouro, vai escandalizar!

O velho peito arfava, sob o guante de tamanha impressão. Glicério convidou-me ao serviço de auxílio, prevendo alongar-se a discussão. Eu decidi que Nina fizesse a sua parte.

Siciliano disse, evasivo:

– Glorinha ensiná-lo-á, sem dúvida. Você mesmo aprenderá... Eu não posso estar discutindo, agora, fraco assim... Mas, que tem isso? Um homem, então, não pode admitir um Deus? Os seus, que se arrependam também, que é hora... Ou talvez eu esteja maluco, senil?

Fazendo transparecer brejeiro sorriso, considerou o jovem:

– Antes disso, por estar senil, se assim julga, do que ser jovem, inteligente e racional, para ser contra Deus. Loucura por loucura, sempre é certo que *homem algum fez o universo e o sustenta e conduz*. **Há um Poder**, uma **Força**, não sendo asneira chamá-la **Deus** ou Divindade.

– Você não era ateu? – interrompeu-o Siciliano, ajeitando os óculos.

– Milagre de Glorinha... – balbuciou o rapaz, olhando para ela – Temos conversado, discutido, visto alguma coisa...

O ancião interessou-se, aprumando-se no leito, fazendo-se todo ouvidos:

– Vendo alguma coisa!... Que viu?... Onde?

– Glorinha que o diga – respondeu o rapaz.

O avô endereçou-lhe inquisitivo olhar, pelo que a neta lhe disse:

– Narciso não queria ir, vovô, de teimoso ou por mera vaidade, sei lá. Quando lhe disse que era a bem do senhor, que se estava sumindo em vida, tomou-me pelo braço e acompanhou-me até o Centro. Ali, creio eu que como paga de Deus, pelo ato de sentir bem pelo próximo, recebeu carinhosas palavras de um espírito. Como este fizesse menção da descrença reinante no seio da família, e dissesse particularidades, tive a curiosidade e perguntei-lhe o nome. Foi, então, que o espírito se anunciou a vovozinha, pedindo, entretanto, para não lhe falar a respeito, a fim de não causar abalo. Agora, como quis saber, e está bom, achei que convinha saber. Está contente, vovozinho?

Emocionado, Siciliano quis falar e não conseguiu. Minutos depois, tomando um pouco de água, e passada a forte emoção, voltou a falar, indagando pelo que dissera a companheira de tantos anos e há tão pouco desencarnada.

A neta, explicou-lhe:

– Dentre as muitas coisas ditas, uma salientou – que a fé em Deus será o último bem da vida a perder! Que se gloriava de ter sido crente, mesmo vivendo entre orgulhosos que se diziam ateus, ignorantes que se julgavam sábios... Desculpe, vovozinho, mas ela falou assim mesmo... Falou com tamanha força, com vigor tal, que pensei estar falando autorizada pelo próprio Cristo! Toda aquela gente presente, e eram várias centenas, ficou suspensa! O senhor devia estar lá e ver a maravilha, apreciar a satisfação geral.

Narciso emendou, com entusiasmo:

– O senhor devia estar lá, vovozinho, para estremecer como eu estremeci! O que houve não sei, mas fiquei meio fora de mim. Parecia ter febre!

Enxugando as lágrimas, meditativo, indagou-se o ancião:

– E que mal poderia isso fazer, meu Deus?... Crer fará mal a alguém?...

Minha hora estava marcada, para atender a um rogo, havendo partido. Deixei-os em paz e grande prazer espiritual. O Céu vislumbra nos confins íntimos daquela criatura macerada pelo mundo, endurecida pelo orgulho, e agora em fase de reaproximação, tangida pelo carinho envolvente daquele par de jovens e sacudida pelas avalanches da Verdade.

Ao atingir o local de serviço, para o qual fora indicado, lá encontrei Abel e Sabino, ativando recursos, ministrando elementos curadores. Defrontando Sabino, reconheci-o entristecido, motivo por que abordei-o:

– Por que está triste?

Olhou-me de viés, sussurrando:

– Débora deve estar muito aborrecida. Desejo desculpar-me.

Abel, depois de estudá-lo detidamente, falou-lhe:

– Lira tem algo a lhe dizer, da parte dela.

– Que é? – fez ele, com avidez.

– Envia-lhe desculpas e votos de muita felicidade.

Meneando a cabeça, comentou:

– Sei. Desculpas e felicidades, mas longe dela... Os menos delicados são interessantes quando à distância.

Esclareci-o:

– Não é assim, pode estar certo. Débora quer vê-lo, quer sua amizade, faz questão de sua presença. Falou-me de si com muito carinho.

– Por quê? Soube alguma coisa do rol histórico? Será por mim ou por ela?

Abel interveio:

– Sabino, você esquece a grande lição da **simplicidade**. Suponha, em verdade, que seja tudo em benefício dela mesmo. Não lhe é grato servir? **Não lhe causa prazer espiritual a felicidade alheia?** Em virtude das leis de relação, não nos cabe um pouco do bem estar alheio, quando produto de nossas ações? E diz-se discípulo do Cristo!... E comunica-se nos ambientes espíritas, pregando a necessidade premente de tolerar e perdoar!... Que bom mestre é!...

Fazendo gesto afirmativo, confessou:

– Eu sei disso, meu grande amigo. É difícil deixar para trás aquilo que nos acompanha há séculos, que é parte integrante da personalidade. Sou desconfiado, não posso deixar de ser irônico, parece que meu natural é ser contundente. Só a reencarnação me fará mudar, se fizer... Talvez algumas delas, cinco ou seis, talvez mais. Bem quisera ser diferente; mas quando vou falar, comentar, apreciar o caráter alheio, faço crítica daquele modo todo meu, como vocês sabem. Se não falasse, ainda assim pensaria, **e pensar já é errar**... Não obstante, sou capaz de sacrifícios, de tudo fazer pelo bem alheio. Que vou fazer? Tenho feito quanto me está ao alcance, procurando corrigir-me, policiando o pensamento, mas no fim é sempre a mesma, termina em choque, dá em inimizades ou quebra de simpatia.

Abel, frente àquela franqueza, fez-se observador magnânimo, aliás como lhe era natural e habitual, perorando a respeito das leis fundamentais:

– Veja, portanto, quanto são respeitáveis as leis de causa e efeito. Quem se faz melhor, recalca-se de melhoras, tem para si e para dar, porque as *conquistas de caráter* são como o *fermento*, tendem a reproduzir, aumentar, sempre no mesmo sentido. Assim, também, com os *defeitos*, com as tristes marcas cármicas. Tudo se torna *lastro*, o bem ou o mal, a virtude ou o vício, tangendo a criatura naquele rumo e ritmo, por vezes repelindo elementos renovadores bastante capazes, por vezes quebrantando ânimos, provocando abalos consideráveis, atirando a criatura ao

abismo das atrofias de ordem moral, transformando a entidade num pária qualquer, endereçando-a às regiões dolorosas, aos rincões tenebrosos, para mais tarde atirá-la no regaço das vidas rastejantes, dos aleijões e das torturas horríveis. *É a Lei Geral*, com a sua força, com o seu poder, valendo por aquilo que a fizeram valer, impondo a rigor os produtos da livre escolha, as validades do direito de relativo livre arbítrio. Quem, portanto, não quiser se haver com agravos e torturas, que os não cometa. Depois de agir, provocando naturalmente o desfecho da Soberana Lei, *só através de vigorosa ação inversa* é que se poderá alterar a situação e o rumo embalador. E isso, como está a confessar, é bastante difícil, é penoso, chega a parecer impossível.

Estava entrando, naquele momento, a médium que devia, àquela hora, aplicar o passe no enfermo. Aproveitando o hiato, Sabino externou-se:

– Quero entender-me com Débora e desejo melhorar. Talvez apele para que abreviem a minha reencarnação, conquanto me permitam fazê-lo em ambiente favorável, em meio a irmãos dotados de caráter superior. Sei o quanto pode um *meio ambiente sobre a criatura*, sei o quanto importa estar ao lado de quem marca as suas ações com o vigor das iniciativas de *alto porte espiritual*.

A conversa entre os encarnados era atraente, havendo ficado aí o assunto que tanto interessava a Sabino. Afinal, embora na obrigação de *servir*, de *incentivar* e de *amparar*, a verdade é que o problema do Céu é de ordem *individual*, não sendo permitido nem possível que uns tratem pelos outros de sua edificação interna. O caso Sabino, tal e qual a todos os casos, porque a Lei Geral assim determina, teve o seu desfecho como de ordinário – continuou fazendo das suas até o dia em que baixou à esfera carnal, para aprender *humildade* e *gosto de servir*, precisamente no plano onde se armou de maldades, crimes, orgulhos, ironias, sarcasmos, etc. É hoje um menino de quinze anos, vive aí ao seu lado e nele repontam aqueles mesmos senões de ordem moral. Em tempo, no entanto, a mediunidade apontará o rumo a seguir, sendo forçado a servir e aprender grandes lições. Disso temos certeza, pelo que ficou estabelecido – terá muito trabalho durante a vida!

A médium sentou-se ao lado da criatura enferma, um adolescente, havendo-lhe aplicado a mão direita sobre a testa. Concentrou o pensamento no seu guia e aguardou o contato costumeiro e fiel. Seu guia era de pouca evolução, mas dedicado e articulado com elementos de melhor envergadura hierárquica, cuja sede estava localizada na *quarta esfera*.

Antes que ele atuasse sobre a médium, disse-lhe Abel:

– Informe que devo falar à mãe do rapaz.

O *guia* aproximou-se, tangeu a organização mediúnica da irmã servidora e *falou*, passando adiante o aviso de Abel. Eu, com franqueza, não sabia dos motivos daquela atuação direta, da parte de Abel, uma vez que dispunha de centenas de comandados, de vez que parecia apenas um simples caso de ordem espiritual. O mocinho estava acompanhado, tinha ao lado uma senhora, cujo perispírito se apresentava inchado, tão inchado como o seu corpo carnal jamais poderia ter estado!

Saído o guia, encostou-se Abel, pôs a mão direita sobre a cabeça da irmã servidora e falou à genitora do rapazinho:

– Ninguém desconhece os vossos foros religiosos, as vossas intenções felizes, as vossas atividades em geral, fundamentadas naquilo que a Lei recomenda. Entretanto a humanidade marcha, não pode estacar no rumo da escalada hierárquica. Isso quer dizer, irmã, que uns reencarnam para um fim, outros reencarnam para outro fim, nunca deixando de haver fundamentado motivo para toda e qualquer entrada no plantel carnal. Vosso filho, portanto, tem compromisso a saldar, como espírito devotado ao bem e de acentuados merecimentos evolutivos. Dai-lhe, pois, a ler, as obras fundamentais do Espiritismo. Tudo quanto se deu foi para que buscasse no Espiritismo o informe que está recebendo. Agora vos deixo, com a cura de vosso filho e a certeza de que não olvidareis o recado celestial.

Abel saiu, o guia da irmã chegou-se recomendando água fluída, conforme indicação de Abel. Tudo seria feito por nós, espíritos, já que o caso era excelentemente espiritual e o rapazinho um espírito bastante credenciado perante a Lei.

Inicialmente foi retirada a senhora que atuava sobre o rapazinho, a mulher inchada, a quem Abel se dirigiu:

– Sabe, irmã, que é espírito desencarnado?

Regougando, respondeu:

– Não sabia... Agora sei... *Sou espírita...*

Abel encarou-lhe com gravidade, fez sinal negativo de cabeça e disse:

– Quando Jesus Cristo cumpriu o celeste mandato, derramando o Espírito sobre a carne, fê-lo cumprindo Suprema Determinação e objetivando tempos futuros, a intrínseca *evolução*, a escalada científico-moral. Entretanto, apesar de acentuar a necessidade ordinária de *progredir* nos rumos do Amor e da Ciência, **a grande maioria faz Espiritismo de comodidade, pede tudo aos guias**, não procura estudar nem se esforça por melhorar. São intermináveis sessões de passes, de peditórios, de tudo, menos de severa vigilância intelecto-moral. E o resultado é isso...

Tristemente, balbuciou:

– Eugênia desencarnou faz seis anos e pouco, sem merecer mais do que isso, em virtude *daquilo que fez por não ter*. É penoso dizê-lo, mas há muita *negligência* da parte dos elementos encarnados, em todos os domínios religiosos. Entretanto, cumpre-nos dizer, quando a negligência parte de algum conhecedor das práticas espiritistas, tanto mais se torna lamentável. A Revelação é o testemunho máximo do Cristo e ninguém tem o direito de transformá-la em objeto de *peditórios*, *apenas*, porquanto sua função intrínseca é *instruir*, é *esclarecer*, é *levantar* o grau dos conhecimentos gerais na criatura.

Sempre revelando tristeza, fez estacato alguns segundos, parecendo querer ofertar oportunidade a possível aparte. Como ninguém o fez, pois todos desejávamos a sua palavra, sentenciou, cerrando o cenho, revelando acentuada mágoa:

– O Consolador foi apresentado para servir de *instrutor*, para ensinar leis, para revelar o plano das causas. Não se justifica uma conduta *negligente* em face do seu tremendo potencial instrutivo. Levando-se em conta os fatores cíclico-históricos, a responsabilidade humana cresce automaticamente com o avançar dos tempos e das ofertas celestiais, não se justificando, repito, a permanência nos domínios da *indiferença* religiosa, mormente quando a criatura sabe valer-se do direito de pedir, de querer assistência, de exigir trabalhos. Devemos compreender, de uma vez por todas, que para os tempos atrasados e *para as pessoas atrasadas existem* a idolatria, o fetiche, a superstição; toda a vasta gama de práticas clericais, de dogmas e outros *recursos medíocres e exploradores*; enfim, de tudo quanto sabe a formalismos de homens, de práticas cujo fim locupletam homens desprovidos de sinceridade cristã e *constituem oposição ao Batismo de Espírito*, por cuja lavratura o Divino Mestre derramou o *Seu sangue na cruz*.

Era evidente o abalo, a mágoa que ia pelo íntimo de Abel, o espírito que havia, naquele tempo, hospedado a excelsa figura do Cristo.

A inchada mulher, sentindo a situação e compreendendo como pode, rogou:

– Que Deus me perdoe!... Peço perdão!...

Abel falou-lhe, com severa bondade:

– **Perdão não existe...** Por que interpretar como sendo perdão a função legislativa que é de *oferta reparadora*, apenas? Depois de penar seis longos anos, de não poder trabalhar e aprender, de que adianta falar em perdão? Por acaso vai a Lei fazer marcha-a-ré e desfazer o tempo assim passado e a dor sofrida? Vamos chamar o que de perdão? Sabemos que *nós, entre irmãos*, temos que praticar o ato social de *perdão*, de tolerância, de renúncia até; mas pedir perdão depois de sofrer, depois de empregar tempos em sofrimento, depois de não haver como desfazer as torturas vividas? É isso racional? Está na Lei? Encontra amparo na Soberana Justiça?

Eugênia, perturbada, inquiriu-o:

– Que fazer, então? Como farei para... Livrar-me?

Condoído, explicou-lhe Abel:

– Já foi feito pela Justiça Divina, não precisa fazer coisa alguma, sem ser isto – trata de evitar novos erros. O tempo que passou sofrendo, poderia tê-lo passado em gozo, em aprendizados e

trabalhos proveitosos, em aumentos imperecíveis. Colheste como semeaste, eis tudo, eis a Lei. De que te queixar? Para que pedir perdão? Importa é não errar, importa é não ter que pensar em perdões que jamais existiram. O único mérito de fato, que há no pedido de perdão, consiste em revelar o *desejo de recuperação*, representa apenas o *arrependimento* havido. Mas, convenhamos, a falta foi paga e o serviço evolutivo, que podia ter realizado, está para ser feito... *Sofreste e perdeste tempo*, eis a verdade. Creio que nunca deste a devida atenção ao capítulo vinte e dois do Apocalipse. Tivesses lido, entendido, sentido e praticado, e não estarias como estás, porque ele resume toda a verdade sobre a Lei e a Justiça, porque ele coloca a criatura em face de si própria, pois a Lei e a Justiça estão no íntimo de tudo e de todos. Pelas obras a criatura prende-se ou liberta-se, faz-se celestial ou inferniza-se, eis tudo.

Eugênia começou a chorar, pelo que a interrogou Abel:

– Por que choras, quando devias rir?

Ela encarou-o com espanto, indagando:

– Mas não vou ser julgada? Se não há...

Compadecido em face de tamanha incompreensão, falou-lhe o grande mentor:

– Irmã, o pior já se foi. Agora vais ser curada e orientada. Mas, observo, se tivesses lido, se tivesses procurado saber, por certo terias errado menos e não ignoraria tais verdades.

Apontou para Sabino e disse:

– Entregue-a no *posto cinco da terceira esfera*, que eu e Lira temos aqui um serviço a executar. Feito isso, vá para o *centro de socorros*, que ali nos encontraremos.

Quando a sós, pois a irmã médium se havia ido, disse-me Abel:

– Este mocinho, isto é, este espírito foi companheiro de *Paulo de Tarso*, tendo sido sacrificado nos dias de Nero. Deve executar trabalho importante, *sob a orientação de Paulo*, quando tiver idade para tanto. Devemos prepará-lo, pois assim pediu-me o Apóstolo, de quem sou amigo e a quem sirvo, conforme desígnios de mais Alto, segundo a Ordem Administrativa Planetária. Como você está para reencarnar, convém seja apresentado, uma vez que *se hão de encontrar nos meandros carnis*, a fim de cumprir mandado interessante. Aviso-o, para efeito de ordem administrativa, e também para efeito de recalques influentes, *que você o sucederá, um dia*, quando ele deixar o plano carnal. Deve compreender que o plano geral é um, mas desdobrável ao infinito, havendo necessidade fundamental do cultivo das células ou das instituições e individualidades. Agora, entretanto, vamos aplicar nossas mãos ao rapaz, vamos fazê-lo ter micção intensa e prolongado suor, a fim de expelir resíduos fluídicos venenosos deixados pela enferma.

Como fizesse prolongado silêncio, estudando no organismo do rapazinho algum ponto, ventilei:

– *Em que sentido atuará Paulo?*

Segundos depois, endereçando-me olhar cismático, respondeu:

– Não sei, não procurei saber. Mas tenho certeza de que *será obra excelentemente cristã*, pois o Apóstolo dos Gentios *foi, de todo o colégio apostolar*, aquele que mais respeitou a função *messiânica do Cristo*, isto é, quem mais honrou o Batismo de Espírito. *Paulo, o vaso escolhido*, não fez obra de pastiche doutrinário, não fez mescla de princípios, tendo agido com todo o respeito possível na prática do Consolador. Quem ler fielmente os capítulos doze, treze e quatorze, da primeira carta aos Coríntios, percebe o quanto foi ele *exato paladino da eclosão mediúnica* do Pentecoste. Portanto, tenho certeza, Paulo atuará sobre este rapazinho, com todo o rigor doutrinário de que será capaz, como vaso escolhido que foi, pelo Divino Mestre, não tergiversando sob pretexto algum.

Aproveitando o ensejo, roguei:

– Por favor, não esqueça de mim. Teria grande prazer em ver aquele a quem Jesus qualificou de vaso escolhido, e a quem confiou a formidanda função de fiel defensor do Batismo de Espírito, da Revelação tornada pública.

Tornando-se ainda mais pensativo, como que revivendo cenas do passado, Abel comentou:

– Realmente. Jesus não foi ao encontro de Paulo por mero acaso. Havia necessidade premente de recursos fortíssimos, consolidadores do derrame de Espírito sobre a carne. **Paulo** possuía os fatores primordiais – **ótimas faculdades, cultura exuberante, denodo extraordinário, sinceridade a toda prova!** Eu o vi em trabalhos e posso afiançar que esteve sempre à altura do Mestre. Pena é que muitos de seus escritos se tenham perdido, ou tenha Roma propositalmente inutilizado, a fim de conseguir seus erros e desmandos, pois as epístolas do vaso escolhido eram verdadeiros documentários do Batismo de Espírito, relatórios vibrantes do que se conseguia através da Revelação. As pregações faziam-se acompanhar de manifestações mediúnicas e o povo compreendia e sentia a presença da Igreja Viva, a continuação do Cristo através do Seu Batismo. Tivesse tido sempre a Igreja do Cristo, que é a congregação dos crentes, à sua frente, homens da marca do vaso escolhido e o marcante fenômeno do Pentecoste jamais faleceria; nenhuma Roma corrupta e sanguinária ousaria jamais eliminar a graça consoladora, para cuja função estabelecadora tivera o Messias que contribuir com o Seu sangue. Contudo, tenhamos confiança, pois Jesus, através do Anjo do Apocalipse, predisse a *corrupção* e a *restauração da Doutrina Excelsa, edificada sobre o Batismo de Espírito*. Ninguém poderia vencer contra Jesus Cristo, nem mesmo Lhe apelando para o Nome, a fim de outorgar-se autoridade, como fizeram os cidadãos corruptos de *Roma*, aqueles que, para servir um governo temporal e perverso, *eliminaram o Batismo de Espírito*, levantando em seu lugar clerezia e idolatrias, organização humana fraudulenta e *usos pagãos*.

Fez breve pausa, passou a mão pela testa, como se quisesse limpá-la de alguma coisa menos agradável, afirmando-me:

– Ainda hoje, à noite, teremos encontro com o Apóstolo, pois deseja ele iniciar o rapazinho nas coisas da Revelação. Não sei, também, como desejará agir o grande amigo e servo do Senhor, mas sei que teremos o que fazer, pois deu-me ordem de retirar do corpo o espírito e apresentá-lo no *Centro de Visões*, em hora já marcada. Quanto ao mais, vamos dar o passe, vamos auxiliar devidamente.

O rapazinho dormia, e seu espírito não se libertava, porquanto o mal físico o retinha. Conforme, porém, Lhe fomos ministrando elementos energéticos, foi saindo, exteriorizando, a ponto de Abel infundir pensamento em contrário, pois não era para isso que estávamos agindo.

Pouco depois nos fomos, deixando a casa entregue à paz desejada.

O *primeiro serviço* a fazer, conforme ordem de Abel, fora apressar o reencontro entre Débora e Sabino. Fizeram-se protestos de amizade, de tolerância e harmonia, mas nós sabíamos que futuramente haveria novas dissensões, pois eles vinham de longa esteira atritiva, e caracteres não se modificam assim facilmente.

O *segundo serviço* foi lidar junto de Castro e de Nina, com vistas ao renascimento de ambos. Sabino, eu, Glicério, Nina e Castro estávamos para *voltar ao plantel carnal*. Alguns já estão respirando aí, através da fatiota carnal. *Eu estou de malas prontas*; só me resta o término desta narrativa e pequeninos retoques de somenos importância.

Tudo estava, à hora marcada, pronto para o contato entre o rapazinho e o seu velho e querido amigo. Abel, que estava sendo aguardado, chegou em companhia de alguns amigos, criaturas de alta envergadura hierárquica e administrativa, elementos altamente simpáticos, homens e mulheres cuja personalidade atraía, infundia indefinível prazer. Abel estava contente, deslumbrante, fulgurante; um conjunto de altos seres provoca o aumento geral das auras, torna-os a todos intensamente brilhantes, mesmo que façam questão em contrário.

– Todos estes – informou-nos o grande mentor – *foram companheiros de Paulo*, observaram suas determinações, praticaram Cristianismo sadio, não fizeram traficâncias com a idolatria reinante nem se mancomunaram com o farisaísmo vicioso, com aqueles que, mais tarde, fizeram resultar o advento da corrupção, liquidando a Revelação e infundindo o clero formal e idólatra, pagão e explorador, politiqueiro e sanguinário.

Barnabé, um dos presentes, assentiu, com sua palavra forte:

– Sim, **Paulo compreendeu** de uma vez por todas a significação do Batismo de Espírito, a liquidação dos cleros e a liberdade interpretativa no âmbito da Lei de Deus. **Sua lucidez abarcou a integralidade**, concebeu a Lei e a Revelação como sendo a base inamovível do edifício cristão, da Igreja Viva. Não temos dúvida alguma em afirmar a sua proeminência nos serviços da Igreja nascente; pelo contrário, tendo completa noção da insuficiência de alguns Apóstolos, podemos afirmar, sem de leve pretender ferir melindres, que **sem o concurso do vaso escolhido pelo Divino Mestre, dificilmente conseguiriam os pósteros elementos informativos de melhor quilate**, enquanto no momento estava a Igreja desprovida de quem fosse **capaz** de servir mais, pelo fato de possuir **elevados dotes de cultura e preciosas faculdades mediúnicas...**

As palavras do insigne personagem findaram na chegada repentina de elevado número de altos seres, entre eles **Paulo**, que se apresentou com a característica do tempo. **Baixo, um tanto ventruado, pernas meio tortas, barba farta e muito preta, olhar penetrante ao extremo**, tudo de envolta brilhante, coruscante, como se fosse prodigiosa fonte de luz em meio a fontes menos potentes. Escusado é dizer da alegria reinante, da brilhantura ambiente.

Depois de algumas apresentações, e de muitas perguntas recalcadas, Barnabé convidou-o a dizer algumas palavras, havendo ele dito:

– Primeiramente tragam o companheiro encarnado, pois a ele é que devemos, hoje, as obrigações estimulantes.

Abel, eu e outros cinco, fomos buscar o rapazinho. Pelas condições, estava fácil de se o retirar e trasladar. Mera questão de envolver e transportar.

– Ei-lo! – disse Abel ao introduzi-lo no vasto salão.

O rapazinho estava deslumbrado, não sabia onde, como e nem para quê. Mas estava fortificado, vivaz, ansioso de explicações. Foi Paulo que lhe falou, pousando-lhe a direita sobre o ombro esquerdo:

– Irmão..., grande amigo e fiel servidor de Jesus. Encerrado no *vaso carnal, limitado que estás*, não podes compreender a total significação desta reunião, nem tampouco poderás compreender a significação que irá ter no futuro, quando sérios trabalhos se te apresentarão, justificando o motivo da própria investidura carnal. Entretanto, irás ter completa lembrança deste conclave amigo, servindo-te como chamamento celestial, constituindo feliz estímulo. É o primeiro de uma longa esteira fenomênica, para efeito de alevantadas esperanças e firmes proposições de trabalho.

Cessou um instante a palavra ao mesmo tempo meiga e enérgica, olhou ao redor, reclamando atenção para o detalhe, explicando:

– Não basta o caráter *sincero* da ação humana. Eu, para citar um paralelo, *fui sincero mosaísta*, absolutamente sincero, a ponto de me fazer fidalgo *inimigo do Cristo!* Afirmo que, perseguindo os Apóstolos tinha em mira o Mestre, aquela figura humana cuja característica havia infundido sujeição a muitos judeus. Eu queria liquidar o Cristo na pessoa dos Seus amigos e discípulos, dissipar a mística levantada no âmago daquelas almas simples, para mim ignaras ao extremo, por aquele homem paupérrimo, revolucionário e conhecedor das artes ocultistas, artes que os Essênios sabiam cultivar, mas que as autoridades levitas não permitiam fossem expostas ou tornadas públicas.

Repassou os penetrantes olhos pela vasta assembléia, prosseguindo:

– Só mesmo aquele encontro!... **Bendita Estrada de Damasco!**... Imortal marca, que nenhuma força humana jamais poderia vencer, que nenhum fanatismo sectário poderia sobrepujar, que reino algum da Terra poderia revidar!...

Encarou o rapazinho e com suavidade lhe disse:

– Teu íntimo é cristão, bem o sei. Mas, vem de Jesus a ordem e confundem-me as graças do Divino Mestre. Para mim, querido amigo, foi terrível a felicidade que se levantou na mal propositada viagem. Para ti, entretanto, armado de outras validades espirituais, equipado de outras ornamentações cármicas, não se faz necessário o agulhão das trevas, da fome e da sede... O Cristo entrou em mim seguindo as brechas da amargura, porque meu caráter sectário pairava acima da melhor verdade...

Um dos presentes, de mim desconhecido, perguntou-lhe:

– Perdoe-me a interrupção, bondoso servo do Senhor, pois devora-me o desejo de lhe fazer a seguinte pergunta: por que não admitiu Jesus como sendo o Cristo, aguardado há mais de três mil anos? Ou não lhe soube da existência? De fato, querido irmão, os documentos evangélicos não falam de si coisa alguma, sem ser a começar do grande encontro da Estrada de Damasco.

Paulo fez-se triste, abanou a cabeça negativamente e falou:

– *Não foi assim.* Eu tive conhecimento de tudo, mas a meu modo; quero dizer a modo mosaísta-farisaico. Também eu aguardava o Cristo, também eu esperava que a Sua introdução fosse levada a termo pela volta de Elias. Mas, deveis saber pelos relatos históricos, milhares de homens passaram, no curso das gerações, pretendendo ser o Cristo aguardado. Foram homens de todas as marcas e matizes, cultos e incultos, sinceros e insinceros, mas sempre portadores de algumas faculdades ou dons espirituais, por cujas obras se impunham. Ninguém mais confiava integralmente, fosse em quem fosse a se apresentar como sendo o Cristo esperado. A desconfiança rondava todos os espíritos, muito mais aos elementos da nata social, a casta levítico-farisaica. E Jesus encontrou, à frente de Seus deveres messiânicos, esse ambiente adverso, cheio de prevenções e falsidades.

Como sempre acontece ao se tratar de Jesus, a seleta assembléia ouvia a Paulo com a máxima atenção. Depois de envolver a simpática auréola, constituída de valorosos espíritos, com o seu penetrante olhar, deu seguimento ao relato:

– **Fui ao encontro de João Batista** e o inquiri a respeito de suas pregações. **Os escritos que deixei**, tratando desses acontecimentos, não fazem parte do Novo Testamento, **desapareceram...** Não quero julgar a quem quer, a Lei fá-lo-á. Todavia, faço questão de afirmar-vos isto – **eu de tudo dei conta por escrito!**

– Muito interessante! – exclamou alguém, a que não vi.

Paulo seguiu-se, sob intensa expectativa:

– *João Batista* disse-me importantes coisas, porque me *falara dos Essênios*, e com especial atenção dos Nazireus, a sublime escola dos votados ao Senhor, cuja *escolha* recaía sobre os que nasciam sob *avisos, sonhos ou visões* ou criaturas portadoras de *dons espirituais*. Disse-me de tudo quanto havia feito, de como fora preparado em aprendizados e desenvolvimentos espirituais, consoante as tradições da velha Escola de Profetas. Anunciava o Cristo por ordem dos anjos! E afirmou que só a morte o faria calar! Como nada mais fizesse, que não fosse o batismo de água e a anunciação da vinda do Messias, tudo ficou em expectativa. Nada havia por fazer, senão aguardar o resultado dos fatos. É verdade que a sua palavra era plenamente consciente, e que suas vestes eram como as do Profeta Elias; mas ninguém ignorava os seus parentes, embora também ninguém ignorasse o que diziam do seu nascimento. Tudo podia ser obra de esperteza, tudo podia ser produto de alguma proposição menos digna de respeito, partida de elementos desonestos.

– E os grandes fenômenos obrados pelo Cristo? – perguntou-lhe um outro.

Ainda meneando a cabeça, respondeu-lhe Paulo:

– Israel esteve sempre cheio de criaturas capazes disso. Apesar do zelo mantido pelo clero levita, muitos indivíduos, até gente da melhor posição social mantinha relações com os Cenáculos Essênios, aprendendo a fazer uso de faculdades expostas à custa de exercícios. Para nós, especialmente para mim, o Cristo devia testemunhar-se pela libertação de Israel e pela ressurreição. A interpretação levítica era essa, ninguém pensava de outro modo, e, podeis estar certos, Jesus deu-nos muito o que pensar, antes de ser dada a ordem de prisão, para cuja efetivação concorreu o ato de Judas, ato que não é bem aquele de que tratam os documentos evangélicos. *Judas não pretendeu trair Jesus*, mas sim afastá-Lo, para tomar o domínio do povo e agir no sentido de uma revolta, e revolta que tinha por viso libertar o povo de Israel do jugo romano. *O reino deste mundo traiu Judas*. Ninguém deveria esquecer a tremenda lição!

Paulo estava bastante agitado, denotava grande consternação. E prosseguiu:

– Jesus apareceu depois de João Batista semear todo o Israel com a sua palavra flamejante. *O batismo de água, como gesto místico*, encantava os cérebros menos sobrecarregados de prevenções. Soubemos, pois nossos homens seguiam as passadas do Precursor, da indicação sobre ser Jesus o Cristo esperado. Como se sabia da retirada de Jesus, do círculo familiar, para um dos Cenáculos de Profetas, foi com bastante displicência que soubemos de Seu retorno, envergando as características físicas e vestimentais dos que se votavam a tais serviços. Não se poderia admitir, em Jesus, a função divina do Cristo, do Libertador, porque o Libertador aguardado era de outro quilate, não de bens imortais e sim de poderes temporais. Demais, Jesus increpava os ricos e poderosos, numa demonstração cabal de Sua divina função, mas também de cabal indisposição com as autoridades em geral.

– Como julgou a ressurreição? – perguntou-lhe o mesmo de antes.

Sempre contrito, Paulo avançou:

– Não quis ver a crucificação, por várias razões. Mandamos observar os acontecimentos. Ficamos sabendo como se portou, com imensa superioridade, com assombrosa altivez de espírito. Muitos ficaram atônitos, grande número, a seguir, foi ter com os Seus discípulos, a fim de trilhar o Seu Caminho... Mas, afirmo que a *ressurreição*, como a ouvimos relatar, *não nos convenceu*. Sinceramente, amigos, o fato não chegou a nós com foros de irretorquível realidade. Muitas explicações em contrário poderiam ser dadas. E quem nada tinha visto, podia muito bem não acreditar nos ecos do retorno. Falecida a consistência da ressurreição, falecia a última partícula de esperança, caía por terra todo o agravo que nos varria a alma, toda a tremenda expectativa que nos consumia o espírito.

O mesmo de antes, aventara, aproveitando breve lapso:

– Então, querido amigo, só restava o fenômeno da Estrada de Damasco?

Fazendo sinal de profunda ponderabilidade, Paulo emendou:

– Depois da crucificação era difícil saber do paradeiro dos mais íntimos amigos do Senhor, pois temiam, e com razão, as represálias oficiais. O Sinédrio não tinha mais do que temer e duvidar,

exigindo das autoridades toda a vigilância e todo o rigor das reprimendas. *A regra era liquidar com as idéias*, mesmo que fosse, para tanto, necessário liquidar com os homens seus portadores e profitentes. Todavia, um dos nossos, espia de confiança, disse-nos bastante, e com sobras de pormenores, sobre as ocorrências do Pentecoste. Mas, enceguecidos agora pelo ódio religioso, quem iria admitir o fenômeno como sendo a consumação da função messiânica de Jesus? Que poderia advir daquilo? A libertação de Israel, por acaso? Não é verdade, amigos, que as coisas da Revelação só chegam a sublimar os espíritos mais afeitos às grandes necessidades do espírito? Até o dia presente, como tratam a Revelação, já não digo os materialistas, mas os próprios religiosos dogmáticos? Não dizem ser coisa do diabo, e de espertezas inqualificáveis, *blasfemando* assim contra uma *verdade* que, nada mais, nada menos, mereceria todo o respeito da *investigação* científica e todo o *carinho* da observação religiosa?

Barnabé entremeou:

– Entretanto, à luz do Consolador fizemo-nos dignos obreiros de Jesus Cristo. Entrevendo o Céu através dos Mensageiros do Senhor, entregamos nossas vidas ao serviço da evangelização universal. O Pentecoste, ou Batismo de Espírito, foi o derrame de coragem com que nos brindou o Divino Mestre.

Paulo fez sinal de assentimento, balbuciando:

– Enchemos aquelas terras, e as terras gentias, da palavra de Jesus, não com o valor apenas de palavras verdadeiras, mas unguidas com o testemunho da *Revelação*. Se não fomos Apóstolos acompanhantes de Jesus, fomos cimentadores do Seu consolador Batismo, da graça esclarecedora, sinal da Igreja Viva entre os verdadeiros crentes. Verdadeiramente, lembrando aqueles trabalhosos dias, temos que rememorar e engrandecer as dádivas recebidas, pois os nossos passos foram sempre assinalados com as bênçãos do *mediunismo intensivo*. O plano espiritual espocava, as línguas diversas infundiam temor, a palavra dos mentores incutia fé e soerguia os ânimos combalidos. Curas davam-se a todo momento, criaturas possesas de espíritos viam-se libertas...

A esta altura, estremeceu Paulo, exclamando:

– Jesus! Senhor Jesus! Minha vontade não mais me pertence. Quero servir-Te, quero estar, como Tu estás, a serviço da Lei, a serviço de Deus. Dá-nos, Senhor, felizes oportunidades. Dadas as nossas certezas, a consciência da Verdade que Tu representas, só nos resta ter vontade e querer trabalhar. Nós queremos, Senhor, realizar a Tua Vontade, porque sabemos ser ela a mesma Soberana Vontade!

Paulo tinha as faces irrigadas, seus olhos de águia cintilavam de modo estranho.

Barnabé avançou:

– Ninguém deu, amigo Paulo, melhor testemunho do que você, a respeito da obra messiânica de Jesus Cristo. A Lei e a Revelação estão expressas, *em seus escritos*, de forma lapidar, como constituintes do verdadeiro programa religioso.

Paulo voltou à fala, depois de encarar os presentes, como se lhes devesse todas as explicações:

– Quando me refiz do tremendo acontecimento da *Estrada de Damasco*, fui à cata de informes. Embora meu nome causasse espécie entre os Discípulos do Senhor, a palavra de Ananias abriu-me todas as portas...

A esta altura, talvez atraído pelas vibrações intensíssimas, apresentou-se uma luz brilhantíssima, que a seguir se fez ver como glorioso espírito. Não era preciso saber quem seria, pois a ele dirigiu-se Paulo, e tão profundas foram as tocantes manifestações de amizade e sublimado amor, que a resplandecência atingiu ao máximo. O ambiente fremia, sob a luz que a todos envolvia e prendia, como se invisíveis liames fizessem de todos os presentes uma só unidade, um só pensamento e uma só vontade. Definir tal estado seria impossível. Digo, apenas, que o Grande Mestre enviara Suas bênçãos, e que a lembrança do grande acontecimento há de perdurar e frutificar, até o dia em que tenha de olvidá-la, quando tiver que *mergulhar de novo* na vestimenta carnal.

Trocadas breves palavras, ainda em meio a vibrantes fulgurações, *Paulo continuou:*

– Certifiquei-me, então, da finalidade da vinda de Jesus à Terra. E, como não poderia deixar de ser, encarei frontalmente os fatores **Lei e Revelação**. A **Lei** como alicerce moral e a **Revelação** como fonte de **consolo** e de **esclarecimentos**. Toda a minha obra, como podeis observar, resume o culto da Lei e da Revelação. Se nalguns pontos, do que medra escrito pelo mundo, há divergência, eu confesso que não é de minha responsabilidade. Viver a Lei e cultivar a Revelação, para *liquidar* com os formalismos humanos, para *livrar* a humanidade dos fetichismos de qualquer ordem e espécie, essa a regra de conduta que emana do Evangelho do Cristo. E, como sabeis, essa mesma é a *síntese da obra de Kardec*, do missionário indicado a ser o mais direto servidor da restauração do Cristianismo. Então, pois, repostas as coisas no lugar, e com sobejos informes, além de ser, por natureza, absolutamente franca a possibilidade progressiva.

Paulo fizera silêncio, encarara o rapazinho com elevado sentimento, exclamando:

– Meu grande amigo e companheiro de serviços! Vamos no rumo de teu novo fardo carnal, do instrumento através do qual poderás lidar, *aumentando conhecimentos* e prodigalizando benfeitorias. Lembra-te, porém, que é do Cristo a iniciativa. Eu e os demais companheiros, apenas servimos, como tens servido e irás servir. De nossa parte, oferecemos tudo quanto nossos corações podem ofertar...

Enquanto a *luminosa caravana* iniciava deslocamento, eclodiu frenética salva de palmas, não mais se ouvindo as palavras do Apóstolo dos Gentios. Havia olhos lacrimejantes, e muita glória espiritual no ambiente, quando a partida se fez.

Ao atingir a beira do leito, ali estava o guarda. Paulo disse-lhe palavras de incentivo e unguidas de muito carinho. Depois, colocando a mão direita sobre a cabeça do rapazinho, fê-lo deitar ao lado do corpo, dizendo-lhe:

– Lembra-te sempre dos amigos destas plagas!

O rapazinho acordou, acendeu a luz, levantou-se. Estava maravilhado, irradiava conforme a sua coloração específica, que era azulino-dourado. Quando sua mãe chegou, meio assustada, perguntando-lhe o que havia acontecido, disse-lhe ele:

– Terei sonhado? Não pode ser, pois tudo foi tão vivo e potente! Mamãe, eu tenho certeza que o *Apóstolo Paulo aqui esteve*, neste instante!...

A mãe, sorrindo, comentou:

– E que tem isso, meu filho? Deus, que é o TODO, não é Onipresente? Não te espantes, portanto, com a presença de Paulo. Procura, antes, *conhecer os porquês* de sua visita. Naturalmente, como deves entender, há motivo justificando a presença de Paulo aqui, assim como há razão fundamental na Onipresença de Deus. A grande questão é saber o que é, como é e para o que é, compreendes?

O mocinho respondeu-lhe:

– Seja como queira Deus, não acha?

A genitora observou:

– Simplesmente, não. A parte de Deus é fundamental, prende-se ao *determinismo*, nunca falha. Temos que prestar muita atenção é *na parte que nos toca*... Somos falíveis, podemos deixar muito a desejar. Não entendes assim?

Encolhendo os ombros, murmurou o filho:

– Seja como Deus quiser... Eu quero assim... Minha vontade é servir, embora nada saiba, por ora. Dê-me Ele o serviço, que com muito gosto o executarei.

A mãe pô-lo no leito, beijou-o e se foi, pensando maravilhosamente. Nós, uma vez terminada a função, fomos no rumo de nossas moradas e lugares de trabalho. As despedidas foram profundamente sentidas, não há dúvida, pois companhias assim raramente chega-se a ter, tão pronunciadas na história do mundo, tão elevadas na escala dos valores despertos.

Meus dias escoam-se, presentemente, numa verdadeira intermitência de emoções variantes. Sinto a falta dos companheiros já entregues aos primeiros labores carnisais, pois a vestidura material faz-se premente, desde os instantes iniciais, desde a hora em que se sente a necessidade de respirar, alimentar, higienizar, etc. De par com essa indelével agonia, *sentindo a pressão* que os pensamentos de meus futuros pais exercem sobre mim, tenho mui pouca vontade, não me basta o ânimo de servir. Estou preso pela apatia, dá-me vontade quase indomável de dormir, de esquecer, de entregar-me a deleitoso sono. É com muito custo que faço este final de relato, e sei que o faço sob a tangência de imperiosos apoios vindos de excelentes amigos.

Ontem, pela manhã, Abel convidou-me a delicioso passeio, informando-me:

– Tens apenas uma semana de liberdade; a seguir, consoante as necessidades, levadas em conta a tua vontade, as tuas validades adquiridas e as imposições do nascimento, deves tomar conta dos acontecimentos que se hão de avolumar. Teus futuros pais, com a evolução dos dias, tanto mais pensam, atraem e te impelem à *perda de consciência*. Temos que, portanto, aproveitar bem os últimos dias que te restam de relativa liberdade nestes planos. E, como sei o quanto prezas uma visita nos locais onde Jesus viveu como homem carnal, venho convidar-te a um passeio e passeio que abarca um serviço a executar. Temos alguém a socorrer, naquelas paragens evocativas.

– O trabalho, bem o sabes irmão Abel, encanta os nobres e dignifica os próprios santos. Eu quero, por ambas razões, rever aqueles lugares. Seja pelo que for, confesso que há *três regiões*, na face esférica da crosta, cujas influências ternamente embaladoras me fazem subir na escala dos poderes íntimos. Esses lugares refletem, vigorosamente, intensivamente, aquelas potentíssimas vibrações aí recalçadas, pelos grandes vultos da história religiosa do planeta. Alguns locais da *Palestina*, algumas regiões do *Ganges* e certos pontos do *Himalaia*, fazem-nos fremer de alegria profundamente íntima. Seja pelo que tenham feito elevados servidores de Deus, seja pelo contínuo recalcar de pensamentos piedosos da parte daqueles que crêem, o certo é que, desejando ou não, até mesmo fazendo questão contraditória, temos que ceder ao imperativo das mais intensas vibrações, dos mais potentes e envolventes sentimentos que parecem emanar do ambiente.

– Realmente, Lira, *psicometria é lei, é poder*. Quando a criatura não é rude e se propõe a cultivar *pensamentos elevados e sentimentos nobres*, procurando trabalhar na seara onde o Amor e a Ciência pontificam, certo é que se faz ou torna *centro receptor de ondas vibratórias equivalentes*. Esses locais estão, verdadeiramente, imantados pelo magnetismo santificado daqueles grandes vultos missionários. Soubessem as criaturas pensar e sentir, tivessem de fato superior desejo de servir, trabalhando dignamente, sustentando impávido o estandarte do *amor ao próximo*, e muito poderiam colher, *haurindo forças consideráveis*, deixando-se penetrar dos mais potentes eflúvios energéticos. Se é certo que em tais ou quais lugares, espalhados pelo orbe, *fontes de vibrações concentradas* existem e perduram não é menos exato que, em toda e qualquer parte, por todo o infinito, estão os poderes absolutos de Deus e os valores relativos de Seus mais evolvidos filhos ou seres emanados. Há, digamos, muita falta de bom senso nas criaturas. Onde os filhos são ressequidos, onde estejam criaturas mirradas em seus caracteres, como podem eclodir e vicejar os galardões da virtuosidade poderosa? De per si, não é a própria criatura um reservatório de poderes divinos? Para os ter, a fim de poder usar, em benefício próprio e para o bem geral, que lhe resta fazer senão despertá-los?

– Verdadeiramente, irmão Abel, há muita *negligência* da parte das criaturas. Um pouco mais de respeito que houvesse, para com os *valores fundamentais*, que devem ser *despertados*, que aguardam esse despertar, e tudo seria melhor.

Em tom piedoso, comentou Abel:

– Pelos seus desmandos, fez-se a humanidade presa de infeliz estigma. Enquanto Deus quer caridade e não sacrifício, simplicidade e não complicações formais, certos homens, que a si mesmos se julgam mestres de religião, encomendam e recomendam *dores* e *sacrifícios*, *torcendo a verdade* e indicando o caminho blasfemo! A mentira tomou o lugar da Verdade Fundamental, o erro foi imposto e a exploração tem vigência garantida! Com isso, depois de quase completados vinte séculos de ação cristã, ou *dita cristã*, a humanidade está envolta pelo labirinto das mais tremendas contingências, é presa nas garras da angústia, não sabe como resolver os mais prementes de seus problemas, os mais inadiáveis, e que poderiam ser os mais *simples* e *fáceis*. Bem, amigo Lira, vamos socorrer o irmão de que já lhe falei. A humanidade, ora mais, ora menos, em cada um de seus elementos irá encontrando a *saída final*... A Lei não dorme e a Justiça não se faz tardar, jamais. O grande mal, que surte dos erros, é retardar e fazer sofrer. Entretanto, quem poderá ensinar àqueles que, sendo maus alunos pretendem passar por mestres infalíveis, senão a vida, a infalível disciplinadora? Não é certo que, depois de todos os fracassos, além de todas as conseqüências funestas, sobram sempre os espíritos e as suas responsabilidades?

Quando ia dizer qualquer coisa, eis que nos víamos defronte ao *Gólgota*. Não poderia sentir mais, vibrar mais; tudo em mim fremiu; senti vir da terra torrentes poderosas, vibrações encantadoras, envolventes enleios, parece que musicados, contendo suavíssimas modulações.

Quando olhei para Abel, estava ele concentrado, brilhando, fulgurando. O bom amigo de Jesus, em cuja residência comera e repousara, devia estar com o pensamento em subidas esferas. Entrei a orar, aguardando pela sua palavra. Pouco depois, convidou-me:

– Vamos em busca do irmão.

Fomos ao local onde se achavam milhares de espíritos desencarnados, criaturas de todos os matizes hierárquicos e propositais; cada qual, naturalmente, encerrando um objetivo, alimentando específicas soluções, reclamando sabe Deus que assistência, cogitando os mais disparatados conceitos, crendo mais, crendo menos, armados de certezas e desarmados de tudo. O local da crucificação e seus arredores estavam atopeitados, fervilhavam preces e levantavam-se agudas lamentações. O ambiente era francamente cosmopolita; viam-se ali representantes de todas as raças e povos.

– Que quadro! – exclamei, olhando bem nos olhos profundos de Abel.

O grande mentor respondeu-me:

– Repara, pois enquanto são múltiplas as concepções, e as situações e condições, uma é a *realidade básica*. Chocam-se os conceitos e os preconceitos; mas, onde estaria o poder humano capaz de modificar a *Verdade Fundamental*? Essas criaturas, em sua grande maioria, buscam o caminho da salvação na adoração exterior, na contemplação, nalgum possível mistério ou através de algum acreditado milagre, partem de premissas erradas, e nada resolvem de fato, porque se esquecem de que o Reino do Céu está dentro e não fora, deve ser edificado à custa de serviços amorosos e sábios, nunca, porém, como sendo obra de favores ou de propinas legislativas.

– A lição do Cristo foi simples, mas a interpretação humana tornou-a complexa. Irmão Abel, essa gente, como diz, em sua maioria, procura o Cristo de fora pelos engenhos humanos, ao invés de trabalhar pelo soerguimento do Cristo interno através da lição infalível do Cristo externo ou modelar. Há erro, muito erro em quase tudo isso, e é difícil precisar, não o processo infalível, mas sim o modo de se fazer entendê-lo. Que diriam eles, os mais tardos, se pudessem ver os mais revestidos de luz e poder? No entanto, por que é vedado fazer isso? E poderíamos julgar a Lei e reprimir a Justiça?

Sem dar-me tempo de prosseguir, emendou Abel:

– Se Jesus voltasse ao mundo, como homem, para ensinar, de novo viveria a Lei e cultivaria a Revelação, sobre essas bases edificando, de novo, a Sua Igreja. Portanto, sejamos servos fiéis, dando o que nos é devido e possível dar, mas acima de tudo observando o Supremo Determinismo. Deus sabe o que faz...

Enquanto falava, encaminhava-se para um certo lugar, parando em frente a entristecido e recurvado homem. Depois de fitá-lo por algum tempo, chamou-o:

– Isaías! Isaías!

O encurvado homem ergueu a cabeça, mostrando um rosto vincado e lagrimoso. Em seus olhos apareceu, aos poucos, estranho brilho, evidente indagação. Como Abel o fitasse, em silêncio, fez ele pergunta, emitindo som vocal cavernoso:

– Quem é?... Algum esquecido amigo ou companheiro?...

Abel revidou-lhe:

– Por que estranhas?

Isaías, depois de menear a cabeça tristemente, fraseou:

– Faz tanto tempo que ninguém fala comigo!... Para mim todos estão vazios, nada sabem, nada podem... Quem é você?...

– Sou – explicou-lhe Abel – um espírito servidor de Jesus; e como Jesus é neste planeta, o maior servidor de Deus, já deves compreender para o que vim.

Isaías fechou os olhos, franziu o cenho, abanou a cabeça encanecida. Sua mente, bem se viu, andou vagando pelos ermos de um passado nebuloso, confuso, vivido entre as garras de múltiplos *comodismos e sáfaras cogitações religiosas*. Quando abriu os olhos, rogou:

– Por favor, levem-me embora. Estou farto de tudo isto! Sei que errei, sei que sou devedor; mas, sei, também, que desejo recuperar o tempo perdido. Aqui nada se consegue... Legiões vêm, legiões vão!... É gente que chora, é gente que roga, é gente que ri, tudo numa promiscuidade quase inacreditável. Às vezes surgem vultos luminosos, mas nada fazem, nada dizem... Olham, observam e partem. E a vida continua, legiões vêm, legiões vão!... Nos dias evocativos, então, tudo por aqui aumenta de frequência e fervor! Falas diferentes, modos esquisitos, atitudes as mais estranhas!... Mas tudo volta ao mesmo, nenhum milagre há, do Céu não descem favores... Deus é sinônimo de Lei e de Justiça!...

– Ainda bem, ainda bem – considerou Abel, evidenciando alegria.

Isaías assentiu, num sinal indelével de cabeça:

– Sim, sim. Tenho meditado muito, tenho aprendido bastante. Fiz da vida um *misto de cultos*... Fui mentor religioso, fui industrial, fiz traficâncias de toda ordem. Era um na minha igreja, era outro na vida pública, era ainda outro em diferentes funções... Hipócrita, isso é que fui!... Ao deixar a carne fui avisado imediatamente, e pensei ter convencido o Céu, fiquei surpreso. Mas tudo se esfumou, sumiram as esperanças, derreteram-se as primeiras clarinadas... Vaguei pela casa, perambulei pelos escritórios, andei e vi coisas desagradáveis, *tudo rente ao chão*, sem ter amigos, sem ser procurado, sem ter vontade para ir ao encontro de alguém... Orei, invoquei, pedi, roguei ao Céu! Tudo em vão, tudo surdo, nenhuma resposta!... Um dia, quando menos esperava, dei de encontro com certo homem; este, revelando piedade, falou-me e convidou-me a querer alguma coisa. Depois de muito pensar, considerando meus erros, pedi para ver os lugares sagrados do Cristianismo. Pelo menos, julguei, estaria longe dos meus, das minhas fábricas, dos meus inimigos mentais... Sim, muitos pensavam mal de mim e feriam-me, e repeliam-me... Se pudesse estar longe, na Palestina, naqueles lugares tantas vezes referenciados em meus discursos, por certo estaria melhor, descansaria, repousaria a mente e teria refrigério para o coração. Fui trasladado, num abrir e fechar de olhos... Tudo novo, tudo belo, tudo evocativo... Aos poucos veio o enfado, o produto da repetição, num meio contraditório, promíscuo, cheio de misérias e saturado de lamentações!... Porque os seres gloriosos vêm e vão, mas os sofridos permanecem, cambiam-se de certo modo, mas sempre se repetem!... São legiões que se sucedem, que se avolumam, que buscam favores, milagres... Mas, como é de Lei, não encontram os tão desejados milagres e vão-se, para que outras legiões venham, num repetir constante, estafante, quase horripilante...

– Por que não foste para outros lugares? – indagou-lhe Abel.

– Pensei nisso e cheguei a dar alguns passos; mas não pude... Eu me sentia preso, chumbado a este local... Não sei o motivo, mas sei que é assim. Se estivesse longe, em qualquer parte da Terra, creio que tudo faria para vir ter aqui. É como tangível destino, tremendo vaticínio, cruel obrigação!... Eu falei muito no Cristo e realizei por demais a obra do dinheiro, do orgulho, da rapina calculada e das vaidades infernais!...

– É verdade, mas não é tudo, Isaías. Tens um passado, é claro, e por ele terás de que voltar aqui mais vezes. Irás melhorando, recuperando, vencendo. Terás liberdade, verás mais, poderás ver e viver melhores fados. Por ora, no entanto, é bom que o não saibas. Vem conosco, vamos em busca de região melhor...

Pôs-se de pé, num salto, verificando eu que era um homem alto, um tanto encurvado e com as vestes esfarrapadas. Revelou alegria e gratidão, interrompendo as palavras de Abel, para rogar:

– Muito obrigado, Jesus! Muito obrigado!... Reconheço meus erros!... Quero ajoelhar, quero render graças...

Abel advertiu-o:

– Não te ponhas de **joelhos**, que Jesus jamais o desejou e permitiu. Os falsos mestres, que se levantaram no mundo, para fazer o erro em nome Dele, esses é que inventaram semelhantes coisas. Ora de pé, ou como estiveres, mas não pretendas validar um ato de fé através de posturas **físicas**. O bom servo é aquele que tem a **mente sã** e o **coração vibrante de amor**. **Gestos físicos**, aplicados em sentido religioso, **constituem idolatria**.

Isaías fitou-o bem, fez sinal afirmativo e aguardou. Abel, vendo-o confuso, recomendou-lhe:

– Vai orar para ali, onde há menos ruído.

– Quer ajudar-me? – pediu ele.

Abel tomou-o pela mão e conduziu-o, convidando-me a segui-los, com o seu costumeiro gesto de cabeça. Fomos a um local pouco distante, uns duzentos metros do local do Calvário, e os três de pé, com a frente voltada para o alto do monte, fizemos o pensamento elevar-se ao Divino Mestre. Abel colocou a mão direita sobre a cabeça de Isaías, a esquerda sobre a minha cabeça, recomendando atenção. Eu vi transfigurar-se o ambiente, iluminar-se, depois escurecer de novo. As glórias espirituais fizeram-se condições terrenais, apareceram as raças e os povos no redor da cruz, e cada um adorava a seu modo, e cada povo, e cada raça, acreditava estar certo, estar fazendo o melhor possível. Minha consciência repelia aquilo, sabia haver mais *vaidade sectária* do que verdadeiro conhecimento, mais *orgulho* do que simplicidade, mais *fanatismo* do que virtudes. Eu olhava para as gentes, e não sabia porque não olhava para a cruz, quando uma voz infinitamente longínqua ordenou-me:

– Olhe para a cruz! Olhe para a cruz!

A cruz havia-se tornado alta, e aos poucos fez-se luminosa, brilhante, coruscante, quase impossível de ser encarada. Eu abria e fechava os olhos, fazia tudo para vê-la, pois apesar de seu brilho impedir a visão, ela atraía, absorvia, e de maneira estranha, pois eu sentia que ela me puxava. Comecei a orar, sentindo no íntimo profunda ação emotiva, vibrante efeito devocional, arrebatador impulso de ordem divinal. Estava entregue ao êxtase, quando a voz de novo clamou:

– **Olhe para a cruz! Olhe para a cruz!**

Acordei daquele deslumbrante estado, olhei e vi, bem para cima da cruz, todo rodeado de luminosos seres, o vulto glorioso de Jesus Cristo. Legiões iluminadas cercavam-No, hinos eram entoados, parece que as virtudes do Céu penetravam a zona inferior, infundiam-lhe um certo respeito. Estava observando o esforço do Céu, ali representado pelo Cristo e Suas legiões, quando a voz de novo clamou:

– Olhe para as gentes! Olhe para as gentes!

Olhei para as gentes e vi, estranhando muito, ficando conturbado, porque todos se achavam de costas para a cruz, enquanto falavam, pregavam e se diziam cristãos. Preso de amargurada comoção, olhei para a **cruz** e vi que **ela gotejava sangue**. E o sangue caía sobre as gentes, e as feria, porque elas adoravam o Cristo através de **palavras**, de **formalismos**, de **explorações temporais**, menos, porém, de frente, compenetradas do **verdadeiro culto**, que é em obras de **Amor** e de **Ciência**, de onde se levantam a paciência, o perdão, a tolerância e a renúncia, fundindo a criatura ao chamado Criador, através do Exemplo Imortal de Jesus, cuja luminosidade **pairava, no alto**, a fim de servir aos verdadeiros obreiros da Verdade.

Aos poucos, fui ouvindo a voz de Abel, que me chamava. A *grande visão* tivera fim, tudo voltando ao natural. Perambulavam por ali romeiros, almas sofridas e embuçadas, espíritos de todos os naipes, criaturas de todos os pontos da Terra e afeiçoadas aos mais variantes matizes religiosos.

– Vamo-nos! – convidou Abel.

Quando olhei para Isaías, estava ainda esfarrapado, encurvado, mas o seu interior vibrava alto, pois mantinha o semblante feliz, os olhos brilhantes, a mente em pleno contato com a esfera superior. Estava reconhecido, iria trabalhar pelo *bem alheio*, único fator de beneficiamento pessoal.

Fomos subindo, deixando lá em baixo a Jerusalém terrena...

Dentro de breves horas, tomarei conta de meu novo *fardo carnal*, instrumento através do qual hei de lidar, a fim de realizar *no íntimo a Jerusalém Celestial*, ou dar um passo a mais, pois lenta é a caminhada nesse rumo. Espero em Deus, espero em Jesus, confio nas muitas amizades e prometo ser fiel servidor. Como sabemos ser a Doutrina Excelsa, produto da fusão absoluta dos fatores Lei e Revelação; e como sabemos, também, que a todos nós, comandados de Jesus, cumpre dar o **testemunho** devido, em pensamentos, palavras e atos, eis que nos propomos à melhor realização. Nem de outro modo, hão de voltar as gentes a frente para o Imortal Exemplo. E, como é da Lei, **cada um receberá segundo as suas realizações.**

F I M